

@inelcio “@verdademz:
Jovem morre estrangulado
em bandeira do partido
Frelimo [verdade.co.mz/
newsflash/48846](http://verdade.co.mz/newsflash/48846)”

@CharlesMonizArt
doadores de sangue em
Nampula queixam-se de
maus tratos e abandonam associação
@verdademz

@chuabo1961 @
verdademz Mais um
grandioso erro, de Sultura
desse criminoso, no país de origem
seria último dia dele.

@gil_vicente4 RT @
DemocraciaMZ:
Comemoramos 40 anos
assinatura Acordos de Lusaka entre
Frente de ... m.tmi.me/1elZyk

@O_BoniiTinhoo RT @
DemocraciaMZ: MT @
lapopistelli “#Frenamo e
#Relimo assinam formalmente
acordo de #Paz em #Moçambique
pic.twitter.com/5aXGjoHMLN”!! I’m
HaPPy

@JoaoMachone @
DemocraciaMZ viva a paz.
Ja estavamos com
saudades. Atenção: para que ela seja
duradoura cabe a cada um de nós.
Acarinhemos a PAZ

@inelcio “@verdademz:
Fernando Machiana: a
esperança de Matalana
#Moçambique [verdade.co.mz/
cultura/48705](http://verdade.co.mz/cultura/48705) [pic.twitter.com/
eS51O9AnYF](http://pic.twitter.com/eS51O9AnYF)” @Nadir_Nady



@nyakasanga @
verdademz proprietário de
hotel em tete despejado
ilegalmente... #corrupção
#intimidação

@Zerinho_b4 RT @
DemocraciaMZ: Afonso
Dhlakama #Renamo acaba
de aterrar no aeroporto internacional
de Mavalane #Moçambique

@maccua #MOÇAMBIQUE
- A LENDA SE MATERIALIZA
RT @DemocraciaMZ: A_
Dhlakama #Renamo acaba de aterrar
no aeroporto internacional de
Mavalane #Moçambique

@tomqueface As pessoas
estão todas entusiasmadas,
querem tocar, segurar,
fotografar Afonso #Dhlakama Pic via
@DemocraciaMZ [pic.twitter.com/
FngWYnW2pi](http://pic.twitter.com/FngWYnW2pi)



A moçambicana número um do Karate



Desporto PÁGINA 20

Pergunta à Tina

SMS
email

90 441

averdademz@gmail.com

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA DE SABER SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA



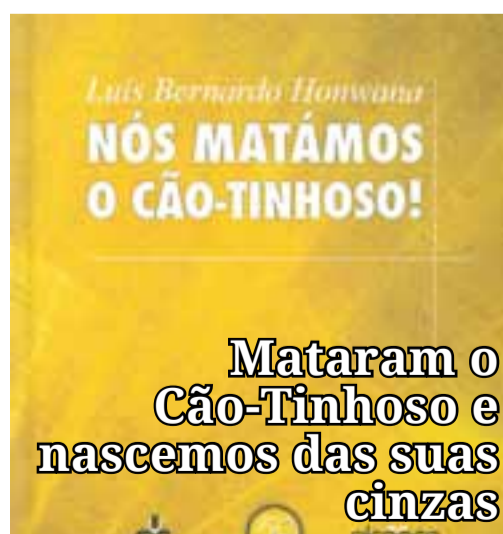
Suspensas as buscas
do menor desapare-
cido em Nampula

Sociedade PÁGINA 08



Os empecilhos da
Zona Económica
Especial na
Zambézia

Destaque PÁGINA 14



Mataram o
Cão-Tinhoso e
nascemos das suas
cinzas

Plateia PÁGINA 28

Editorial

averdademz@gmail.com

Dinheiros públicos a saque

O desvio e o roubo de dinheiros públicos por quem os tinha a seu cargo tende a ser um crime comum nas instituições públicas. O saque é pela medida grande e os estratégias a que se recorre para delapidar o erário são sempre os mesmos: falsificação de folhas de salários e de assinaturas e pagamentos de vencimentos a funcionários que nunca existiram ou até mesmo a quem já não faz parte do mundo dos vivos. Isto não é aceitável e rompe com quaisquer pressupostos de uma administração pública que se rege por princípios de decência.

Segundo o Gabinete Central de Combate à Corrupção (GCCC), entre 2008 e 2013, oito funcionários públicos saquearam dos cofres do Estado cerca de sete milhões de meticais paras as suas necessidades alheias ao interesse público. Do grupo constam três funcionários públicos afectos ao município de Chibuto, na província de Gaza, que se apoderaram de três milhões e duzentos mil meticais com recurso à falsificação de documentos e ao pagamento de salários a trabalhadores “fantasmas”. Um governo não se pode vergar perante meia dúzia de ladrões.

Que são estes, afinal, os funcionários que pululam na administração pública e que dirigem sectores vitais para o desenvolvimento do país já não espanta ninguém. Porém, o que é repugnante é saber que temos instituições e leis que não funcionam. São simplesmente inertes tal como as próprias entidades de inspecção! Foram cinco anos de roubo e ninguém foi capaz de abortar tais situações? Isto sugere que em relação à fiscalização do uso de fundos e outros bens públicos, o problema parece mais grave do que se imagina.

A pretexto de se tornarem bons servidores do Estado, os funcionários em causa juraram promover boas práticas mas fica, aqui, registado para a história, que tinham os olhos postos no erário. Na Educação, onde foram desviados 144 milhões de meticais, desde 2006, através de esquemas similares aos que nos referimos acima, e o caso ainda não está esclarecido por quem de direito, um director dos Serviços Distritais, coadjuvado por um técnico da mesma instituição, roubou um milhão, cento quarenta e sete mil meticais.

O regabofe com o dinheiro público repetiu-se noutras parcelas do país, deixando a nu e cru as fragilidades do Estado. O facto de o nosso sistema político admitir a corrupção é prova bastante de que um governo composto por gente honesta não passa de uma utopia no nosso seio. Não bastava sermos dirigidos por devassos. Agora, caímos nos tentáculos de peculadores. E o que nos indigna é que, enquanto o Estado estabelece regras de funcionamento de instituições sob a sua alçada, os prevaricadores saqueiam o erário, a torto e a direito, e, na pior das hipóteses, não são responsabilizados pelos seus actos lesivos.

Indigna-nos ainda estarmos perante sinais claros de que certos dirigentes e funcionários públicos, principalmente gente da máquina administrativa, recorrem, cada vez mais, a meios ilegais e às suas posições para enriquecimento próprio. O lugar de gente que vive à custa do roubo é a cadeia. E todos nós somos cúmplices desta bandalheira que ameaça capturar o Estado porque nunca nos manifestamos contra; por isso, eles vão saquear mais dinheiro até que se desencadeie uma contra-ofensiva.



Boqueirão da Verdade

“A fusão da ganância com a incompetência tem uma necessidade absoluta de gerar o caos e subdesenvolvimento, porque esse é o único nível que é capaz de comandar, e é preciso que os cidadãos percam todas as referências e baixem o seu nível de exigência, e que as novas gerações cresçam já sem referências nenhuma, e julguem que se pode chamar ‘escola’ a um amontoado de adolescentes humilhantemente sentados no chão. Uma sociedade desenvolvida varreria rapidamente a fusão da ganância com a incompetência para o lugar que genuinamente lhe pertence: o caixote do lixo”, **Afonso dos Santos**

“Quando a fusão da ganância com a incompetência, detentora do poder político, se reproduz do todo até à base, em todo o território, pode acontecer que as instituições do Estado entrem em colapso, e o Estado seja neutralizado”, **idem**

“Durante duas décadas, os deputados da Frelimo e da Renamo não puderam desfazer-se da sua inimizade dos tempos de guerra. Ambos os partidos usaram as suas memórias de Guerra como armas no parlamento multipartidário, acusando-se uns aos outros de graves transgressões e crimes e recusando mutuamente a sua legitimidade política (...) o Presidente Quebuzza perde a batalha das ideias quando começa a prender pessoas (...) quando um dirigente político começa a olhar para as leis como forma de resolver os seus conflitos quer dizer que perdeu a capacidade de transmitir uma mensagem que possa ser discutida na sociedade”, **Victor Igreja**

“Muitas correntes de opinião e, muitas vezes, explanações desprovidas de argumento histórico para a escalada de violência a que se assistiu no país focam-se nas lutas das elites pelo controlo dos recursos minerais e económicos. Estas explanações são insuficientes para explicar a erupção de uma nova guerra civil no país. A combinação e os efeitos cumulativos dos efeitos das reformas radicais introduzidas pela Frelimo convidam a uma séria análise para um entendimento apropriado do contexto que deflagrou a erupção da segunda guerra civil em Moçambique”, **idem**

“Na sequência de uma longa análise, argumento que a falta de responsabilização pelos crimes cometidos durante a primeira guerra civil (1976-1992), a tentativa da Frelimo de reparar o sentimento de perda no contexto do AGP e a reconquista do controlo completo das instituições do Estado de uma forma remanescente da era do socialismo contribuiu para um clima político típico de uma transição inacabada”, **ibidem**

“Um parlamento que funciona a reboque e sem iniciativa própria fica muitas vezes ultrapassado e sem relevância face ao panorama político concreto do país. (...) A cooperação internacional necessária não deve ser um atestado da nossa incompetência e incapacidade enquanto cidadãos de um país independente. Resolver e realizar a agenda de hoje e de amanhã é nossa responsabilidade inalienável”, **Noé Nhantumbo**

“Quando um cliente faz uma enco-

menda, ele estabelece um calendário também em função das necessidades dos seus clientes. Mas, devido à infra-estrutura deficiente e má gestão no Corredor da Beira, os operadores funcionam na incerteza. Isso é complicado e ninguém está para isso... os operadores malawianos preferem gastar mais e levar a mercadoria para Dar-es-Salaam”, **Mike Roeder**

“Está difícil circular nas estradas devido ao enorme fluxo de camiões. No porto da Beira, chegam a movimentar-se cerca de 600 camiões, por dia, tornando o porto congestionado, devido à limitação de espaço. O contorno da situação passa pelo aumento de vagões e locomotivas por parte dos CFM, incluindo a melhoria na linha de Machipanda”, **Boaventura Mahave**

“Os desafios do futuro são para levar a sério no presente e é necessário um compromisso sincero das forças políticas moçambicanas com vista à consolidação de um modelo democrático orientado para o progresso e assente em regras de boa governança. Os adiamentos deste compromisso, sejam voluntários ou induzidos pela inércia, terão sempre por consequência mais dias de pobreza, de doença, de fome e de ignorância para a maior parte do nosso povo”, **Afonso Dlhakama**

“Quando os interesses dos representantes se sobrepõem aos interesses dos representados, a democracia está em risco e o Estado deixa de servir o povo e fica ao serviço do punhado de privilegiados com acesso aos corredores do poder. Não é este o momento nem o lugar para ajustar contas com o passado. Mas não devemos ignorar os factores de risco que nos levaram de novo à beira de um abismo de confrontação entre irmãos, para que os possamos efectivamente evitar no futuro”, **idem**

“Depois de tantos anos de democracia, não há razão para que se mantenham desigualdades tão gritantes e que irmãos nossos vivam ainda em condições tão difíceis, longe de todos os benefícios da civilização moderna. Sem hospitais, sem escolas, sem acesso a oportunidades dignas de emprego e à promoção social que a independência, primeiro, e a democracia, depois, lhes prometeram. Está nas nossas mãos mudar este estado de coisas. Demos, agora, os primeiros passos mas fica ainda muito por fazer com vista a libertar o Estado moçambicano da sua actual servidão partidária”, **ibidem**

“(…) trabalhei durante cinco anos para este município, hoje saí, querem levar-me o carro, podem comprar outra viatura se quiserem entregar ao novo presidente”, **Basílio Banda**

“Governar em plano inclinado, com todo o aparato judicial fazendo vista grossa a irregularidades flagrantes algumas consubstanciando crimes contra a coisa e causa públicas não contribui para enraizar a democracia. (...) Cantar que a ordem estabelecida é a regida pela constituição da República é importante mas insuficiente para solucionar os problemas de hoje que se foram acumulando num processo deliberado de adiar o inevitável enquanto alguns enriquecem”, **Noé Nhantumbo**

OBITUÁRIO:

Joan Alexandra Molinsky
1933 – 2014
81 anos



A humorista e rainha estadunidense das cerimónias de carpete vermelha, Joan Alexandra Molinsky, morreu na quinta-feira passada, 04 de Setembro em curso, num hospital de Nova Iorque, onde se encontrava internada há uma semana e em coma induzido.

A comedianta e apresentadora do programa Fashion Police, Joan Rivers – de nome real Joan Alexandra Molinsky – foi hospitalizada em estado crítico quando deixou de respirar durante uma cirurgia às cordas vocais numa clínica da região nova-iorquina de Upper East Side, Manhattan. Ela foi mantida em terapia intensiva durante os dias em que esteve internada até que, infelizmente, não resistiu e perdeu a vida.

Na sua longa carreira de mais de cinco décadas, Joan Rivers ganhou a fama de ser uma das lendas de humor americano, tendo sido conhecida como “a rainha da comédia americana”. Ela foi também uma das primeiras mulheres a fazer Stand Up Comedy e ficou bastante famosa em Hollywood.

Ela começou a tornar-se personalidade de televisão norte-americana na década de 1960, quando se estreou num talk-show denominado The Tonight Show. Mais tarde, em 1965, ganhou a sua primeira visibilidade ao aparecer no mesmo programa, organizado por Johnny Carson, como convidada.

A comedianta fez sucesso nos cafés nova-iorquinos, passou a marcar presença constante no The Tonight Show e considerava Johnny Carson seu mentor. Uma das características mais marcantes dela – que perdeu o marido, Edgar Rosenberg, quando ele se suicidou, em 1987, vítima de depressão profunda – era a sua voz rouca, a irreverência e o bom humor.

Joan era filha de imigrantes judeus russos, Beatrice Grushman (1906-1975) e Meyer C. Molinsky (1900-1985). Em 1984, a artista publicou um bestseller intitulado The Life and Hard Times of Heidi Abramowitz, um livro de memórias que retrata uma personagem espontânea de comédia. Divulgou ainda muitos álbuns de humor e um ano mais tarde viria a ser nomeada para um Grammy Award.

Do seu espólio constam várias obras, entre elas as seguintes: Ter um bebé pode ser um grito, De mãe para filha: pensamentos e conselhos sobre a vida, amor e casamento, Eu odeio todos ... a começar por mim.

Em 1986, Joan ganhou um milionário programa próprio, mas foi demitida menos de um ano depois pela baixa audiência. Antes de entrar no show business, Joan trabalhou em vários empregos, como guia de turismo. Ela dedicou grande parte do seu tempo à filantropia, incluindo actividades de prevenção do VIH/SIDA e activismo.

Joan era uma actriz, comedianta, escritora, produtora e apresentadora de televisão norte-americana por mérito. Ao lado da sua filha Melissa Rivers, a artista protagonizou a série Joan & Melissa: Joan Knows Best.

À data do seu desaparecimento físico, ela apresentava o Fashion Police, em que analisava, com irreverência, as roupas usadas por celebridades.

Ficha Técnica

MAPUTO-Av. Mártires da Machava 905
NAMPULA-Av. 25 de Setembro 57 A
Telemóvel+258 86 75 81 784
Telemóvel+258 84 39 98 624
Telemóvel+258 82 30 56 466
Fax+258 21 490 329
E-mail:averdademz@gmail.com

Jornal registado no GABINFO, sob o número 014/GABINFO-DEC/2008; Propriedade: Charas Lda; Fundador: Erik Charas.

Director: Adérito Caldeira; Director-Adjunto: Sérgio Labistour; Chefe de Redacção: Emildo Sambo; Redacção: Inocêncio Albino, Alfredo Manjate, Coutinho Macanandze, Duarte Siteo, Reinaldo Nhalivilo, Intasse Siteo; NAMPULA - Delegado: Hélder Xavier; Chefe de Redacção: Júlio Paulino, Sérgio Fernando, Sebastião Paulino; Colaboradores: Milton Maluleque (África do Sul), Alexandre Cháuque (Inhambane), John Chékwa (Catandica), Fernando Domingos (Búzi); Director Gráfico: Nuno Teixeira; Paginação e Grafismo: Danúbio Mondlane, Hermenegildo Sadoque, Avelino Pedro; Revisor: Mussagy Mussagy; Director de Distribuição: Sérgio Labistour, Carlos Mavume (Sub Chefe); Administração: Sónia Tajú; Internet: Francisco Chuquela; Periodicidade: Semanal; Impressão: Lowveld Media, Stinkhoutsingel 12 Nelspruit 1200.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.



Britalar

Depois de, há meses, três laboratórios independentes terem afirmado que até os leigos podem verificar que a construtora Britalar, responsável pela reconstrução de um troço da Avenida Julius Nyerere, destruído pelas enxurradas do ano 2000, na cidade de Maputo, usou material de má qualidade para reabilitar a via, esta firma portuguesa diz que decidiu “congelar” as obras e relaxar as máquinas até que a edilidade pague uma dívida resultante da empreitada. Uma tal engenheira não avança o valor do alegado encargo financeiro mas acrescenta que a Britalar está desde Janeiro a usar fundos próprios para o prosseguimento dos trabalhos de reabilitação daquela estrada. Esta é uma atitude própria de xicos. O município que não proceda a nenhum pagamento antes de a construtora resolver o problema de má qualidade.

Família de Samuel Ambasse

Está a ser difícil evitar sentir repulsa, tristeza e indignação em relação às pessoas que abusam sexualmente das suas filhas, sobrinhas, enteadas, vizinhas, sobretudo quando se trata de crianças. E não se compreende como é que um cidadão de 49 anos de idade, identificado pelo nome de Samuel Ambasse, confessa às estruturas da zona onde vive e à sua família que violou sexualmente a sua sobrinha de 13 anos de idade, órfã de pais, numa madrugada, no bairro de Hulene “B”, em Maputo, e nada lhe acontece, alegadamente porque os parentes têm o receio de cair descrédito no bairro. Com todo o desprezo do mundo, é preciso denunciar este tipo de crimes repugnantes para prevenir danos morais nas vítimas. Uma família que consente conviver com um violador, principalmente confesso, não é apenas cúmplice, é também promotora desta indecência e cria condições para que a vítima não recupere do mesmo mal.

Nini Satar

Um dos mais mediáticos compatriotas por envolvimento no assassinato do jornalista Carlos Cardoso tem estado a conceder entrevistas de “lavagem de imagem” a alguns órgãos de comunicação social. Eis que numa das suas declarações afirmou que tem dinheiro para “duas gerações”. Definitivamente, Nini Satar, em liberdade condicional ora contestada pelo Ministério Público, deve ter perdido o juízo durante os 13 anos em que ficou enclausurado; por isso, fala sem medir o alcance do que diz ou, talvez, não tem a noção do sentido das próprias palavras. Este cidadão sabe o que é uma geração? A família de Carlos Cardoso está à espera de ser indemnizada há anos. E que tal se Nini usasse uma parte do dinheiro que guarda para as suas “duas gerações” para recompensar os parentes de Cardoso?

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt), uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2ACBB9D9) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Caça ilegal

A batalha contra os paquidermes com vista ao enriquecimento fácil está longe de ter fim. Como prova disso, há dia, seis cidadãos foram detidos recentemente e acusados de prática de caça ilegal de elefantes na Reserva Nacional do Niassa. Na posse dos detidos, que terão matado 39 elefantes este ano, foram encontradas 12 pontas de marfim e duas espingardas. A detenção resulta do trabalho desencadeado pelas autoridades policiais no distrito de Mecula, envolvendo os fiscais da Reserva e de uma empresa de Safaris que opera na região a Luwire. A caça ilegal – ainda sem resposta eficaz por parte das autoridades governamentais – é uma prática comum em Niassa, mormente na coutada Luwire. Alguns chefes de tribos da comunidade de Gogemo, em Mussoma, no distrito de Mecula, por exemplo, são apontados como os promotores do problema, com o beneplácito da Polícia, que, também, faz vista grossa com o intuito de obter dividendos. Para além de haver indivíduos tais como secretários do partido Frelimo envolvidos na caça furtiva naquele distrito, determinados comandantes distritais usam armas com as quais deviam garantir a ordem e a tranquilidade públicas para abater paquidermes.

Forças de Defesa e Segurança que atacaram posição da Renamo em Vunduzi

Não se sabe, ao certo, por que motivos temos um Governo composto por gente com orgulho mesquinho. No domingo passando, certas pessoas deixaram de ir à igreja louvar a Deus e pedir ao Onnipotente para que derrame a sua bênção sobre a Nação e haja uma paz sólida e duradoura, e ordenaram às Forças de Defesa e Segurança (FDS) para tentarem tomar de assalto uma suposta residência do líder da Renamo, em Santhudjira, no posto administrativo de Vunduzi, em Gorongosa. Consta que as FDS foram travadas à bala pelos guerrilheiros da Renamo. Afinal, o acordo de cessar-fogo assinado a 24 de Agosto passado e a homologação, a 05 de Setembro corrente, dos entendimentos eram para que fim? Enquanto isso, há informações segundo as quais a Força de Intervenção Rápida (FIR) recebeu ordens superiores para fiscalizar as viaturas da Renamo com destino ao sul de Moçambique, em virtude da movimentação armas de guerra para serem utilizadas em caso de derrota eleitoral. Há quem ainda não sabe que Dhlakama afirmou que vai aceitar qualquer resultado eleitoral após o escrutínio de 15 de Outubro próximo?

Encerramento da Rádio Progresso

O Instituto Nacional das Comunicações de Moçambique (INCM) mandou encerrar a Rádio Progresso, sita na cidade da Maxixe, província de Inhambane, alegadamente porque o seu sinal interferia com as comunicações do sistema de navegação aérea da zona e punha em causa a segurança de aeronaves que usam esta rota, segundo a reclamação da Empresa Aeroportos de Moçambique EP. A decisão é, sem dúvidas, legal, mas viola os direitos fundamentais dos cidadãos, mormente no que diz respeito à liberdade de imprensa, um direito consagrado na Constituição da República de Moçambique. A estação emissora lesada devia responsabilizar o Estado moçambicano e o Conselho Superior de Comunicação Social (CSCS) tem o dever, também, de interpor recurso com vista a assegurar que os cidadãos continuem a ter acesso à informação por intermédio daquela rádio. Todavia, sabe-se que esta instituição não só tem pautado por negligência e incompetência quando se trata de assuntos como este, como também é dirigida por gente que tem fortes ligações umbilicais com o partido no poder e com o regime todo.

Assinado Acordo de Paz II em Moçambique

Uma nova era dos moçambicanos iniciou na manhã de sexta-feira passada, 05 de Setembro em curso, com a assinatura do Acordo de Paz, na Presidência da República, entre Armando Guebuza e o presidente da Renamo, Afonso Dhlakama, que culminou com abraços e apertos de mãos, simbolizando o fim da crise política e militar que abalou Moçambique durante mais de um ano. O acordo assinado contempla a Declaração de Cessação das Hostilidades Militares, o Memorando de Entendimento, Mecanismos de Garantia de Implementação do Acordo de Cessação das Hostilidades, bem como os Termos de Referência da Missão de Observadores Militares Internacionais.

Texto: Redacção • Foto: Eliseu Patife

Representantes e diplomatas estrangeiros lotaram a majestosa sala da Presidência para testemunharem as declarações de ambas as partes que aliviaram a apreensão de milhões de moçambicanos. Cerca de cinco anos após a sua última estada na cidade de Maputo, Afonso Dhlakama, humildemente calmo, reiterou a necessidade de um Estado democrático e de boa governação.

“Os desafios do futuro são para levar a sério no presente e é necessário um compromisso sincero das forças políticas moçambicanas com vista à consolidação de um modelo democrático orientado para o progresso e aceite em regras de boa governança. Os adiamentos deste compromisso, sejam voluntários ou induzidos pela inércia terão sempre por consequências mais vias de pobreza, doença, fome e de intolerância para a maior parte do nosso povo”, disse Dhlakama nas suas primeiras linhas do discurso.

O líder da Renamo centrou-se na palavra que sempre apreçou: a democracia, e deu a entender ao seu homólogo que a democracia não se constrói com um braço de ferro.

“Quando os interesses dos representantes se sobrepõem aos interesses dos representados a democracia está em risco, o Estado deixa de servir o povo e fica ao serviço de um punhado de privilegiados com acesso aos corredores do poder. Depois do sonho lindo de há duas décadas, quando a paz parecia instalada de vez e a democracia instituída para sempre, assistimos em Moçambique a um processo sistemático de concentração de poder”.

Dhlakama frisou que, a serem cumpridos os recentes acordos de cessação de hostilidades, “o futuro é de esperança entre irmãos, se cada um assumir as suas responsabilidades e os compromissos forem respeitados dia-a-dia nas palavras e nos actos. É para esse futuro de esperança que todos os moçambicanos com os olhos postos em nós nos estão a chamar”.

O líder agradeceu serenamente aos embaixadores da Itália, EUA, Portugal, Botswana e à Alta Comissária da Inglaterra. “A eles se deve o meu regresso à capital do país e a concretização deste novo acordo. Não é este o momento nem lugares para ajustar contas. Nós não devemos ignorar os factores de risco que nos levaram de novo à beira de um abismo de confrontação entre irmãos para que os possamos evitar efectivamente no futuro”.

Dhlakama revelou também que os fundadores da democracia já previam a crise política e militar iminente do país. “Os fundadores da democracia, cedo se aperceberam dos riscos para a estabilidade social de um Governo que se mantém



distante dos pobres e dos desfavorecidos. Espero que o acordo que hoje assinamos possa abrir caminhos ao fim do Estado de partido único. Depois de tantos anos de democracia, não há razão para que se mantenham desigualdades tão gritantes e que os nossos irmãos vivam ainda em condições difíceis longe dos benefícios da civilização moderna...”

O dirigente do maior partido da oposição não contornou os problemas vividos actualmente por milhões de moçambicanos e disse a muitos concidadãos seus, que ainda vivem longe dos hospitais, de escolas, sem acesso a oportunidades dignas de emprego e à promoção social que a independência e democracia lhes consagraram. As forças militares também foram alvo do líder da Renamo. “Está nas nossas mãos mudar o estado destas coisas”, vinco Dhlakama, acrescentando que “apesar de novas oportunidades de recursos naturais, não nos devemos jamais esquecer de que a maior riqueza do país são os moçambicanos”.

Para o Chefe de Estado, Armando Guebuza, com a assinatura deste acordo de cessação de hostilidades militares entre as duas forças assume-se, ao mais alto nível, o início do processo de desmilitarização, imobilização e reintegração das forças residuais da Renamo, por um lado, na vida civil em actividades económicas e sociais, e, por outro lado, nas Forças Armadas de Moçambique e na Polícia de Moçambique, para que este partido político se conforme com o estipulado na lei e prossiga com os mecanismos de diálogo político e social”.

Guebuza também mandou alguns recados à “Perdiz” ao de-sejar-lhe boa sorte na implementação das exigências do seu movimento nos seguintes moldes: “Esperamos que o presidente da Renamo e o seu partido se coloquem à altura das expectativas criadas com este acto que hoje aqui nos une e dos desafios inerentes à materialização dos desígnios deste

acordo incluindo no que concerne às iniciativas anunciadas”.

Aprovada Lei de Cessação das Hostilidades Militares em Moçambique

A Assembleia da República (AR) aprovou na segunda-feira, 08 de Setembro corrente, por consenso e na especialidade, a Lei do Acordo sobre a Cessação das Hostilidades Militares em Moçambique, após a homologação dos documentos que a compõem, semana finda, pelo Presidente, Armando Guebuza, e pelo líder da Renamo, Afonso Dhlakama.

O dispositivo ora chancelado na IV sessão extraordinária da AR é constituído pela Declaração de Cessação das Hostilidades Militares, pelo Memorando de Entendimento, pelos Mecanismos de Garantia e Termos de Referência da Equipa Militar de Observação da Cessação das Hostilidades.

A lei em alusão, composta por três artigos, visa essencialmente tornar definitivo e exequível o acordo político entre o Governo moçambicano e a Renamo. Segundo Benvinda Levi, ministra da Justiça, os documentos homologados não permitem aditamentos ou novas interpretações dos seus conteúdos que estejam fora da letra e do espírito dos consensos alcançados no âmbito do diálogo político entre as partes.

A implementação do dispositivo legal terá um impacto orçamental de 540.200.000,00 (Quinhentos e quarenta milhões e duzentos mil meticais), de acordo com a Presidência da República.

Refira-se que a Equipa Militar de Observadores Internacionais da Cessação das Hostilidades Militares (EMOCHM), é composta por peritos de Botswana, Zimbabwe, África do Sul, Quênia, Cabo Verde, Portugal, Itália, Reino Unido e EUA, e começou a chegar ao país na terça-feira (09/09).



VERDADE
todos os dias
A verdade em cada palavra.

www.verdade.co.mz

facebook.com/JornalVerdade

twitter.com/verdademz

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

Adulto estupra criança e fica impune em Maputo

Um cidadão de 49 anos de idade, que responde pelo nome de Samuel Ambasse, confessou ao @Verdade e às estruturas da zona onde vive que violou sexualmente a sua sobrinha de 13 anos de idade, órfã de pais, na madrugada da última segunda-feira, 08 Setembro em curso, no quarteirão 45, no bairro de Hulene “B”, na capital moçambicana. Apesar do abuso, a família não se queixou às autoridades policiais supostamente por receio de ser desacreditada no bairro e, assim, o indivíduo não foi preso.

Texto : Redacção • Foto : WLSA Moçambique

Esta situação constituiu um exemplo de algumas lacunas que ainda constam do novo Código Penal, especificamente no artigo 24 (Encobridores), que, segundo a WLSA (organização não-governamental que vela pelos direitos da mulher em alguns países da África Austral) Moçambique falha na protecção de menores que sofrem de violência sexual dentro das suas famílias.

“Com efeito, este artigo isenta dos crimes de encobrimento os cônjuges e familiares, permitindo-lhes alterar ou desfazer os vestígios do crime com o propósito de impedir ou prejudicar a formação do corpo de delito, ocultar ou inutilizar as provas, os instrumentos ou os objectos do crime com o intuito de concorrer para a impunidade”, considera a WLSA.

Neste caso, mais do que encobrir um crime, a saúde da adolescente está em risco em virtude de não ter sido encaminhada a uma unidade sanitária para observação, o que no futuro pode trazer consequências graves.

Segundo informações, o acto deu-se por volta das 02h00. O estuprador confesso introduziu-se no quarto onde a menina se encontrava a dormir, agarrou-lhe à força e obrigou-lhe a manter o coito consigo. Para atingir o seu objectivo, o visado ameaçou expulsar a vítima de casa, uma vez que, em resultado de ter perdido os progenitores precocemente, depende dos tios para sobreviver.

O apelido da miúda cujo nome omitimos por motivos óbvios coincide com o do acusado, depreendendo-se que ele seja tio. A rapariga não quis prestar depoimento devido ao trauma e medo de sofrer represálias, mas através do chefe do quarteirão, Orlando Rafael, ficámos a saber que ela se queixa de dores fortes nos órgãos genitais mas a família não aceita levá-la ao hospital por-



que pretende manter o caso em segredo.

De acordo com um dos parentes de Samuel Ambasse, este passou todo o dia (domingo) fora de casa na companhia de amigos e a ingerir bebidas alcoólicas. Ninguém se apercebeu quando ele chegou à casa de madrugada mas, de repente, ouviram choros de desespero por parte da filha do seu falecido irmão.

Samuel disse à nossa Reportagem que estuprou a sua sobrinha porque estava embriagado e não deu conta do crime hediondo que estava a cometer. “Estou envergonhado daquilo que fiz. Agi inconscientemente e estou arrependido”. Ele alegou ainda que na altura em que irrompeu pelo compartimento onde a petiza estava a dormir pensou que estivesse a entrar no seu próprio quarto.

Por sua vez, o chefe do quarteirão, Orlando Rafael, mostrou total ignorância em relação aos procedimentos que devem ser tomado relativamente a casos de estupro. Ele afirmou que consente que o assunto seja resolvido entre a família para não se criar distúrbios no quarteirão.

Num outro desenvolvimento, Orlando disse que se manifestou a favor do silêncio supostamente porque a menina não tem a quem recorrer caso seja expulsa de casa. “O seu tio é a única família que ela tem neste momento e não seria conveniente meter uma queixa. Isso iria prejudicar a todos, incluindo a menina”.

Que fazer em caso de violação sexual?

- Mantenha a calma e tente fixar o maior número de indicadores que lhe permitam descrever o agressor, cor e corte de cabelo, cor dos olhos, cicatrizes, sotaque, outras características, quer do agressor, quer do veículo, se existir, como marca, cor, matrícula, etc.;
- Não faça uma higiene profunda, a nível ginecológico, sem ser vista/o por um médico ou perito;
- Preserve todas as peças de roupa que vestia na altura da violação, sem as lavar;
- Preserve qualquer objecto que lhe pareça ser pertença do agressor, mesmo uma ponta de cigarro;
- Dirija-se à esquadra de Polícia mais próxima e o mais rapidamente possível. As peças de roupa e os objectos referidos anteriormente são para entregar na altura da apresentação da queixa;
- Na esquadra deve ser encaminhada/o para os serviços de urgência da unidade sanitária mais próxima, onde deve ter prioridade no atendimento;
- Na unidade sanitária devem ser colhidas evidências da violação sexual e a vítima deve ser tratada de acordo com o Protocolo de Assistência às Vítimas de Violência Sexual.

O que é o Protocolo Médico de Assistência às Vítimas de Violência Sexual?

Este Protocolo é um regulamento de aplicação obrigatória em todas as Unidades Sanitárias, e que visa garantir o bom atendimento a todas as vítimas, prevenir doenças que possam surgir em resultado da violação e fornecer provas para instruir o processo criminal, permitindo a criminalização dos agressores.

O Protocolo inclui as seguintes medidas:

Se a violação ocorreu antes de terem decorrido 72 horas:

- Fazer a testagem rápida para o VIH
- Fazer a testagem da sífilis
- Fazer a colheita de secreções vaginais para avaliação médico-legal
- Providenciar quimioprofilaxia para o VIH por um mês (para evitar contrair o vírus)
- Contracepção de emergência (para evitar engravidar do violador)

Se já tiverem passado mais de 72 horas:

- Realizar a profilaxia para as ITS (infecções sexualmente transmissíveis)
- Realizar a testagem rápida para o VIH e Sífilis

Cidadão continua preso depois de ser ilibado pelo tribunal

Além do caso a que nos referimos anteriormente, um cidadão que responde pelo nome de Henriques Nuvunga, de 37 anos de idade, residente no bairro da Costa do Sol, em Maputo, está a ver o sol aos quadrinhos na Cadeia Central de Maputo depois de ter sido ilibado da acusação de violar sexualmente a sua filha de 17 anos de idade, em Abril de 2013.

David Tivane, primo do indiciado no processo número 137/13, contou ao @Verdade que na altura em que a sua sobrinha, identificada pelo nome de Amélia Nuvunga acusou o próprio pai de a ter estuprado e engravidado, ela já estava no terceiro mês de gestação.

Em Dezembro de 2013, a miúda deu à luz um bebé prematuro no Centro de Saúde da Costa do Sol, donde foi transferida para o Hospital Geral de Mavalane para assistência médica. Devido a este facto, a família, que nunca acreditou que Henriques pudesse ter violado a própria filha, começou a efectuar diligências para que o suspeito fosse julgado.

Para o feito, os parentes exigiram a apresentação de um documento da Medicina Legal como prova de que Amélia teria sido abusada sexualmente. Porém,

de Dezembro de 2013 a Julho de 2014, não havia nenhum resultado de exames que pudessem contribuir para o esclarecimento dos factos.

Inconformado com a situação, David recorreu ao Tribunal do Distrito Municipal KaMavota, onde um técnico judiciário identificado pelo nome de Fernando Pedro exigiu daquele um valor de 10 mil meticais supostamente para influenciar os juizes encarregues da tramitação do processo a torná-lo mais célere.

Volvidas semanas, as famílias Nuvunga e Tivane não tinham conseguido obter nenhum dado. Agastado com as demoradas diligências feitas por Fernando Pedro, David recorreu aos próprios meios para apurar os factos. Num belo dia, conheceu um agente da Polícia de Protecção afecto à 5a esquadra adstrita ao Hospital Central de Maputo (HCM), o qual tem feito intervenções em casos de violações sexuais. O indivíduo em causa apurou que a adolescente que supostamente foi estuprada não foi submetida a nenhum exame médico; por isso, nenhum laudo pericial tinha sido lavrado nem houve intervenção de nenhum legista no caso.

Perante essa informação, o nosso entrevistado e

os parentes duvidaram cada vez mais de que Henriques tenha abusado sexualmente da filha e suspeitaram, também, da existência de indivíduos de má-fé interessados em prejudicar o suspeito para se alcançar objectivos desconhecidos.

De mais a mais, Fernando passou a evitar manter contactos com David e raras vezes atendia os telefonemas deste ou alegava que não tinha tempo devido a presumíveis reuniões de trabalho.

O @Verdade procurou ouvir a versão de Fernando sobre as acusações que pesam sobre si, mas ele não se soube explicar. Quando questionado sobre o que fez com o dinheiro desembolsado por David a seu favor, ele simulou que não estava a ter retorno da nossa parte. Em seguida, suspendeu a chamada telefónica e nunca mais esteve contactável.

Cansado de esperar, David dirigiu-se ao Centro de Assistência Social na Cadeia Central de Maputo e expôs o caso a um funcionário cujo nome não revelou, o qual telefonou para o Tribunal do Distrito Municipal KaMavota para apurar o que se passava. Daquela instituição, ficou-se a saber de que Henriques não seria restituído à liberdade em resultado

de ter cometido um crime hediondo e punível.

Semanas depois, as pessoas contactadas por David fizeram diligências até que o Tribunal do Distrito Municipal KaMavota instaurou um novo processo com o número 867/13, através do qual Henriques foi julgado em 27 de Agosto passado.

A 29 do mesmo mês, ele foi absolvido por se ter provado que não cometeu o crime de era acusado. Entretanto, a sentença foi proferida na ausência do arguido, alegadamente porque não foi notificado devido à negligência e incompetência dos serviços de diligências daquela estância jurídica.

Volvidas duas semanas, Henriques continua detido porque, segundo David, o oficial de diligências daquele tribunal, identificado apenas pelo nome de Mazembe, alega não ter tempo para encaminhar o mandado de soltura à Cadeia Central.

Mazembe disse ao nosso Jornal que houve uma falha técnica que constituiu impedimento para a libertação de Henriques, e este continuava detido até ao fecho da presente edição.

Caçadores furtivos detidos na reserva do Niassa

Seis cidadãos foram detidos recentemente e acusados de prática de caça ilegal de elefantes na Reserva Nacional do Niassa. Na posse dos detidos, que terão matado 39 elefantes este ano, foram encontradas 12 pontas de marfim e duas espingardas. Esta importante detenção feita pelas autoridades policiais no distrito de Mecula resulta de mais de 10 meses de investigação conjunta envolvendo também fiscais da Reserva e de uma empresa de safaris que opera na região de Luwire.

Texto: Redacção • Foto: Luwire Anti-Poaching

Refira-se que dados divulgados pelo @Verdade em Janeiro deste ano indicavam que no Bloco L-7 da Reserva Nacional do Niassa, sobretudo na coutada Luwire, ocorrem muitos episódios de caça furtiva. Na sua maioria são protagonizados por alguns líderes tribais. Por exemplo, o chefe da comunidade de Gogemo, em Mussoma, no distrito de Mecula, Paulo Raul, foi capturado com 18 munições para armas de calibre 375 e 458.

Agostinho Mungua e Raimundo Miquidade, ambos de Mussoma, também foram interpelados e detidos pelas autoridades locais, pelas mesmas razões. Existem caçadores furtivos oriundos da Tanzânia que operam numa das margens da Reserva, e os naturais de Mussoma que actuam em Luwire-Lugenda.

Em Mussoma, existia um caçador furtivo conhecido pelo nome de Paulo Nhenge, que desenvolvia a sua actividade em Luwire na companhia de Agostinho Mungua e Carlos Ussene Maito, secretário do partido Frelimo em Mecula.

Na altura, em conexão com o chefe tradicional de Mpamanta, um comandante distrital da PRM, conhecido pelo nome de Gelo, introduziu duas AKM-47 na zona da concessão de Luwire (L-7) e abateu um búfalo.

Ainda em relação à recente detenção, entre as pontas de marfim apreendidas, e que estão avaliadas em mais de 150 mil dólares norte-americanos, duas foram identificadas como pertencentes a um elefante com mais de 40 anos de idade.

A Reserva do Niassa alberga a maior população de elefantes de Moçambique, estimada actualmente em cerca de 13 mil paquidermes. Na luta para travar a caça ilegal, o Governo trabalha em estreita parceria com a Sociedade de Conservação da Vida Selvagem, desde 2012, altura em que a Reserva viveu um dos seus momentos mais dramáticos: no último trimestre de 2012 e o primeiro de 2013, foram abatidos ilegalmente cerca de dois a três elefantes por dia.



Os caçadores ilegais detidos já deverão ser penalizados ao abrigo da nova Lei das Áreas de Conservação, aprovada em Abril deste ano pelo Parlamento moçambicano, e que agrava as penas para a caça ilegal, principalmente de espécies em perigo de extinção.

O projecto de lei, aprovado por unanimidade, propõe penas de prisão de entre oito e 12 anos para quem abater, sem licença, qualquer espécie protegida particularmente com recurso a explosivos ou substâncias tóxicas.

Trata-se de uma norma que prevê que os culpados pela exploração ilegal, armazenamento, transporte ou venda de espécies protegidas serão sujeitos a multas de entre 50 (cinquenta) e 1.000 (mil) vezes o salário mínimo mensal em vigor na administração pública, o que equivale a multas que variam entre 4. 425 e 88.500 dólares americanos.

A violação das disposições da Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas de Extinção (CITES) também pode resultar em uma multa de até mil vezes o salário mínimo nacional. Assim, um caçador de elefantes ou rinocerontes poderá sofrer uma pena de prisão de 12 anos e uma multa de cerca de 90 mil dólares.

Em Moçambique há indicações de que as rotas do marfim abrangem o seguinte itinerário: à entrada da fronteira entre Tanzânia e Moçambique, a Reserva tem cerca de 410 quilómetros, onde a caça furtiva vem sendo praticada em regime de sindicatos organizados. Eles têm equipamento, técnicas, e conhecimentos do uso de material bélico para o abate de animais.

Alguns entram através da cidade de Pemba, outros pelos distritos de Moeda e de Montepuez, mas a maioria dos caçadores furtivos utiliza a linha da fronteira. Existem caçadores furtivos do distrito de Marupá-Mecula, em Niassa, que estão acantonados na província de Cabo Delgado.

Por outro lado, em Montepuez, na província de Cabo Delgado, existe o Centro de Instrução Militar que facilita a venda de armamento e munições para a caça furtiva na Reserva Nacional do Niassa.

Os maiores vendedores do marfim são cidadãos tanzanianos, mas compram-no em Moçambique. Quando vêm com os seus próprios caçadores, eles é que abatem os paquidermes. As pessoas que carregam o bicho, e as que dirigem o carro mostrando-lhes as regiões seguras recebem uma comissão pelo seu trabalho. Em Marrupa há sempre alguns chineses estacionados à espera da compra do marfim.

O ministro do Turismo, Carvalho Muária, reconheceu, aquando da aprovação da Lei das Áreas de Conservação que agrava as penas para a caça ilegal, que Moçambique é também usado como corredor de contraban-

do de cornos de rinocerontes caçados na África do Sul para o mercado asiático.

O mundo vai marchar contra a caça de paquidermes em África

A caça desenfreada contra os elefantes e rinocerontes em Moçambique deve-se à negligência do Governo que se mostra impotente no desenho de estratégias eficazes com vista a travar o mal e a garantir a protecção destas espécies prestes a desaparecerem, segundo o ambientalista moçambicano Carlos Serra.

A caça furtiva para a extracção de pontas de marfim, chifres de rinocerontes e peles para o comércio clandestino estão por detrás da chacina desencadeada contra tais animais. Em África pelo menos um elefante é abatido a cada 15 minutos e um rinoceronte morre a cada 09 ou 11 horas, segundo Serra.

“Por pura negligência, Moçambique já perdeu todos os seus rinocerontes e o elefante pode ser o próximo a extinguir-se caso o Governo continue indiferente e não reforce os recursos humanos para estancar a caça furtiva”, disse o nosso interlocutor.

Ele considerou ser necessário que todas as autoridades governamentais africanas incrementem a segurança, o número de guardas e fiscais florestais e assegurem que este pessoal disponha de técnicas avançadas para abortar qualquer tentativa de abate ilegal de paquidermes. Se a situação continuar, em menos de 10 anos o elefante pode desaparecer.

Contudo, como forma de pressionar os Estados a agir contra o mal a que Serra se refere, em todo o mundo será realizada uma marcha a 04 de Outubro próximo.

Serra defende que há necessidade de inclusão de matérias sobre a conservação ambiental no currículo escolar moçambicano, implementação e aplicação de leis severas contra os caçadores furtivos, e maior controlo nas zonas de protecção.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt) Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ facebook: JornalVerdade

NEGLIGENCIA

A verdade em cada palavra.

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

O “defensor” das florestas de Mocuba

Nos últimos tempos, fiscalizar espécies florestais no distrito de Mocuba, província da Zambézia, transformou-se numa profissão que exige coragem. Porém, existem fiscais que arriscam a sua vida para dismantlar redes de madeireiros furtivos. Eusébio Figredo, de 46 anos de idade, é o exemplo de agente do sector de Florestas e Fauna Bravia da Direcção Provincial da Agricultura que luta para travar a onda de exploração ilegal da madeira. Com mais de 15 anos de carreira, ele já colocou fora de acção vários infractores e foi vítima de inúmeras ameaças de morte.

Texto & Foto: Cristóvão Bolacha

Diferentemente de outros funcionários, Eusébio Figredo nunca sonhou em fazer parte da equipa de fiscalização de espécies florestais, devido ao medo de ser alvo de ameaças de morte. Ele sempre quis tornar-se escritor. Com o tempo, o sonho foi desaparecendo, tendo nascido o amor pelas árvores.

O corte indiscriminado de árvores de grande valor económico fez com que Figredo mudasse de ideia, pois a cada dia que passava ouvia relatos da destruição da biodiversidade naquela circunscrição geográfica.

Já com novas perspectivas de vida, Figredo passou a enfrentar inúmeras dificuldades no que diz respeito à materialização do sonho. O obstáculo centrava-se na forma como integrar a equipa de fiscais de espécies florestais, uma vez que, na altura, ele trabalhava numa firma que se dedicava à produção de vestuário.

Ele tentou juntar-se ao sector de Florestas e Fauna Bravia da Direcção Provincial da Agricultura da Zambézia, mas não teve sucesso. Insatisfeito, Figredo aproximou-se de um amigo que na altura integrava a equipa de fiscalização da exploração de toros, onde aprendeu como o processo era tramitado.

“Nunca sonhei em ser fiscal. Queria ser escritor, mas a falta de financiamento para o efeito afundou os meus projectos e, com o elevado índice de corte indiscriminado de árvores de grande valor, fui desenvolvendo afinidade com as espécies florestais. Portanto, fui atrás do meu novo sonho, mas os primeiros passos não surtiram efeitos desejados”, disse.

Os Serviços Distritais de Actividades Económicas lançaram um concurso público com o propósito de reforçar a equipa de fiscais, e Figredo candidatou-se a vaga, tendo sido admitido.

“Tive de abandonar o meu emprego na firma de vestuário para me dedicar exclusivamente à fiscalização das espécies florestais. A cada dia que passava, chegavam-me informações que davam conta da existência de indivíduos que promoviam o desflorestamento. Por amor que tenho pelas florestas, quem explorasse os toros ilegalmente e destruísse a biodiversidade tornava-se meu inimigo”, afirmou.

Durante o período probatório, Figredo passou a ser vítima de constantes ameaças protagonizadas pelos madeireiros furtivos, além de merecer a atenção dos colegas que se envolviam nas redes de exploração ilegal de toros.

Ao contrário do que se esperava, ele consolidava cada vez mais a afinidade com as florestas e tornava-se mais implacável na passagem de multas e apreensão dos produtos explorados ilegalmente.

“Recebi várias ameaças de morte. Alguns colegas tentavam coagir-me a colaborar com os furtivos, mas recusei porque é antiético”, afirmou, tendo acrescentado que ele foi contratado para minimi-



zar o índice de abate de árvores para o processamento de objectos de grande valor económico, e não para contribuir para a extinção de espécies florestais.

Segundo o nosso interlocutor, após a sua integração na equipa de fiscais, o trabalho tornou-se mais complexo. A promoção coincidiu com uma fase em que o número de madeireiros furtivos crescia exponencialmente, o que exigia uma fiscalização árdua, pois os infractores usam vias clandestinas.

Aumentar o nível académico

O @Verdade soube que, há anos, Eusébio Figredo trabalhava nas localidades do distrito de Mocuba. Nos finais do ano transacto, ele decidiu melhorar o seu nível académico. A primeira opção foi a Faculdade de Engenharia Agronómica e Florestal (FEAF) da Universidade Zambeze (UniZambeze), onde concorreu para o curso de Engenharia Florestal.

Graças ao empenho e dedicação, Figredo foi admitido no ensino superior. Actualmente, ele frequenta o primeiro ano. “Pensei em aumentar o meu nível para ficar dotado de ferramentas para intensificar mais o trabalho de fiscalização e, igualmente, promover a reposição das espécies florestais abatidas”, sustenta.

Muitas vezes, Figredo trabalha na calada da noite e, durante o dia, frequenta a faculdade. O seu agregado familiar tem apoiado bastante a sua actividade e os seus estudos.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Sou virgem, mas sai um líquido branco da vagina. Porquê?

Queridos leitores, já há muitas semanas que se tem falado sobre o ébola, e já se veio explicar nas televisões e nos jornais sobre as formas de contaminação e de prevenção desta doença. O vírus ébola pode ser contraído tanto por humanos como por animais, através de contacto com sangue, secreções ou outros fluidos corporais. Assim sendo, a sua forma de infecção não difere muito do VIH. Por essa razão, gostaria de alertar-vos sobre a necessidade de continuarem a prevenir-se, seguindo as recomendações que são dadas pelo Ministério da Saúde. Se quiseres saber mais,

envia mensagem através de um sms para **90441**

E-mail: **averdademz@gmail.com**

Por respeito à vossa confidencialidade, não usamos os nomes reais.

Bom dia, mana Tina. Tenho muita dor na zona do pénis, e quando urino. Será uma infecção urinária ou uma DTS?

Querido leitor. Obrigada pela tua pergunta. A melhor forma de saber se os sintomas que tu tens são ou não uma Infecção de Transmissão Sexual é através de exames médicos. É que, no caso dos homens, uma ITS pode ser confundida também com uma infecção urinária, por causa de sintomas que podem ser similares. Na literatura médica diz-se que uma infecção urinária não se torna uma infecção de transmissão sexual e também não se transmite de uma pessoa para outra. A infecção urinária é muito mais comum nas mulheres do que nos homens, mas estes não deixam de ser susceptíveis de ter este tipo de infecções. As ITS têm sintomas similares nos homens, daí que seja melhor que vás urgentemente ver um médico, e solicites que sejam feitos exames mais apurados e uma clarificação também sobre como podes evitar a infecção que eles forem a diagnosticar. Enquanto isso, sugiro que uses o preservativo.

Oi, mana Tina. Sou uma adolescente e nunca fiz sexo. Mas tem saído um líquido branco em baixo. Posso estar doente?

Olá, querida leitora. Assumindo que quando dizes lá em baixo estás a falar da vagina, seria importante para mim saber se tu já iniciaste o ciclo menstrual (se já viste a primeira menstruação). Porquê? Porque, durante o ciclo menstrual, é normal que na altura do período fértil saia essa secreção natural, como se fosse queijo branco ou chima, sem cheiro. Em todo o caso, eu sugiro que tu partilhes esta informação com a tua mãe/tia ou uma mulher mais velha (se fores menina), para que ela possa ajudar-te a melhor acompanhar todos os meses se esta secreção branca aparece. Esta pessoa mais velha também deve levar-te ao hospital ou centro de saúde, para conversares com uma enfermeira de saúde da mulher ou médico/médica ginecologista. Estás de parabéns por começares a preocupar-te com a tua saúde tão cedo.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: **averdademz@gmail.com**

WhatsApp: **84 399 8634** BBM Pin: **2ACBB9D9**

twitter: **@verdadeMZ** facebook: **JornalVerdade**



A verdade em cada palavra.



Polícia suspende buscas de menor desaparecido há um ano em Nampula

A Polícia da República de Moçambique (PRM) suspendeu as buscas com vista e encontrar um menor identificado pelo nome de Yannick Belmonte Macedo, que desapareceu da casa dos pais, a 15 de Julho de 2013, na unidade comunal Mutotope, no bairro de Muahivire, na cidade de Nampula, na altura com um ano e nove meses de vida. Pede-se a quem souber do paradeiro do miúdo para que contacte, urgentemente, os seus progenitores pelo número 84 389 083 1.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

Volvido mais de um ano sem nenhuma pista sobre o paradeiro do petiz, a família continua destroçada e evita falar sobre o assunto para não trazer de novo à memória fortes emoções. Yannick Macedo sumiu por volta das 16h00 daquele dia, numa altura em que estava sob protecção de alguém da confiança dos seus pais, que se encontravam no seu local trabalho.

A mãe do menor, Latifa Belmonte, teria dito ao @Verdade que temia que o pior acontecesse com o menino, uma vez que na sociedade pululam indivíduos de má-fé. Ela chegou a receber vários telefonemas e mensagens de pessoas que alegavam ter encontrado o seu filho mas quando tentava localizá-las os números através dos quais recebia tais informações estavam fora de serviço.

Três dias depois do desaparecimento de Yannick, a Polícia de Investigação Criminal (PIC) começou a investigar o caso mas nada foi apurado sobre o lugar onde a criança possa estar. Enquanto isso, os parentes veiculavam anúncios nas rádios locais e afixavam panfletos com a imagem do petiz em diversos sítios de Nampula. O esforço foi também em vão.

Um mês depois do desaparecimento de Yannick, Miguel Bartolomeu, do Comando Provincial da PRM em Nampula, disse-nos que havia fortes suspeitas do envolvimento de um indivíduo cujo nome não revelou, o qual era vizinho dos pais do menor. O visado, ainda de acordo com o agente da Lei e Ordem, tinha sido visto algures no distrito de Mossuril e não foi preso em resultado de ter fugido logo que se apercebeu do esquema montado para detê-lo. Para justificar o seu fracasso, a Polícia alegou



que houve fuga de informação relativamente à “emboscada”.

Esta semana, a nossa Reportagem contactou novamente Miguel Bartolomeu para obter novos dados em relação ao suposto rapto. Ele explicou que o caso ainda não está esclarecido. Yannick ainda não voltou ao convívio familiar.

As buscas foram suspensas, afirmou a autoridade policial, acrescentando que não há provas mas suspeita-se de que o menino foi raptado por um cidadão estrangeiro, o qual mantinha uma relação próxima com o pai da vítima, num acto com contornos de ajuste de contas. Neste momento, o processo está a ser tratado pelo Ministério Público, que ainda não se pronunciou sobre o mesmo.

Relativamente ao outro caso, em que uma menina que responde pelo nome de Cidália Adelino, de dois anos de idade (à data dos factos), desapareceu da casa dos pais por volta das 17h00, no mesmo mês, na unidade comunal Teacane, no bairro de Natikiri, em Nampula, a Polícia diz que ela foi localizada.

Miguel Bartolomeu disse que a petiza foi encontrada no distrito de Mecubúri. Uma vizinha dos pais da vítima levou a criança para aquele ponto do território moçambicano para fins não revelados. A presumível raptora foi detida e o caso está a seguir os trâmites legais no Ministério Público.

Previsão do Tempo

Sexta-feira 12 de Setembro
Zona NORTE
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de nevoeiros ou neblinas locais. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de nevoeiros ou neblinas locais. Vento de Nordeste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado a limpo. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.

Sábado 13 de Setembro
Zona NORTE
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado, localmente limpo. Vento de nordeste fraco a moderado.

Domingo 14 de Setembro
Zona NORTE
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado localmente muito nublado Vento de nordeste a leste fraco a moderado.
Zona SUL
Céu pouco nublado localmente limpo. Vento de nordeste fraco a moderado.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Crocodilo mata adolescente em Nampula

Um adolescente de 12 anos de idade, que em vida respondia pelo nome de Ananias João, perdeu a vida na última terça-feira, 09 de Setembro em curso, em consequência de ter sido atacado por um crocodilo quando se encontrava a tomar banho numa das margens do rio Monapo, na cidade de Nampula.

Segundos informações apuradas pelo @Verdade, a desgraça aconteceu por volta das 06h00 da manhã e o corpo da vítima foi localizado por volta das 11h00 do mesmo dia a flutuar nas águas do rio Monapo, a quase 100 metros da estação de captação e bombagem de água que abastece a urbe.

Miguel Bartolomeu, porta-voz do Comando Provincial da Polícia da República de Moçambique (PRM) de Nampula,

confirmou a ocorrência e disse que depois de o corpo ter sido achado, uma equipa multisectorial constituída por agentes da Polícia de Investigação Criminal (PIC) e médicos legistas dirigiu-se ao local para remover o cadáver e efectuar exames.

O nosso interlocutor disse que há necessidade de se sensibilizar as comunidades com vista a não tomarem banho nas zonas propensas a ataques de crocodilos.

Diga-nos quem é o XICONHOCA



Envie-nos um SMS para 90440

E-Mail para averdademz@gmail.com ou escreva no Mural do Povo

VERDADE

todos os dias

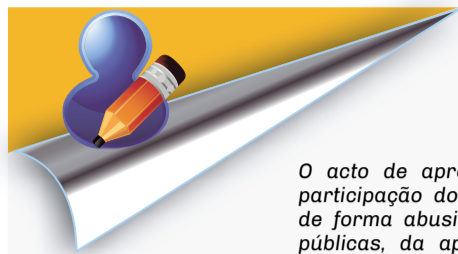
A verdade em cada palavra.

SMS: 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2.Mt)

www.verdade.co.mz

facebook.com/JornalVerdade
twitter.com/verdademz

Email: averdademz@gmail.com WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2ACBB9D9



Livro de Reclamações d'Verdade

O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Saudações, Jornal @Verdade. Somos trabalhadores duma livraria pertencente ao senhor Ismael Aly, sita na Avenida do Trabalho, na cidade de Chimoio, província de Manica. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de expor algumas irregularidades perpetradas pelo nosso patronato, relacionadas com o mau ambiente de trabalho e com a falta de consideração para connosco.

O que nos aflige é o tratamento desumano a que somos frequentemente submetidos sem direito a reclamação. Aqui, trabalhamos como escravos, além de que o nosso vínculo com os donos da livraria é apenas verbal. Como consequência disso, somos expulsos quase diariamente sem explicações.

Quando apresentamos queixa à direcção do Trabalho não somos atendidos porque não temos justificativos, ou seja, um papel que atesta que pertencemos a um estabelecimento na qual trabalhamos.

Resposta

Sobre este caso, o @Verdade contactou, telefonicamente, Ismael Aly, proprietário da Livraria Aly, Lda, que negou todas as inquietações que pesam sobre ele.

O nosso interlocutor assumiu que não lida condignamente com os seus empregados ao afirmar que cada pessoa merece ser tratada de acordo com o seu comportamento. “Não posso agradar a quem não me agrada. Se um funcionário se comporta mal tem de ser sancionado”.

Num discurso totalmente contraditório, Ismael Aly disse que não teria coragem de fazer mal a um concidadão. Na boca dele, as pessoas que se queixam de ser vítimas de maus-tratos protagonizadas por ele estão insatisfeitas com o seu sacrifício e progresso. Tal gente pretende manchar a sua imagem e prejudicá-lo.

Esta situação agasta-nos de tal sorte que não sabemos que não sabemos a quem recorrer.

O patrão exige que estejamos na livraria às 07h00 em ponto mas despegamos do trabalho, por vezes, às 22h00, sem nenhum intervalo ao longo do dia. Tentámos falar com o senhor Ismael Aly sobre este problema, mas não houve nenhuma resposta que nos tenha deixado satisfeitos.

No dia 28 de Agosto do ano em curso, um colega foi despedido, sem indemnização, por reivindicar os seus direitos. O patrão não admite que reclamemos nem que opinemos. Para ele devemos aceitar tudo o que diz e faz.

Além destes problemas, os nossos salários não são pagos a tempo por razões que desconhecemos. Quando procuramos saber o que se passa, somos ofendidos.

Relativamente aos despedimentos supostamente sem justa causa, de que é acusado, o nosso entrevistado disse que não se lembra de nenhuma situação similar que tenha acontecido na sua livraria.

“As pessoas que disseram isso não sabem o que querem e reclamam de barriga cheia”, afirmou Aly, acrescentando que em relação aos contratos, o seu estabelecimento comercial mantém um vínculo de trabalho por escrito com um funcionário depois de este permanecer seis meses na empresa.

“Nós contratamos pessoas depois de termos a certeza de que ela é de confiança e não logo no primeiro dia em que entra na empresa”, concluiu Aly.



Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

Os mamparras desta semana são os deputados da Assembleia da República (AR), que nas habituais ‘unanimidades’ que lhes dizem respeito, aprovaram por consenso a lei do acordo de cessar-fogo e do fundo da paz sem contemplaram os mortos civis da crise político-militar que aos políticos beneficiou, até se amnistiarem!

O Presidente da República, Armando Guebuza, depois do rasgado sorriso para a fotografia ao lado do líder da Renamo, Afonso Dhlakama, após a assinatura do tal acordo, mandou uma proposta de lei ao parlamento, para apreciação e aprovação, o que aconteceu...sem que os mortos civis fossem lembrados!?

Não existe um único relato de algum deputado daquela turma dos 250 que tenha questionado antes do ‘consenso’, sobre a não inclusão dos civis mortos e não amnistiados no faustoso bolo derivado da cessação das hostilidades militares.

Os 540 milhões de meticais desse fundo, tão aplaudido pelos nossos 250 ‘estudantes’ da avenida 24 de Julho, não são para contemplar nenhum morto civil em nome de um pretensa PARIDADE.

Que tipo de “representantes do povo” são estes que na hora de facturarem por mais uma “sessão extraordinária”, não se lembram daqueles que até votaram para eles estarem ali naquele imponente edifício?

Que “representantes do povo” são estes que não questionam, nem sequer uma vírgula, a proposta da lei que foi aclamada?

Que raio de “representantes do povo” são estes que se esqueceram de que aqueles mortos civis estavam no cumprimento da agenda nacional de ‘combate à pobreza’?

Para que o quadro dessa mamparrice colectiva que traz à superfície a nossa nudez ficasse completo, a lei foi aprovada pelos ‘representantes do povo’, que a cancelaram sob efusivos e vergonhosos abraços.

O povo, que vota neles, sempre que o solicitem, acabou por ser vítima de uma programada amnésia par(a)lamentar emanada das ordens dos chefes que estiveram a dialogar nos papéis e aos tiros.

Que sinais estarão a emitir os nossos deputados em final de mandato?

Será que eles só nos dão valor quando querem os nossos votos?

Será que nos estão a chamar parvos, patos, tansos e estúpidos e nós não estamos a decifrar a linguagem deles?

Alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparrices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua Reclamação de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para o número 90440. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade



SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornalVerdade



A verdade em cada palavra.

Sociedade

Camponeses criam “Parlamento Enxada” em Nampula

A alegada ausência no país de um sistema de governação inclusivo, onde se respeitem todos os direitos dos cidadãos, sem distinção de raça, etnia, condições económicas e sociais, leva os camponeses de Lalaua, Ribáuè e Malema, na província de Nampula, a projectarem a criação de uma instituição com poderes deliberativos, designada “Parlamento Enxada”.

Texto & Foto: Luís Rodrigues

São, no total, 2.409 camponeses, a maior parte dos quais antigos trabalhadores da extinta Empresa de Tabacos de Malema (ETM), que reivindicam os seus direitos laborais. A referida firma foi privatizada na década ‘90, deixando a sua mão-de-obra, aparentemente, à deriva, apesar de a instituição ter sido “vendida” a empresários nacionais.

Os camponeses dizem que a criação de um parlamento visa contribuir na consolidação de um verdadeiro Estado de Direito em Moçambique, salvaguardando os interesses daquela camada social.

“Com o Parlamento Enxada, este sector da sociedade moçambicana poderá participar no desenvolvimento da vida socioeconómica, política e cultural do país. Ser-lhe-á reconhecida, como qualidade intrínseca, a sua função social, justificada precisamente pelo princípio do destino universal dos bens, contra a concentração da riqueza nas mãos de poucos, pois ninguém tem o direito de reservar para uso exclusivo aquilo que é supérfluo, quando aos outros falta o necessário”, referem os camponeses, em carta pública, cuja cópia se encontra em poder do @Verdade.

Para Francisco Jamal Intala, presidente da comissão *ad hoc* para a criação do anteprojecto do “Parlamento Enxada” em Moçambique, a agricultura é o campo primário da actividade económica e o factor indispensável para o alcance das metas sobre a auto-suficiência alimentar, razão pela qual deve ser valorizada e estimada.



Para que tal seja possível, segundo o nosso entrevistado, os camponeses exigem a maior participação do Estado no apoio às famílias e grupos sociais desfavorecidos, para que as mesmas tenham capacidade de intervenção na procura de soluções dos reais problemas.

“O que se assiste na prática é que não existe uma justa remuneração para esta

actividade”, sublinha Intala, acrescentando que “criando-se o Parlamento Nacional do Camponês este terá protecção nas múltiplas inquietações da sua actividade”.

O representante da comissão *ad hoc* do “Parlamento Enxada” justifica as suas alegações tendo em conta aquilo que considera “oportunismo” por parte dos comerciantes informais e formais que, no lugar de negociarem com os camponeses, chegam a impor preços na compra de produtos agrícolas, incluindo os de maior rendimento económico.

Para fazer valer esta sua pretensão, os camponeses submeteram um abaixo-assinado às entidades políticas e governamentais, exigindo que os seus direitos sejam tomados em consideração.

Os distritos de Lalaua, Ribáuè e Malema, localizados ao longo do Corredor de Nacala, destacam-se como os maiores produtores de culturas alimentares e de rendimento, sendo por isso considerados “celeiros” da província de Nampula.

A região oferece boas condições hídricas e áreas potencialmente irrigáveis, em condições de transformar a agricultura de subsistência, numa das maiores fontes de rendimento para muitas famílias daquela província.

Os principais centros de produção de hortícolas, com destaque para o tomate e a cebola que abastecem os mercados dos distritos costeiros de Nacala-Porto, Mossuril, Mogincual, Angoche, e Moma, são provenientes de Malema e Ribáuè.

Professores abandonam as escolas em Muecate

Cresce o número de professores que abandonam as salas de aulas, no distrito de Muecate, na província de Nampula. Na origem desse fenómeno, os pedagogos apontam o não pagamento de salários, a falta de transparência na solução de problemas laborais por parte dos dirigentes dos Serviços Distritais de Educação, Juventude e Tecnologia (SDEJT), as transferências desnecessárias e a incapacidade de gestão de pessoal.

Texto: Leonardo Gasolina

Segundo os professores, a direcção que tutela o sector de Educação naquela circunscrição geográfica é o protagonista de acções que concorrem para a desistência de muitos funcionários. Por exemplo, se um funcionário adoecer durante muito tempo, apesar de comunicar a situação, as suas faltas são consideradas injustificadas e, em consequência disso, sofre descontos no salário.

Os visados disseram ainda que a direcção invalida as justificações documentadas, ou seja, por mais que se apresente uma junta médica, esta é ignorada. Os professores que reivindicam o pagamento dos seus ordenados são ameaçados de instauração de processos disciplinares contra eles e, em alguns casos, são transferidos, imediatamente, para as zonas mais recônditas.

Eurati Pinto Comuo, professor no distrito de Muecate desde 2009, diz ser vítima dessas e outras injustiças, desde Abril de 2012. Ele teve um acidente de motorizada, na cidade Nampula, tendo-lhe sido amputados alguns dos seus dedos da mão esquerda, facto que ditou o seu internamento durante 40 dias no Hospital Central de Nampula.

Comuo comunicou à sua instituição pontualmente sobre o seu estado de saúde, mas os dirigentes ignoraram a situação, acreditando que se tratava de uma justificação infundada.

Quando melhorou, ele voltou ao seu posto de trabalho, mas não teve direito ao seu salário. Para reaver os seus honorários, foram necessários seis meses de muita batalha. Comuo dirigiu-se à Direcção Provincial das Finanças, onde ficou a saber que os seus ordenados eram pagos todos os meses, facto que o levou a desconfiar de que o valor havia parado nas mãos de alguns funcionários dos SDEJT.

Ele viria a ser transferido, três meses depois do sucedido, para a Zona de Influência Pedagógica (ZIP) de Imala na Escola Primária Completa com o mesmo nome, a 45 quilómetros da vila sede do distrito, facto considerado pelo professor como uma perseguição.

Inconformado com a sua movimentação brusca, o nosso entrevistado entrou em contacto com o chefe dos Recursos Humanos daquela instituição, Ambrósio Branquinho, para solicitar uma possível guia de marcha, mas foi em vão, apesar de ter apresentado motivos plausíveis.

O professor Flávio Amisse Armando Tareque também foi vítima de injustiça no tocante ao seu salário. Padecendo de uma doença mental, ele viu-se desvinculado do quadro de pessoal do sector da Educação de Muecate sem que alguma diligência tenha sido tomada. Quando o visado nos finais de 2012 comunicou o seu estado de saúde aos seus superiores hierárquicos, ele foi surpreendido com a suspensão dos seus ordenados.

Após registar melhorias, Tareque apresentou-se no seu posto de trabalho, onde viria a ser colhido com a informação segundo a qual não lhe podiam ser atribuídas turmas, alegadamente por ter cometido inúmeras faltas injustificadas.

O pedagogo disse ao @Verdade que, por várias vezes, manteve, sem sucesso, contacto com o chefe dos Recursos Humanos cessante, Cipriano Constantino Pirai. Insatisfeito, Tareque resolveu abordar o assunto com o director dos Serviços Distritais de Educação, Juventude e Tecnologia daquele ponto da província de Nampula, o qual se mostrou disponível a solucionar o caso, mas já lá vão mais de oito meses sem um resultado palpável.

“Não entendo porque os dirigentes de Educação em Muecate não acreditam que existem doenças no mundo”, lamentou.

Outros professores abandonaram as turmas em Muecate por motivos pouco claros. É o caso de Faria Santos Muva, que exercia as suas funções na ZIP de Muculuene. Ele perdeu o seu posto de trabalho em Abril último, quando pediu uma despesa para ir visitar o seu pai que se encontrava doente.

O @Verdade procurou ouvir a versão da Direcção dos Serviços Distritais de Educação, Juventude e Tecnologia de Muecate. Pascoal Mozaico, director daquela instituição, confirmou os abandonos sistemáticos de professores e disse estar preocupado com o fenómeno, desconhecendo as causas.

Mozaico afirmou que tem sensibilizado os directores pedagógicos de modo a subcarregar o horário dos professores que continuam a trabalhar, embora reconheça as dificuldades que o sector enfrenta para o pagamento do turno e meio e as horas extras.

Quanto à suspensão de salários, o nosso interlocutor revelou que o sector de Administração e Finanças tem trabalhado com as folhas de efectividade enviadas pelas escolas. “Esses professores que se queixam de descontos e suspensão de salários têm abandonado as turmas para fazer táxi de motorizada e, não tendo alguma justificação, acabam por sofrer algumas sanções”, disse.

Malária mata 298 pessoas na maior unidade sanitária do norte de Moçambique

A malária, uma doença evitável e curável, continua a ser a principal causa de morte e de internamento nas unidades sanitárias da província de Nampula. Dados fornecidos pelas autoridades de Saúde, afectas ao Hospital Central de Nampula (HCN), indicam que no primeiro semestre deram entrada naquela unidade hospitalar 4.569 casos de malária que causaram 298 óbitos.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

Uma única mordida é bastante para transmitir a infecção da malária. Mesmo assim, a negligência por parte de algumas famílias que resistem ao uso das redes mosquiteiras e o deficiente sistema de saneamento em determinadas zonas residenciais são apontadas como as principais causas de propagação daquela enfermidade.

Apesar de constituir um dos problemas de saúde pública, a população continua a ignorar os métodos básicos de prevenção, facto que contribui para o aumento da taxa de mortalidade nas unidades sanitárias. De acordo com Elenia Macamo, directora clínica do HCN, no primeiro semestre deste ano deram entrada naquela unidade sanitária 4769 doentes, padecendo de malária.

Segundo a nossa entrevistada, a situação tende a agravar-se nos últimos dias, com uma média diária de 30 doentes. Macamo considera que muitas pessoas perdem a vida porque ocorrem tardiamente às unidades sanitárias e, nalguns casos, em estado grave.

12 de Setembro de 2014

Em 2013, foram registados um total de 5.703 casos de malária, que causaram a morte de 1.883 pessoas, entre crianças e adultos. Para contornar este triste cenário, as autoridades sanitárias estão a intensificar as acções de sensibilização às populações sobre os cuidados mais elementares de higiene pessoal e colectiva.

A distribuição de redes mosquiteiras às famílias economicamente desfavorecidas consta das actividades do sector de Saúde, em Nampula.



No ano passado, em todo o país, registaram-se 3.924.832 casos de malária e 2941 óbitos. A nível da província, existem 214 unidades sanitárias, das quais 13 se encontram na cidade de Nampula. O posto de saúde de Namicopo abriu, há meses, um serviço de urgência para atender a casos de malária. A médica-chefe provincial de Nampula, Joselina Calavete, disse, há dias, ao @Verdade, que a entrada tardia nas unidades sanitárias por parte dos pacientes contribuiu para o aumento de mortes, sobretudo de crianças.

Uma pessoa morta no Búzi

No primeiro semestre deste ano, as unidades sanitárias do distrito do Búzi, na província de Sofala, registaram 40.015 casos de malária e um óbito, contra 24.108 doentes e três mortes, em igual período de 2013.

De acordo com Maria Almija, directora dos Serviços Distritais de Saúde, Mulher e Acção Social no Búzi, o paludismo foi o que registou mais casos relativamente a outras doenças. O canavial da companhia do Búzi, localizado nas imediações da vila sede, tem sido o principal foco de multiplicação do mosquito causador da enfermidade.

Como forma de inverter o cenário, decorre em todo o distrito a distribuição de redes mosquiteiras, pulverização intradomiciliária e campanhas de educação cívica sobre a necessidade de observância das medidas básicas de higiene e saneamento do meio ambiente.

Em relação a outras patologias, a dirigente fez saber que no período em alusão uma pessoa perdeu a vida na sua residência devido a diarreias agudas e vómitos. Mas não se tratou de um caso relacionado com cólera. O distrito de Búzi possui 14 unidades sanitárias, dois médicos, 238 técnicos e pessoal de apoio.

Em todo o país, anualmente, são registados mais de dois milhões de casos de malária e, pelo menos, três mil pessoas morrem devido a essa enfermidade causada pela picada do mosquito Anopheles. Porém, apesar de ser a principal causa de problemas de saúde e mortalidade nas unidades sanitárias, os populares continuam a ignorar os métodos básicos de prevenção como, por exemplo, o uso da rede mosquiteira.

Prevenção da malária

As medidas de prevenção contra o paludismo consistem, por exemplo, no uso de redes mosquiteiras impregnadas ou tratadas com insecticidas, roupas que protejam as pernas e os braços, repelentes à noite e pulverização intradomiciliária com insecticidas. Refira-se que as mais recentes redes são tratadas com insecticidas de longa duração, que não precisam de retratamento. Estas são de distribuição gratuita para as mulheres grávidas, através dos serviços de cuidados pré-natais nas unidades sanitárias, e para crianças com idade inferior a cinco anos por meio de campanhas de saúde.

Funcionários públicos continuam a roubar ao Estado

Entre 2008 e 2013, três milhões e duzentos mil meticais (3.200.000,00) foram saqueados dos cofres do Estado por três funcionários públicos afectos ao município de Chibuto, na província de Gaza, cujos nomes não foram revelados pelas autoridades de combate à corrupção, com recurso à falsificação de documentos e pagamento de salários a trabalhadores "fantasmas".

Texto: Redacção

Bernardo Duce, porta-voz do Gabinete Central de Combate à Corrupção (GCCC), disse num briefing referente ao mês de Agosto, na passada quarta-feira, 10 de Setembro, em Maputo, que os funcionários em alusão, para alcançarem os seus intentos, falsificaram as folhas de salários e usaram o montante para fins pessoais. Em conexão com o caso, um dos acusados foi restituído à liberdade após pagar caução e vai responder ao processo em liberdade.

Outros dois indiciados do mesmo problema encontram-se, supostamente, em parte incerta, mas a Polícia está a trabalhar com vista a localizá-los para responderem pelos seus actos em sede de julgamento.

Outro caso relacionado com a delapidação do erário, de acordo com o porta-voz do GCCC, ocorreu na província do Niassa, onde um director dos Serviços Distritais da Educação e um técnico da mesma instituição montaram um complô e roubaram

um milhão, cento quarenta e sete mil meticais (1.147.000,00) para fins individuais.

Consta que para a materialização do roubo os visados falsificavam as assinaturas de processos destinados ao pagamento de horas extraordinárias e subsídios do pessoal envolvido na alfabetização de adultos. Estas são apenas algumas provas de que a Administração Pública está infestada de funcionários e dirigentes que constituem um estorvo ao desenvolvimento do país.

Refira-se que no Ministério da Educação (MINED) foram desviados 144 milhões de meticais, desde 2006, através de esquemas similares aos que Bernardo Duce indica. O assunto ainda está a ser investigado pelo GCCC.

Ainda no sector da Educação, um funcionário afecto à Direcção Provincial em Nampula solicitou de 123 indivíduos um montante correspon-

de a setecentos e setenta e cinco mil meticais (775.000,00) com a promessa de disponibilizar vagas de emprego e bolsas de estudo, o que não aconteceu.

Cansados de promessas falsas, à medida que procuravam inteirar-se do andamento do processo para o efeito, os cidadãos denunciaram o burlador, que está a ver o sol aos quadradinhos e aguarda julgamento, segundo Duce.

Enquanto isso, um auxiliar administrativo do Fundo Nacional de Estradas (FNE) falsificou cheques e desviou para a sua conta pessoal duzentos e trinta e dois mil meticais (232.000,00). Actualmente decorrem diligências que poderão culminar com a detenção, julgamento e responsabilização criminal do indiciado, garantiu Duce.

Já no sector da Saúde, um técnico administrativo afecto à Direcção Provincial de Nampula exigiu a dois

cidadãos um montante de vinte e cinco mil meticais (25.000,00) meticais com o intuito de facilitar o ingresso dos mesmos na administração pública. A promessa não se efectivou e o burlador foi detido. Neste momento, disse Duce, decorre um processo de acusação contra ele.

O porta-voz do GCCC mostra-se preocupado com o aumento de casos de corrupção no sector público, principalmente nos sectores considerados chaves para o desenvolvimento do país.

Duce acrescentou que na capital moçambicana, uma funcionária dos Serviços de Identificação Civil foi detida em flagrante delito a receber dois mil meticais (2.000,00) para o averbamento do estado "casada" no bilhete de identidade de uma cidadã que contraiu matrimónio recentemente. A cidadã, como forma de flexibilizar o processo sem obedecer aos pressupostos legalmente estabelecidos optou por subornar a funcionária em causa, mas as duas foram surpreendidas pelo director daquela instituição, que imediatamente comunicou o caso às autoridades policiais. As duas senhoras estão detidas.

Três pessoas morreram carbonizadas em Inhambane e Sofala

Pelo menos três pessoas morreram carbonizadas em consequência de incêndios de grandes proporções ocorridos entre 29 de Agosto passado e 04 de Setembro corrente, nas províncias de Sofala e Inhambane, em resultado de um curto-circuito e duas chamas abertas. Outros dois cidadãos também perderam a vida por afogamento.

O primeiro incêndio registou-se a 30 de Agosto, por volta de 00h00, numa residência, na zona de Esturro, na cidade da Beira, em Sofala. As autoridades de salvacção pública não revelaram o nome da vítima, do sexo masculino, mas asseguraram que morreu carbonizada. Houve ainda danos materiais consideráveis na casa atingida pelo fogo.

O segundo caso deu-se a 31 de Agosto, por volta das 15h30, em duas casas de construção precária, tendo, também, provocado um óbito, no bairro de Chambone, na cidade de Maxixe, em Inhambane. Neste caso, a vítima foi igualmente carbonizada, além de danos materiais avultados.

Já a terceira ocorrência, ainda em Inhambane, registou-se a 01 de Setembro em curso, por volta das 08h00, na localidade de Inhachumbo, no distrito de Murrombene. Não nos foi fornecida a identificação do cidadão que perdeu a vida em consequência desta desgraça.

David Cumbane, porta-voz do Serviço Nacional de Salvacção Pública (SENSAP), disse que a 02 de Setembro, por volta das

15h10, no bairro de Mulotane, na província de Maputo, um menor, cujo nome não nos foi revelado, morreu devido à queda num tanque de água.

Por voltas das 19h00 do dia 03 de Setembro, um corpo foi encontrado a flutuar no rio Munene, no bairro de Chimurere, no distrito de Manica, província com o mesmo nome.

Na sequência destes incidentes, David Cumbane recomenda à sociedade para que mantenha todas as instalações eléctricas, aparelhos eléctricos, fios condutores, fichas, tomadas e interruptores seguros com vista a evitar incêndios entre outros riscos que têm culminado em mortes.

Em caso de situações anómalas deve-se solicitar os bombeiros através do número 82198 a pedir socorro. As chamadas são gratuitas.

Na cidade de Pemba, na província de Cabo Delgado, dois corpos, um de uma criança de 11 anos de idade e outro de um jovem cuja idade não apurámos, foram resgatados na praia do Inos.

Incêndio desaloja duas famílias no Gurúè

Desde segunda-feira (08/09), duas famílias, uma composta por sete membros e outra por quatro, estão ao relento na localidade de Magige, no distrito de Gurúè, na província da Zambézia, em consequência de um incêndio que deflagrou em duas residências construídas com base em material precário, que ficaram totalmente destruídas.

Segundo informações em nosso poder, o fogo foi provocado por um grupo de cidadãos que se encontravam a caçar ratos numa mata próxima da zona residencial, onde as casas foram reduzidas a cinzas.

Titos Artur, proprietário duma das habitações, disse ao @verdade que na altura da desgraça ele não se encontrava em casa; por isso, não foi possível evitar o pior. "Quando cheguei à casa o fogo já tinha consumido completamente tudo".

Até ao fecho desta edição, as famílias lesadas estão abrigadas na residência do chefe de localidade de Magige, enquanto aguardavam pela reconstrução das suas casas.

Outro incêndio no Palácio dos Casamentos em Maputo

Já na capital moçambicana, um incêndio deflagrou no Palácio de Casamentos e destruiu parcialmente o tecto de duas salas espaçosas, na sexta-feira passada (05/09), sem, felizmente, causar vítimas humanas nem danos avultados no edifício. Segundo informações a que tivemos acesso, o fogo foi provocado por um curto-circuito.

Crisanto Nobel, de 28 anos de idade, um dos funcionários do Palácio de Casamentos, disse que um casamento que estava prestes a ser realizado na altura foi interrompido em consequência do incêndio, tendo sido improvisada uma sala denominada "Diamante" para a sua concretização, uma hora e meia mais tarde.

Leonor da Costa, uma das convidadas dos nubentes, disse que incidentes como aquele acontecem em qualquer lugar do mundo e são imprevisíveis, mas é necessário que os gestores daquelas instalações averiguem o que realmente aconteceu para se evitar danos piores no futuro.

O porta-voz do Serviço Nacional de Salvacção Pública (SENSAP), David Cumbane, apelou para que se faça uma supervisão periódica das instalações com vista a evitar-se um mau contacto de cabos eléctricos.

Erosão ameaça desalojar famílias em Nampula

Cerca de 40 famílias da Unidade Comunal Marrien Nguabi, no posto administrativo municipal de Muhala, arredores da cidade de Nampula, estão em risco de ficar sem as respectivas habitações, devido ao fenómeno de erosão dos solos que fustiga aquela zona residencial.

Trata-se de um problema que se agrava a olho nu sem no entanto encontrar uma resposta por parte das autoridades que gerem os planos ambientais e de ordenamento territorial.

A situação de erosão, provocada nalguns casos pela acção humana, constitui uma dos maiores problemas da cidade de Nampula. A extracção de areia em locais considerados impróprios, a ocupação desordenada de terrenos e o deficiente sistema de drenagem são alguns factores que contribuem para a erosão progressiva de solos na cidade nortenha.

As autoridades locais estão preocupadas com a situação que está a atingir contornos assustadores nos últimos tempos, numa altura em que a edilidade anuncia a reestruturação do plano da urbe. O secretário do bairro, Aquimo Achamo, diz ter solicitado a intervenção do Conselho

Municipal da Cidade de Nampula, mas ainda não teve uma resposta satisfatória.

Refira-se que, além daquela zona, os bairros de Carrupeia, Muhala, Mutauanha, Napipine, Cosore e Muatala são alguns locais onde também o desgaste de solos se considera preocupante.

Em Junho deste ano, Maria Moreno, vereadora para a área de Urbanização no Conselho Municipal da Cidade de Nampula, disse ao @Verdade que está a ser criado um plano para o reassentamento em zonas seguras das famílias ameaçadas pela erosão. Todavia, na altura, ela queixava-se da falta de fundos para a materialização do referido projecto, tendo indicado que tinham sido identificadas 500 famílias que precisam urgentemente de ajuda. "A erosão é um problema muito sério em Nampula; por isso, é necessário que adoptemos melhores práticas de conservação do solo".

De referir que a cidade de Nampula tem uma população estimada em mais de 500 mil habitantes. O ordenamento territorial é um dos grandes desafios da edilidade.

Quatro crianças violadas sexualmente em Maputo

Quatro petizes com idades compreendidas entre 05 e 12 anos sofreram abusos sexuais nos distritos municipais KaMavota, KaMaxaquene e KaNhamanculo, entre 02 e 09 de Setembro em curso, na capital moçambicana.

Sem fornecer detalhes, Maria Sopinho, chefe do Gabinete de Atendimento à Mulher e à Criança vítimas de Violência Doméstica a nível da cidade de Maputo, disse que o primeiro caso aconteceu algures em KaMavota, onde um indivíduo violou duas menores de cinco e oito anos de idade. Ela assegurou que o visado, por sinal vizinho das duas vítimas, está detido.

Em relação às menores esturpadas nos distritos KaMaxaquene e KaNhamanculo, os dois supostos violadores não recolheram às celas da Polícia da República de Moçambique (PRM) alegadamente porque não foram encontrados em flagrante. Contudo, eles estão a responder a processos em liberdade.

"Reconheço que os casos de abuso sexual estão a ganhar contornos alarmantes. Todavia, estamos a trabalhar no sentido de encontrar e responsabilizar as pessoas que cometem estes actos e se põem em fuga", disse Maria.

A agente da Lei e Ordem disse que em diferentes artérias da cidade de Maputo há crianças que circulam sozinhas a altas horas da noite, o que evidencia que ainda existem pais e encarregados de educação que não controlam os seus filhos.

No período em alusão, o Gabinete de Atendimento à Mulher e à Criança vítimas de Violência Doméstica registou oito casos de agressão física, para além de quatro crianças encontradas na rua e igual número de petizes foi submetido à violência psicológica, três casos de abandonos de menores e dois de violência patrimonial.

Cartoon

Feminista Duroa

Guião: WLSA Moçambique/Desenhador: Terry



Sociedade

Falta consciência na população para tratar do lixo

A limpeza dos bairros suburbanos da cidade de Maputo sempre deixou a desejar, apesar da criação de associações para a recolha de resíduos sólidos, apoiadas pela edilidade, porque o “conceito” saneamento do meio ambiente ainda não faz parte das práticas diárias dos cidadãos, segundo Fabião Siteo, presidente da Associação de Água e Saneamento do Bairro da Urbanização (ADASBU), pioneira da iniciativa de recolha do lixo a nível dos bairros. Ele disse ao @Verdade que a urbe está infestada de lixo por causa da falta de consciência em relação à higiene por parte da população, e não devido à ineficácia das autoridades municipais.



Texto & Foto: Redacção

FS: A recolha de lixo tem em vista o bairro da Urbanização. O saneamento abrange outras partes porque somos os únicos que desempenhamos este papel de recolha de lixo.

@V: Têm apoio ou parceiros governamentais?

FS: Não. Apenas temos a prerrogativa de interagir com as Organizações Não-Governamentais para nos apoiarem onde puderem, mas, neste momento, não estamos a receber nenhuma. Temos dificuldades em reparar nossos instrumentos de trabalho. Por exemplo, quando é um tractor ficamos muito tempo sem trabalhar e temos de recorrer a entidades como o município de Maputo. Outro exemplo do trabalho que fazíamos era a distribuição de água, que parámos desde o ano passado porque a actividade foi retomada pelas Águas da Região de Maputo.

@V: Falou da recolha de lixo, uma actividade que exercem desde a criação da agremiação. Depois da recolha, onde é depositado o lixo?

FS: Temos alguns contentores dentro do bairro onde o lixo é depositado, mas os contentores são depois removidos para a grande lixeira por uma empresa contratada pelo Conselho Municipal de Maputo.

@V: Na sua opinião, acha que o Governo está a dar prioridade à recolha do lixo a nível de Maputo?

FS: Eu creio que sim, porque tudo faz para a minimização do saneamento. Temos aqui perto o MICOA, por exemplo, que ajuda na sensibilização para a recolha do lixo nos bairros periféricos. Ahamos que o Governo, ao fazer isso, fá-lo com a intenção de ajudar a comunidade.

@V: Quando se apercebe da situação de bairros como Maxaquene, Mafalala, Chamanculo e outros, continua a pensar que o Governo está a melhorar o saneamento para a população que lá mora?

FS: Isso é aparência. Olha que a sua pergunta tem a resposta. A população a produzir e a espalhar o lixo. Esta culpa não é muito bem do Governo, porque se eu produzo lixo e não sei levá-lo aos contentores, o problema já não é do Governo. Este criou condições e em cada espaço há um contentor para se depositar lixo e, como isso não bastasse, ainda criou microempresas que se encarregam da sua recolha. (...) Eu posso sair contigo, agora, para qualquer contentor e vamos encontrar crianças a carregarem lixo para os contentores mas elas não depositam o lixo dentro dos contentores. E eu pergunto: será que é culpa do Governo? A questão é: a comunidade constitui boa parte do caos, participa no atentado contra a própria saúde. A criança espalha o lixo. Tanto ela como o mandante participam na criação do lixo. (...) Portanto, partindo deste princípio, eu tenho dificuldades em dizer que o Governo nada faz. Acho que nós, quando somos desleixados, também fazemos parte do problema.

@V: Quando o lixo não é depositado no lugar certo quais são as implicações que o mesmo pode trazer para a saúde pública?

FS: Contrair doenças. Doenças como malária e cólera contraem-se por falta de higiene, mas as pessoas levam muito tempo a perceber esses aspectos, que parecem pequenos mas são muito importantes.

@V: Quais são os custos do vosso trabalho?

FS: Como disse anteriormente, os nossos trabalhos não são lucrativos. No trabalho de limpeza de fossas, por exemplo, nós cobramos um valor abaixo do valor real a nível do bairro da Urbanização, 300 meticais, mas quando se trata de fazer um trabalho fora do nosso bairro cobramos 450 meticais. Este dinheiro não cobre as necessidades porque o funcionamento e a circulação da máquina com a qual realizamos esse trabalho custa dinheiro. Há gastos de manutenção, tais como peças, óleos, etc. Apesar disto tudo, estamos cientes de que a nossa existência não visa obter lucro.

@V: Tem ideia de quais seriam os bairros com mais e menos problemas de saneamento na cidade de Maputo?

FS: É muito difícil classificar os bairros em melhores ou piores condições. A razão é simples: se a pergunta fosse, por exemplo, nas épocas chuvosas, quais os bairros que registam mais problemas. Eu diria que é o bairro de Maxaquene “A”. Esta zona tem um nível freático elevado. Basta pouca chuva para o bairro ficar submerso. É verdade que se trata duma questão de saneamento, mas não é possível resolver o problema com facilidade porque faltam acções fortes. Quando chove, as latrinas transbordam, espalhando doenças. Temos crianças que brincam sobre aquela água. A nível do bairro da Urbanização este problema está minimizado.

@V: Então, voltando à questão que coloquei anteriormente, sobre se o Go-

verno está ou não a fazer o seu papel. Acha que a população ou uma associação está em condições de reestruturar aquele bairro?

FS: Não só uma associação, como também do lado do Governo existe preocupação para o efeito. Tem havido orçamento, mas todos sabemos que a cidade é grande. Há algumas prioridades para certos bairros e outros parecem que ficam atrás, mas o sofrimento é o mesmo. Eu penso que o Governo devia disponibilizar um fundo destinado apenas a minimizar os problemas do bairro da Maxaquene, que passa necessariamente pela construção de valas de drenagens. A culpa não é da população de Maxaquene, mas não vamos também atirar a culpa toda ao Governo, porque alguma coisa tem feito, mas se calhar não é satisfatória.

@V: Já não distribuem água pelos bairros e esse papel já é do Governo, mas há zonas aqui no bairro da Urbanização que continuam sem água.

FS: O que tem acontecido é que há algumas zonas que, apesar de termos torneiras, a água não chega às casas. Isso é uma realidade dentro do nosso bairro, o problema é canalizado aos responsáveis e alguma coisa tem sido feita. A região chamada “Magude” regista muito desses problemas, mas estão a ser minimizados sem a intervenção da ADASBU.

@V: Na sua opinião, sendo uma pessoa que trabalha no saneamento e tem experiência no que diz respeito à água, quais seriam as soluções para manter os bairros limpos, incluindo os esgotos?

FS: Não cuidamos de esgotos, essa não é nossa área. É-nos difícil fazer a limpeza de esgotos porque são tubos colocados há muitos anos, aquando da construção de grandes estradas, como as avenidas Acordos de Lusaka e Angola. Há prédios com esses problemas de esgotos mas nós não intervimos porque não é a nossa especialidade.

@V: Quais são os projectos e metas que a ADASBU tem?

FS: Se calhar não é possível falar-mos de metas da associação porque nós existimos mas não dependemos de nós mesmos. Esse é que é o problema. É difícil estabelecer uma meta naquilo que para a gente conseguir tem de estender a mão. Por vezes, apresentamos projectos e não temos o apoio de ninguém (...).

@V: A associação confronta-se com a falta de pagamento de trabalhadores de limpeza?

FS: Não, porque os trabalhadores ligados à recolha de resíduos sólidos e saneamento são pagos pelo Conselho Municipal de Maputo. Para além de salários, temos problemas de avarias das nossas máquinas, pois são velhas e não temos dinheiro para a sua reparação.

@Verdade (@V): Como é que surge a Associação de Água e Saneamento do Bairro Urbanização (ADASBU)?

Fabião Siteo (FS): A ADASBU surge na altura das enxurradas do ano 2000. O bairro da Urbanização foi o terceiro mais afectado a nível de Maputo. Na altura, apareceu um grupo de Médicos Sem Fronteiras que se ofereceu a dar apoio e quando chegou à “Urbanização” comunicou às estruturas sobre o plano, que tinha a ver com o controlo do nível freático de água e de doenças como a cólera.

@V: O que é que os médicos faziam de concreto quando cá chegaram?

FS: Os médicos tinham uma diversidade de actividades: propuseram a construção de uma vala de drenagem que minimizou o problema do nível freático de água. Antes, quando chovia, o bairro ficava inundado e o solo demonstrava a absorver a água. Depois da construção de valas, a situação mudou. Tínhamos 15 fontanários e apenas dois funcionavam. A ADASBU recuperou alguns. A água não subia até às torneiras da região. Outra actividade que os médicos iniciaram foi a recolha de lixo através de “txovas” (carrinhas de mão cuja circulação depende da força braçal). Começámos com uma, em regime experimental, e mais tarde aumentámos. Esta actividade

é realizada a nível do bairro da Urbanização. Esvaziamos latrinas e fossas dentro e fora do bairro (...). Para fazer este trabalho nós temos um grupo de activistas que anda de casa em casa a sensibilizar as populações sobre como se precaverem de doenças. No princípio, os médicos ofereceram latrinas melhoradas à população, pois no bairro da Urbanização as pessoas tinham boas casas, mas faltava-lhes boas latrinas: as pessoas faziam latrinas usando pneus ou tambores. Hoje em dia, posso-lhe assegurar que ninguém vive nessas condições.

@V: Quanto tempo trabalharam com os Médicos Sem Fronteira?

FS: Os Médicos Sem Fronteira chegaram cá em 2000 e saíram três anos depois. Eles doaram as instalações que hoje temos. Não temos nada adquirido com os nossos fundos. Salvo em situações de avaria de tractores ou “txovas”, aí temos de pedir ajuda para a sua reparação. Os nossos trabalhos não são lucrativos. Fazemos trabalhos com recurso a valores simbólicos, sobretudo quando se trata de recolha de resíduos sólidos, que é totalmente grátis. Apesar de não se cobrar nada pela recolha do lixo, celebramos contratos com pessoas que são remuneradas para realizarem certos trabalhos.

@V: Há trabalhos que são realizados apenas para benefício do bairro da Urbanização? Quais são?

Os (enormes) desafios da nova Zona Económica Especial

Numa altura em que o abastecimento de água potável e o fornecimento de energia eléctrica continuam a ser a principal dor de cabeça da população, o distrito de Mocuba, na província da Zambézia, foi, recentemente, elevado à categoria de Zona Económica Especial (ZEE) e Franco – Industrial. Diga-se, em abono da verdade, que os imensos problemas com que a região se debate poderão comprometer a atracção de investimentos.

Texto & Foto: Cristóvão Bolacha

O decreto número 28/2014, de 06 de Maio, eleva à categoria de Zona Económica Especial e Franco – Industrial o distrito de Mocuba, não obstante a região encontrar-se mergulhada num emaranhado de dificuldades. Os problemas que assolam aquela circunscrição geográfica, com destaque para o abastecimento de água e energia eléctrica, poderão comprometer a materialização daquele sonho.

A erosão que aflige a população a nível das comunidades, os serviços sociais cuja cobertura é extremamente baixa, o fraco rendimento na produção agrícola familiar, as vias de acesso deficitárias, entre outros aspectos, são algumas das questões que, presentemente, caracterizam o distrito de Mocuba.



Numa extensão de cerca de 10.727 quilómetros quadrados, a Zona Económica Especial de Mocuba inclui o posto administrativo de Munhamade, no distrito de Lugela. Já a zona Franco – Industrial compreende mais de 50 hectares de terra, incluindo as antigas instalações da fábrica têxtil (actualmente, em ruínas) que serão transformadas no Complexo Industrial da Zambézia.

Segundo as perspectivas do Governo, o local onde funcionava a antiga unidade fabril será reaproveitado para a construção de edifícios industriais. Numa primeira fase, a prioridade vai para o sector agrícola. Para o efeito, realizou-se nas instalações da Faculdade de Engenharia Agronómica e Florestal (FEAF) da Universidade Zambeze (UniZambeze), na cidade de Mocuba, a II Conferência de Investimentos das Zonas Económicas Especiais, que juntou empresários nacionais de vários pontos do país interessados em desenvolver projectos naquele corredor.

A cerimónia, dirigida pelo ministro de Planificação e Desenvolvimento, Aiuba Cuereneia, serviu de ponte entre o sector público e o privado para a divulgação dos potenciais da mais nova ZEE do país. Os presentes priorizaram a estratificação dos resultados de estudos de viabilidade feitos no corredor em alusão onde, igualmente, se falou dos desafios futuros. Durante a realização do evento, o governo local, assim como o provincial, reconheceram a existência de tais dificuldades que, de certa maneira, podem minar a atracção de investimentos para diversos sectores.



A voltagem de energia eléctrica abastecida não é suficiente para a actividade industrial e a rede de fornecimento do precioso líquido não cobre metade da população daquela jurisdição. Os governos local e provincial têm o árduo desafio de resolver os problemas, num curto espaço de tempo, de modo a atrair investidores para a implantação de indústrias.

O @Verdade conversou com Abdul Carimo, um dos empresários mais antigos do distrito de Mocuba e da província da Zambézia, que participou na conferência. De acordo com o nosso interlocutor, aquela circunscrição geográfica ainda está a regenerar-se dos prejuízos provocados pela guerra civil.

Carimo afirmou que a maior parte dos agentes económicos do distrito está a pagar dívidas à banca e não possui capital para investimento imediato na Zona Económica Especial e Franco – Industrial de Mocuba.



“Mocuba encontra-se mergulhado em inúmeras dificuldades que poderão minar o seu desenvolvimento. Os problemas de energia eléctrica e água potável vão condicionar a implantação de indústrias para o processamento de alimentos, uma vez que necessitam de grandes quantidades do precioso líquido e de elevada potência de corrente eléctrica”, referiu Carimo.

O agente económico observou que o distrito de Mocuba também se debate com a problemática da exploração ilegal e desenfreada dos recursos florestais. Sob o olhar impávido das autoridades, são abatidas árvores com dimensões abaixo dos 30 centímetros.

“Nós assistimos a cada dia que passa à exploração ilegal de madeira e o governo local é culpado porque não tem sido severo com os infractores”, afirmou Carimo, sustentando que há falta de seriedade por parte dos fiscais da Direcção Provincial da Agricultura que, apesar dos meios suficientes para o efeito, não encaram o trabalho com responsabilidade.

Expansão da energia eléctrica

A expansão dos serviços de fornecimento de energia constitui uma das prioridades do governo do distrito de Mocuba. Porém, a atracção de investimentos para potencializar o alastramento da rede eléctrica é outro desafio que terá de ser ultrapassado o mais breve possível.

De acordo com Adriano Jonas, administrador da Electricidade de Moçambique (EDM), no distrito de Mocuba, a energia eléctrica encontra-se apenas nas imediações da cidade. O investimento em infra-estruturas eléctricas vai contribuir para a atracção de em-

presários na Zona Económica Especial de Mocuba.

A construção de novas centrais e o reforço da subestação de Mocuba custará 320 milhões de dólares norte-americanos. “O surgimento de cargas industriais num local onde as infra-estruturas se encontram obsoletas e que foram projectadas para a electrificação rural

acelera o esgotamento da capacidade residual”, sublinhou Jonas.

O @Verdade soube que, para responder ao crescimento da demanda do país, a EDM deve construir novos centros produtores de energia com base nos recursos existentes, nomeadamente hídricos, gás natural e carvão. No curto e médio prazo – como é o caso de Mocuba –, a solução passa pela construção de novas centrais



Destaque

eléctricas com base no gás natural.

Aquele responsável afirmou ainda que na região norte o gás do Rovuma constitui um recurso estratégico para se garantir o suprimento da demanda que vai crescer exponencialmente nas ZEE's de Nacala e Mocuba, e nas minas de Marropino, Moma e Angoche. "A EDM tem um protocolo de cooperação com a Empresa Nacional de Hidrocarbonetos (ENH), uma firma pública que opera na área de hidrocarbonetos essenciais para a produção de energia, de modo a garantir as cotas necessárias para o efeito", disse.

Para se fazer face às actividades da Zona Económica Especial de Mocuba, urge reforçar a linha Mocuba – Alto-Molócuê – Nampula por forma a desbloquear-se a capacidade de transporte de energia para a região norte. Tal medida poderá custar aos cofres daquela instituição cerca de 100 milhões de dólares norte-americanos.

Como forma de não atrasar o processo de materialização da ZEE de Mocuba, a EDM tem o desafio de desenvolver as potencialidades hidroeléctricas existentes na Zambézia que se encontram sob custódia de privados, como é o caso da central do posto administrativo de Mugeba, que suporta 150 megawatts, Mutala, com 30, e Alto Malema (60).

A EDM revelou ainda que a rede eléctrica existente que abastece a região norte está a operar no limite da sua capacidade como resultado da implementação de vários projectos industriais nas Zonas Francas Industriais, bem como do crescimento natural da carga doméstica.

Dados em nosso poder dão conta de que a implementação de um projecto de infra-estrutura eléctrica que inclui a central eléctrica, linha de transporte e subestações requer, no mínimo, cinco anos de actividades preparatórias, que consistem na elaboração e mobilização de financiamento.

"A rede eléctrica nacional foi implantada com o enfoque para a electrificação rural sendo por isso de reduzida capacidade para consumos intensivos típicos de Zonas Económicas de Desenvolvimento Acelerado", afirmou o administrador da EDM.

O financiamento para a maior parte dos projectos ainda não está assegurado e a mobilização de fundos requer negociação complexa e morosa, muitas vezes, exigindo-se garantias soberanas, o que significa que a maior parte das iniciativas ainda está apenas em carteira. "O perfil dos consumidores não permite que a EDM assine contratos de compra e venda de energia com os investidores das ZEE's para viabilizar o financiamento comercial", referiu Adriano Jonas.

Aumento da capacidade de abastecimento de água potável

O aumento da capacidade de abastecimento de água potável para responder às demandas da ZEE de Mocuba é mais um dos inúmeros desafios colocados ao Executivo moçambicano. Segundo estudos feitos pela Administração de Infra-estruturas de Água e Saneamento (AIAS), a única forma de atrair investimentos é melhorar e ampliar a rede de fornecimento de água.

@Verdade apurou que o Fundo de Investimentos e Património do Abastecimento de Água (FIPAG) no distrito de Mocuba abastece, diariamente, à população pouco mais de 120 metros cúbicos. Para resolver o dilema e possuir capacidade para fornecer o preciso líquido às indústrias, a AIAS necessita de pelo menos 39 milhões de dólares norte-americanos, de modo a incrementar a produção para que as torneiras jorrem água 24h00 por dia.

O estudo de viabilidade feito pela AIAS mostra que a fonte de captação actualmente usada (rio Lugela) não tem água suficiente para abastecer a ZEE e Franco – Industrial de Mocuba. Uma das formas de resolver o problema é o recurso ao rio Licungo. Tratando-se do maior rio da província da Zambézia, o mesmo poderá descongestionar as necessidades de fornecimento de água naquela circunscrição geográfica.

Recorde-se de que as margens do rio Licungo e os seus afluentes servem a maior parte da população de Mocuba nas suas actividades diárias.

Vias de acesso

Um dos principais requisitos para a elevação de uma jurisdição à categoria de Zona Económica Especial é possuir uma terminal de carga que possa garantir o escoamento de produtos para outros pontos do mundo. Mocuba não conta com uma infra-estrutura do género.

No que diz respeito às vias de acesso, Mocuba

ocupa uma posição privilegiada, uma vez que o distrito é atravessado pela Estrada Nacional número 1.

Os primeiros passos

Os primeiros passos, embora lentos, foram dados pela Agência do Vale do Zambeze, uma instituição pública destinada ao financiamento de projectos que se desdobram no sentido de tornar acessível o investimento que visa projectos agrários e não só.

A Agência do Vale do Zambeze tem um pouco mais de 200 milhões de dólares norte-americanos para investir na ZEE. O director-geral daquela instituição, Roberto Albino, disse que o valor se destina aos empresários que desejam desenvolver projectos no corredor da Zona Económica Especial e Franco – Industrial de Mocuba.

Para o efeito, será traçado um plano de ordenamento territorial que visa facilitar a identificação dos locais para a implementação dos projectos em causa. Albino disse ainda que, nos últimos dois anos, a Agência do Vale do Zambeze investiu pouco mais de 50 milhões de dólares em 24 distritos, nos sectores de agricultura e piscicultura.

Aquele dirigente reconheceu que o distrito de Mocuba enfrenta inúmeras dificuldades no que diz respeito ao abastecimento de água e energia eléctrica para o pleno funcionamento de fábricas. Num outro desenvolvimento, Roberto Albino disse que é necessário incrementar a produção agrícola e a formação profissional.

GAZEDA instala-se em Mocuba

A Agência do Vale do Zambeze investiu cerca de 96 milhões de meticais para a construção das instalações de uma agência de negócios onde

poderão funcionar os escritórios do Gabinete das Zonas Económicas de Desenvolvimento Acelerado (GAZEDA) a nível da região centro, no povoado de Nacogolone, distrito de Mocuba, província da Zambézia.

A primeira pedra foi lançada no passado dia 25 de Julho pelo ministro da Planificação e Desenvolvimento, Aiuba Cuereneia. O director-geral da Agência do Vale do Zambeze, Roberto Albino, disse que o estabelecimento em alusão será o local onde os projectos de investimento relacionados com a Zona Económica Especial de Mocuba serão censurados e aprovados.

As obras, com a duração de 15 meses, apresentam benefícios para os agentes económicos a operar no distrito de Mocuba que outrora recorriam à cidade de Quelimane para apresentarem as suas propostas de investimentos para possíveis financiamentos.

De referir que a construção do centro de negócios constitui um passo importante no início das actividades na Zona Económica Especial e Franco – Industrial de Mocuba.

Durante a II Conferência de Investidores das Zonas Económicas Especiais, o Governo, através dos vários intervenientes, anunciou a existência de uma série de projectos a serem implementados na ZEE e Franco – Industrial de Mocuba. Dentre os diversos planos, destacam-se a reabertura da linha férrea Mocuba– Quelimane–Macusse, a criação de um porto seco e a reabilitação das estradas.

O porto seco a ser erguido na ZEE e Franco – Industrial de Mocuba vai servir para ligar aquele distrito a outros pontos do país e do mundo para o escoamento de produtos a serem processados naquela circunscrição geográfica, para além das potencialidades que a jurisdição possui, nomeadamente recursos florestais e produtos alimentares diversos.



Prováveis constrangimentos

A implantação da Zona Económica Especial proporciona, a uma dada área, um desenvolvimento acelerado. Durante a sua implementação, há problemas que surgem como é o aumento da criminalidade. É óbvio que a maior parte da população activa estará empregada e o nível da pobreza absoluta poderá diminuir.

É o caso da ZEE de Nacala, onde o furto qualificado, o assalto à mão armada, assassinatos, entre outros males, afectam população. Dados fornecidos pelo Comando Provincial da Polícia da República de Moçambique em Nampula indicam que cerca de 50 por cento dos crimes contra cidadãos indefesos a nível provincial são consumados em Nacala.

A instalação de empresas multinacionais apenas para se beneficiar das isenções fiscais que a ZEE e Franco-Industrial oferecem são questões a ser investigadas, de modo a evitar-se que haja oportunismo por parte dos empresários.

A disputa tendo em vista espaços entre camponeses e empresários é outro desafio a ser encarado pela população que se encontra em locais estratégicos do distrito, como é o caso da periferia da EN1. Alguns populares da ZEE e Franco – Industrial de Mocuba receiam que venham a ser desalojados sem as devidas compensações.

Veteranos de guerra plantam pela paz no Sudão do Sul

Nas férteis margens do rio Nilo Branco, um dos principais afluentes do rio Nilo na África subsaariana, uma cooperativa agrícola de veteranos de guerra tenta garantir o seu futuro alimentar quando o perigo de fome paira sobre o atribulado Sudão do Sul. Wilson Abisai Lodingareng, de 65 anos, é um agricultor periurbano e fundador da Associação de Veteranos Werithior (WVA), com sede nesta cidade, capital do Sudão do Sul.

Texto: Adam Bemma - Envolverde/IPS • Foto: Istockphoto

A organização é integrada por 15 agricultores de diferentes idades. O mais jovem, de apenas 25 anos, é filho de um deles. A cooperativa tem uma horta de 1,5 hectare na periferia de Juba, onde cultiva verduras. “Vi membros activos no grupo, todos ex-soldados do ELPS (Exército para a Libertação do Povo do Sudão). Chamo-os quando é preciso tirar o mato da horta. Também vou uma vez por dia, todas as manhãs, examinar os cultivos e ver o que está pronto para a venda”, contou Lodingareng à IPS.

Alguns dos membros da WVA tiveram de abandonar as suas casas e vivem nesta cidade num acampamento pertencente à Missão de Assistência das Nações Unidas na República do Sudão do Sul (UNMISS). Desde o começo dos confrontos, em 15 de Dezembro de 2013, entre as forças do Presidente Salva Kiir e as rebeldes do vice-presidente, Riek Machar, 1,5 milhão de pessoas abandonou as suas casas.

Actualmente, 3,5 milhões de sul-sudaneses enfrentam a insegurança alimentar, segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). Lodingareng contou como foi difícil conseguir um terreno perto do rio Nilo, pois muitos investidores internacionais competem pelas boas terras agrícolas. Levou quase três anos até obter um arrendamento da comunidade dona do terreno.

Em seguida, transformou a pastagem cheia de mato numa horta com verduras e ervas. A WVA cultiva quiabo, couve, folhas de juta e coentro. “São cultivos de curto impacto que crescem rapidamente, num ou dois meses. O quiabo colhe-se em três ou quatro dias”, disse Lodingareng.



A ideia da horta da WVA é que a terra seja um recurso que não se desperdice. Lodingareng observa a sua horta e pensa na possibilidade de expandi-la para o terreno vizinho, que está desocupado. “Penso em ampliar os cultivos de milho, batata, cenoura e beringela. O primeiro ano foi muito difícil, mas o próximo deve ser muito melhor” afirmou.

Simon Agustino, oficial de programa do Comité Central Menonita (MCC) do Sudão do Sul, contou que Lodingareng “veio ao nosso escritório com uma proposta e a pedir ajuda. Os veteranos não tinham esperança nem forma de manterem as suas famílias. As pessoas acreditavam que ele perdia o tempo a cavar. Mas não se entregou”, afirmou.

A MCC forneceu-lhe capital para arrendar o terreno, capacitar os beneficiários e para a produção de frutas e verduras, bem como para a compra de suplementos para a horta e ferramentas. Também monitorou o progresso da WVA. “Por fim, conseguiu o terreno e agora produz e os seus cultivos são vendidos no mercado. Um sinal do seu sucesso é que mais veteranos pensam em unir-se ao grupo”, explicou Agustino.

Segundo aquele, a maioria dos veteranos do ELPS volta-se para a criminalidade de se retirarem da vida activa. Mas Lodingareng não voltaria para o furto de gado nem a usar armas para roubar. Ele tem uma visão de futuro para o Sudão do Sul. “Fiz a minha parte para pôr meu país no caminho da autodeterminação. Agora proponho-me a trabalhar duramente. Farei tudo o que puder para sair da pobreza e melhorar minha situação económica”, assegurou.

Lodingareng lutou com o ELPS entre 1985 e 2008. Quando, há seis anos, deixou o Exército, começou a pensar na época em que era estudante de economia na Universidade de Makerere, em Kampala, Uganda. “Fiz um curso e escrevi um informe sobre economia agrícola. Aprendi que a terra é o alimento e que os cultivos partilham sinais de comportamento com os humanos”, explicou.

Lodingareng pertence ao povo de pastores toposa, do sudeste do país, mas a sua

esposa é nuer, um dos principais grupos étnicos do Sudão do Sul, a par dos dinkas. “Perseguiram-nos. Escondi a minha mulher no povoado e, com ajuda do MCC, levei-a para o Uganda. Voltei e descobri que haviam entrado em minha casa e levaram tudo”, contou.

Os veteranos da WVA são de diferentes grupos étnicos do Sudão do Sul. O seu trabalho demonstra que a agricultura é uma forma de reunir os sul-sudaneses, deixar de lado o aspecto tribal e plantar juntos na estação chuvosa. Lodingareng acredita que nunca é tarde para se abraçar a causa da agricultura, ainda que haja milhões de refugiados e o país esteja à beira da fome. “O ambiente político fez muitos desistirem de cultivar nesta temporada. Mas, se todos trabalharem na sua horta, as coisas melhorarão”, afirmou Lodingareng. O MCC planeia começar um programa de reconciliação e paz com a ajuda da WVA. “Há muitas ideias sobre como acabar com o conflito”, destacou, maravilhado, Agustino.

ONG's condenam imunidade penal para mandatários de África

Texto: Miriam Gathigah - Envolverde/IPS

Mary Wacu vivia na região do Vale do Rift quando ali chegou a violência que sacudiu o Quênia após as disputadas eleições gerais de 2007 e 2008. “Dispararam uma flecha envenenada contra o meu marido e os meus filhos foram mortos com facões. Tudo foi queimado até virar cinza. Eu consegui escapar viva”, contou à IPS. Organizações de direitos humanos dizem que esse conflito deixou um saldo de 1.500 mortos e deu lugar à violação de três mil mulheres e o deslocamento de 300 mil pessoas.

Da sua humilde moradia actual, no assentamento de Kibera, em Nairobi, Wacu está atenta aos julgamentos por crimes de lesa-humanidade que o Tribunal Penal Internacional de Haia realiza contra o actual Presidente, Uhuru Keniatta, o seu vice, William Ruto, e o jornalista Joshua Sang, em relação aos actos de violência de 2007 e 2008. Mas no Quênia a justiça continua fora do alcance de Wacu, como ocorre com muitas outras vítimas daquela turbulência.

É um cenário familiar nos países africanos propensos aos conflitos armados, como o Sudão e a República Democrática do Congo. Neste contexto, organizações da sociedade civil africanas e internacionais que trabalham no continente condenaram a modificação que a União Africana (UA) aprovou em Junho para o Protocolo sobre o Estatuto do Novo Tribunal Africano de Justiça e Direitos Humanos.

As mudanças introduzidas estendem a competência penal do tribunal africano e oferecem imunidade aos chefes de Estado e a altos funcionários do Governo durante o seu mandato por crimes de lesa-humanidade, explicou uma fonte do Malawi que assistiu a uma sessão da UA realizada em Nairobi no último fim-de-semana de Agosto. O polémico artigo 46A diz categoricamente que não serão apresentadas

acusações, nem será dada continuidade, contra chefes de Governo ou de Estado ou qualquer outra pessoa que actue na qualidade de tal.

“Conceder imunidade aos funcionários em exercício pelos crimes graves que tenham cometido é garantir aos líderes africanos que estão acima da lei”, disse a fonte. Malawi liderou a mobilização das organizações não-governamentais africanas para dizer aos governos do continente que a disposição sobre imunidade é uma flagrante falta de respeito pelos direitos humanos.

O Tribunal Penal Internacional tem na mira vários governantes do continente, por isso “uma cláusula de imunidade dá aos líderes africanos uma licença para abusar do seu povo, e garantias às ditaduras, já que muitos líderes terão medo de serem acusados ao terminarem os seus mandatos”, acrescentou a fonte.

Edigah Kavulavu, da Comissão Internacional de Juristas, disse à IPS que o protocolo adoptado é o primeiro instrumento jurídico que estende a autoridade de um tribunal regional à jurisdição penal. Em geral, “os tribunais regionais cuidam de questões de direitos humanos, que são assuntos de natureza civil”, assinalou. Agora, o Tribunal

Africano poderá tratar de casos de carácter penal, como genocídio, crimes de guerra e de lesa-humanidade, acrescentou.

Segundo Kavulavu, a imunidade dada pelo artigo 46A viola os princípios que regem os direitos humanos. “Mediante o TPI e outros tribunais regionais, como o Tribunal Especial para a Serra Leoa, essas cortes complementam-se entre si para fecharem a brecha da impunidade”, acrescentou.

James Gondi, da Quenianos pela Paz com Verdade e Justiça, uma aliança de 34 ONG's do Quênia e da África oriental, disse à IPS que “os que têm a maior responsabilidade são os Chefes de Estado, os comandantes militares e as elites que planeiam, financiam e coordenam os actos criminosos. A emenda destina-se a beneficiar essas três categorias de pessoas”.

Este advogado de direitos humanos acrescentou que a imunidade nega os princípios de transparência e prestação de contas, bem como o respeito pelo império da lei e da humanidade. Para Gondi, o objectivo da justiça penal, que agora é competência do novo Tribunal Africano, é, e deve ser, a “dissuasão de futuras atrocidades e o fim da impunidade”.

Entre os países africanos com leis que excluem a imunidade para os funcionários em exercício por crimes graves estão o Benin, Burkina Faso, a República Democrática do Congo, o Quênia e a África do Sul.

“Não podemos conceder imunidade por crimes de lesa-humanidade porque são muito graves. A lei é uma questão de política e a política define-se pela impunidade e vontade política”, afirmou Gondi. No futuro, prosseguiu, deve-se gerar um esforço internacional e regional para se acabar com a impunidade. “A sociedade deve exigir que os seus líderes respondam pelos seus actos”, concluiu.

Mundo

Região árabe tem o mais rápido crescimento de VIH/SIDA no mundo

As taxas de VIH/SIDA estabilizaram-se ou baixaram noutros lugares, mas a epidemia continua a avançar no mundo árabe, agravada por factores como instabilidade política, conflitos armados, pobreza e falta de informação devido aos tabus sociais.

Texto: Adam Bemma - Envolverde/IPS • Foto: Istockphoto

Segundo um informe do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre VIH/SIDA (ONUSIDA), calcula-se que 270 mil pessoas viviam com o VIH (vírus causador da SIDA) na região do Médio Oriente e norte de África em 2012. “É certo que a região árabe tem uma baixa prevalência da infecção, mas tem a epidemia de crescimento mais rápido do mundo”, afirmou a médica Khadija Moalla, consultora independente sobre direitos humanos, género, sociedade civil e VIH/SIDA.

A ONUSIDA calcula que somente em 2012 foram registados 31 mil novos casos de VIH e 16.500 mortes derivadas da SIDA. “As infecções cresceram 74% entre 2001 e 2012, enquanto as mortes relacionadas com a epidemia quase triplicaram”, segundo Matta Matta, destacado infectologista do Hospital Bellevue, no Líbano. No entanto, ele e Moalla explicaram que os números podem levar a um engano devido a um registo não credível existente e à falta de pesquisas sistemáticas e precisas.

Com excepção da Somália e do Djibuti, a epidemia concentra-se geralmente em populações vulneráveis com maior risco, como homens que fazem sexo com homens (HSH), as e os trabalhadores sexuais, e os consumidores de drogas injectáveis.

Na Líbia, por exemplo, 90% dos usuários de drogas injectáveis também vivem com o VIH, explicou Matta. Por outro lado, a maioria dos países árabes não tem programas que permitam a troca de seringas, acrescentou. O contexto jurídico que penaliza este tipo de actividade na maioria dos



países árabes dificulta o acesso aos grupos específicos.

Com excepção da Tunísia, que reconhece o trabalho sexual, a lei não protege as trabalhadoras sexuais que operam clandestinamente noutros países e, portanto, não podem obrigar os seus clientes a protegerem-se, o que ajuda a propagar a doença.

A falta de informação, a ausência de testes voluntários e de educação sexual, os tabus sociais, bem como a pobreza, são alguns dos factores que impulsionam o VIH na região. “Os Governos e as sociedades árabes negam a epidemia, e a falta de testes voluntários significa que, para cada pessoa infectada registada, temos outras dez que não conhecemos”, destacou Moalla.

As pessoas que vivem com o VIH ou que estão em risco são discriminadas e estigmatizadas. “A mais de metade das pessoas nesta situação, no Egipto, foi negado tratamento nos centros de saúde”, apontou Matta.

Os problemas de segurança imperantes na região agravam este sombrio panorama, já que, além de complicarem os programas de prevenção, também limitam o acesso ao tratamento e geram deslocamentos e perda de acompanhamento de cada caso, segundo o informe da ONUSIDA.

Por exemplo, a guerra no Iraque, que começou em 2003, destruiu a maior parte dos programas e das instalações do país referentes ao Programa Nacional da SIDA. Além disso, o Centro Nacional Contra a SIDA, da Líbia, também foi destruído por um incêndio, segundo Moalla.

Além disso, em alguns países os conflitos armados aumentaram significativamente a vulnerabilidade das mulheres. Em 2012, por exemplo, apenas 8% do número estimado de mulheres grávidas que viviam com o VIH na região receberam tratamento adequado para se prevenir a transmissão de mãe para filho, conforme a ONUSIDA.

No entanto, poucos governos têm políticas eficazes de combate à epidemia, e há indícios de que organizações não-governamentais começam a abordar o problema com as pessoas que vivem com o VIH para lhes dar apoio.

O desempenho “dos países do norte de África e do Líbano, em geral, foi melhor do que de outros, enquanto o dos países do Golfo é o pior”, destacou Moalla. Menos de 20% das pessoas que vivem com o vírus recebem os medicamentos que necessitam na região árabe, acrescentou.

Alguns esforços do Programa Regional de VIH, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, que é pioneiro na reforma jurídica de vários países, e com a redacção de uma convenção árabe sobre a protecção dos direitos das pessoas que vivem com VIH, em colaboração com a Liga dos Estados Árabes, ainda não são suficientes.

Para Matta, “a atitude de superioridade moral que toma o mundo árabe diante do assunto VIH não é uma barreira para a epidemia. Os Governos da região devem encarar este problema crescente que a instabilidade geral apenas agrava”.

Relatório holandês diz que voo MH17 se despedaçou na Ucrânia por factores externos

O avião da Malaysia Airlines que fazia o voo MH17 despedaçou-se sobre a Ucrânia devido ao impacto de “uma grande quantidade de objectos com muita energia”, disse a Agência de Segurança Holandesa, na terça-feira (9), num relatório preliminar condizente com a teoria de que a aeronave foi abatida por um míssil.



O acidente sobre o território controlado por rebeldes pró-Rússia no leste da Ucrânia, a 17 de Julho, matou 298 pessoas, dois terços das quais holandesas. O relatório, publicado, esta terça-feira, diz que o MH17 caiu devido à penetração de objectos externos na fuselagem.

“Não há indicações de que a queda do MH17 tenha sido causada por uma falha técnica ou por acções da tripulação”, diz o texto. Embora o relatório não tenha mencionado um míssil, o impacto com uma grande quantidade de fragmentos seria condizente com a “proximidade” de uma ogiva projectada para explodir no ar e lançar estilhaços contra o seu alvo, disse Tim Ripley, um analista de defesa para a revista Jane’s Defence Weekly.

Tais ogivas podem ser acopladas a vários tipos de mísseis, incluindo o míssil russo terra-ar BUK que a Ucrânia e os aliados ocidentais, entre eles os Estados Unidos, dizem ter

sido lançado pelos separatistas, alvejando o avião de passageiros, provavelmente por engano.

“O relatório preliminar sugere que os objectos com alta energia penetraram na aeronave e fizeram com que se despedaçasse em pleno ar”, disse o Primeiro-Ministro da Malásia, Najib Razak, num comunicado.

“Isto leva à forte suspeita de que um míssil derrubou o MH17, mas investigações adicionais são necessárias para que se tenha a certeza”, acrescentou ele. As autoridades russas sugeriram no passado que outras teorias seriam possíveis, incluindo a de que o avião poderia ter sido alvejado por caças.

O relatório, no entanto, concluiu que não havia aeronaves militares nas proximidades. Os investigadores holandeses não conseguiram chegar ao local da queda por causa do conflito entre os militantes pró-Rússia e as forças do Governo da Ucrânia.

As descobertas preliminares foram recuperadas do gravador da cabina dos pilotos, dos registos dos dados de voo, de imagens de satélite e informações de radar. Os rebeldes entregaram os gravadores depois de encontrá-los entre os destroços.

Uma série de fotos detalhadas dos destroços no relatório mostram múltiplos impactos de estilhaços. O Governo ucraniano e os seus aliados ocidentais, incluindo os EUA, dizem ter sido a Rússia quem entregou aos separatistas os mísseis BUK, um enorme e avançado sistema capaz de alcançar um avião de passageiros em altitude de cruzeiro.

Texto: Redacção/Agências

Centenas de pessoas morrem na Índia e no Paquistão na pior chuva de monções em 50 anos

O número de mortos por causa da chuva mais pesada a cair sobre a Caxemira em 50 anos subiu para pelo menos 420, na terça-feira (9), e milhares de pessoas ainda estão presas nos telhados de residências.

Texto: Redacção/Agências

No lado indiano da Linha de Controlo fortemente militarizada que divide a região do Himalaia entre os dois países, a cidade de Srinagar estava submersa. “Os danos são impressionantes, e em algumas partes da Caxemira as pessoas estão presas nos telhados das suas casas nos últimos três dias”, disse um alto funcionário da Força Nacional de Resposta a Desastres da Índia, em Nova Deli.

O funcionário, que não quis ser identificado, disse que as autoridades poderiam ter enviado antes equipas de ajuda, mas “todos nós fomos colhidos de surpresa, porque não havia um único aviso emitido pelo órgão da meteorologia”.

O Departamento Meteorológico da Índia tinha previsão de chuva forte na Caxemira na semana passada, mas a Comissão Central das Águas, que emite alertas de inundação, tem sido criticada pelos media indianos por não ter alertado o Estado. Cerca de 47.000 pessoas foram retiradas das suas casas na Índia, onde há o registo de 217 mortes até esta terça-feira.

A Força Aérea da Índia lançou mais de 550 toneladas de material de emergência, e 80 equipas médicas criaram serviços de saúde de emergência nas escolas públicas e nos centros de saúde estatais.

A inundação é a primeira grande emergência humanitária sob o Governo do novo Primeiro-Ministro indiano, Narendra Modi, mas também vem num momento difícil para o Primeiro-Ministro paquistanês, Nawaz Sharif, que tem enfrentado semanas de protestos de rua que visam forçá-lo a deixar o cargo.

No Paquistão, 203 pessoas foram mortas pelas enchentes na Caxemira e áreas adjacentes. Saeed Qureshi, um funcionário da Autoridade de Estado de Gestão de Desastres, disse que o volume de chuvas fez com que os planos de contingência se tornassem inúteis.

Mundo

Iraque à beira do abismo

Os eventos catastróficos que acontecem diariamente no Iraque são mais significativos do que em qualquer momento da história recente. O Estado Islâmico, antes conhecido como Estado Islâmico do Iraque e o Levante (ISIS), expandiu-se de forma avassaladora da Síria para o Iraque e parecia impossível ser contido na sua marcha rumo a Bagdade.

Texto: Bill Miller - Envolverde/IPS • Foto: Reuters

As forças armadas iraquianas, que eram muito superiores em quantidade de homens e em armas, não puderam ou não quiseram enfrentar esta decidida força de aproximadamente mil combatentes. Ao mesmo tempo, o mundo fixou a sua atenção na minoria yazidi que teve de fugir do monte Sinjar, no noroeste do Iraque, para evitar a sua aniquilação.

O que aumentou o perigo da situação é que Sinjar é uma montanha estéril e rochosa com cerca de 108 quilómetros de extensão e dez quilómetros de largura, que sobressai como a corcova de um camelo e que suporta temperaturas de até 43 graus durante o dia, como informou Kieran Dwyer, director de comunicações do Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários, de Erbil, capital do Curdistão iraquiano.

Dwyer também partilhou outras estatísticas assombrosas. Mais de 200 mil iraquianos fugiram das suas casas desde 3 de Agosto, na medida em que a violência dos grupos armados se intensificava, o que elevou o total de refugiados para 1,2 milhão de pessoas. O Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas dá protecção e ajuda às autoridades locais com abrigo para os refugiados, incluindo colchões e cobertores. O Programa Mundial de Alimentos da ONU montou quatro cozinhas comunitárias nessa área e forneceu dois milhões de refeições nas duas últimas semanas.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) forneceu água potável e sais reidratantes para ajudar a prevenir ou tratar a diarreia, bem como bolachas energéticas a 34 mil menores de cinco anos na última semana. O Fundo de População das Nações Unidas ajuda mais de 1.300 grávidas com produtos de higiene e assessora as autoridades locais fornecendo médicos a 150 mil pessoas.

No avião de volta da sua viagem à Coreia do Sul, em 18 de Agosto, o Papa Francisco aprovou uma intervenção no Iraque para deter a perseguição dos combatentes islâmicos contra os cristãos e demais grupos religiosos



minoritários. É uma mudança drástica, já que o Vaticano evita, normalmente, o uso da força.

Mas o papa fez uma ressalva: que a comunidade internacional discuta uma estratégia, possivelmente na ONU, para que a intervenção não seja vista como “uma verdadeira guerra de conquista”. Pouco depois, o Presidente da França, François Hollande, pediu uma conferência internacional para discutir como enfrentar os terroristas do Estado Islâmico que tomaram o controlo de partes dos territórios da Síria e do Iraque.

As duas sugestões estão directamente ligadas à intenção do Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, de presidir uma reunião do Conselho de Segurança da ONU durante a sua participação na sessão anual da Assembleia Geral da ONU este mês. De concreto, Obama centrar-se-á na luta antiterrorista e na ameaça de que combatentes estrangeiros viagem para zonas em conflito e se juntem às organizações terroristas. Além disso, todos os principais actores da região, inclusive aqueles com uma inimidade tradicional, como Irão diante de Arábia Saudita e Estados Unidos, devem participar.

É fundamental recordar que uma das principais razões das catástrofes que ocorrem em muitas áreas do Médio Oriente remonta directamente à invasão ilegal e desafortunada do Iraque pelo ex-Presidente norte-americano George W. Bush (2001-2009) decidida em Março de 2003. Supostamente, Washington foi ao Iraque para eliminar as armas de destruição em massa em poder do regime de Saddam Hussein (1979-2003), que não existiam.

Quando veio abaixo o fictício argumento das armas de destruição em massa, a fundamentação da intervenção no Iraque passou rapidamente a ser a mudança de regime e depois o estabelecimento da democracia no mundo árabe. Mas os motivos verdadeiros estão no controlo das jazidas de petróleo e na reconfiguração dessa região para que os interesses ocidentais possam manipulá-la.

Na realidade, o legado do maior revés na história da política externa dos Estados Unidos foi que o Irão se transformou na potência da região, o Iraque converteu-se num barril de pólvora para o conflito entre sunitas e xiitas, morreram mais de 200 mil iraquianos e quatro mil militares norte-americanos, e sobrou uma conta de dois bilhões de dólares para os contribuintes norte-americanos. Este número continuará a crescer devido aos milhares de soldados que necessitarão de assistência médica e psicológica, e à ajuda financeira, militar e técnica que o

Iraque solicitará no futuro.

Tragicamente, alguns meios de comunicação, como a Fox News e muitas emissoras de rádio de direita, voltam a colocar no ar as mesmas fontes de desinformação, como o ex-vice-Presidente Dick Cheney, o ex-subsecretário de Defesa, Paul Wolfowitz, o administrador dos Estados Unidos no Iraque, Paul Bremer, o senador John McCain e o comentarista Bill Kristol, para se reescrever a história e dizer-se que a guerra no Iraque foi um sucesso.

Numa democracia é fundamental ter-se uma mostra representativa de ideias num debate estimulante sobre o Iraque e outros temas, mas é questionável e um disparate crer nos conselhos de um grupo tão contraproducente que apoia a insensatez de que o resultado seria positivo para os Estados Unidos se tivessem ficado mais tempo, deixado mais soldados ou investido mais sangue e dinheiro na região.

Negam-se a reconhecer que nem iraquianos nem iranianos queriam que os Estados Unidos ficassem, e que a população norte-americana se voltou contra a guerra falida. A isto acrescentamos o facto de o ex-Primeiro-Ministro iraquiano, Nouri al Maliki, ter tentado excluir os sunitas da divisão do poder e da participação no âmbito político, financeiro e cultural do Iraque.

Desde as decapitações do fotógrafo James Foley e do jornalista Steven Sotloff, impostas pela draconiana lei islâmica que viola os direitos humanos e civis, os desafios no Iraque multiplicam-se dia-a-dia. É provável que ninguém no mundo saiba melhor disso do que o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, que disse recentemente: “Posso trazer os líderes do mundo ao rio, mas não posso obrigá-los a beber”. Quando os dirigentes mundiais se reunirem no fim deste mês na ONU, será a hora de “beberem água” em benefício de todos.

África do Sul: vice-ministro da Defesa acusa provedora de Justiça de espionagem

O vice-ministro da Defesa e dos Antigos Combatentes, Kebby Maphatsoe, acusou publicamente a provedora de Justiça, Thuli Madonsela, de pertencer à agência norte-americana de espionagem, CIA.

“Não podemos permitir assaltos ao ANC. Lutaremos e defendemos o Congresso Nacional Africano. Thuli deve dizer-nos quem é o seu patrão,” defendeu Maphatsoe em reportagem publicada esta segunda-feira pelo jornal The Star.

A provedora de Justiça é vítima de várias acusações por parte do partido no poder, o ANC (Congresso Nacional Africano), desde que enviou no mês passado uma carta ao Presidente Jacob Zuma, questionando acerca da data em que este irá responder às recomendações em torno do Relatório Nkandla.

Recorde-se que no início do ano, a provedora de Justiça publicou um relatório em torno dos cerca de 246 milhões de randes usados ilegalmente nas obras de instalação do sistema de segurança da residência privada de Zuma em Nkandla, Província de KwaZulu-Natal.

No referido relatório, Mandonsela teria recomendado o Presidente Zuma a devolver metade do valor usado nesta operação.

ANC distancia-se

O partido no poder, o ANC, publicou um comunicado de imprensa nesta terça-feira distanciando-se dos comentários do também secretário do Umkhonto we Sizwe (Lança da Nação), o braço armado do partido no poder na época da segregação racial, o apartheid.

O porta-voz do ANC, Zizi Kodwa, afirmou que o seu partido acredita que a alegação do vice-ministro da Defesa é infeliz, mas que não dispunha de mais informações para se alongar nos comentários.

“O ANC reafirma o seu apoio e a sua credibilidade às instituições criadas para a promoção e preservação da nossa democracia, sobretudo à provedora de Justiça,” acrescentou Kodwa.

Acusações

Depois de ter acusado publicamente a provedora de Justiça em cerimónia do Umkhonto we Sizwe, no último sábado, em pleno bairro histórico de Soweto, o vice-ministro da Defesa convocou uma conferência de imprensa nesta segunda-feira, na qual indirectamente voltou a acusar Mandonsela de espionagem.

Maphatsoe assegurou que Thuli Mandosela, mesmo não sendo agente da CIA, encontrava-se a prestar serviços à agência de inteligência norte-americana.

O conselheiro especial do Vice-Ministro da Defesa, Ike Moroe, disse à Imprensa em Joanesburgo que Maphatsoe teria defendido a possibilidade de a Agência norte-americana de Inteligência, CIA, estar a levar a cabo acções para a descredibilização do país e do Governo de Zuma.

Crise Diplomática

O embaixador norte-americano acreditado na África do Sul, Patrick Gaspard, defendeu nesta segunda-feira que apresentaria junto do Governo de Pretória uma reivindicação diplomática formal acerca destas acusações.

“Como é que um ministro pode levantar esses comentários hilariantes num evento oficial?”, questionou Gaspar na sua conta oficial do Twitter.

Entretanto, a provedora de Justiça, Thuli Mandonsela, nunca fez uso de tais poderes, defendendo que a sua preferência era não debater questões do seu gabinete nos tribunais.

Depois de várias pressões vindas dos partidos da oposição e da sociedade civil, o Vice-Ministro da Defesa e dos Antigos Combatentes, Kebby Maphatsoe, publicou um pedido de desculpas a Provedora de Justiça na noite desta terça-feira.

Do seu comunicado, Maphatsoe, culpa a mídia pela má interpretação das suas palavras, defendendo ainda que Thuli Mandonsela abusava do poder que lhe foi conferido.

A Provedora de Justiça, por seu turno, diz que estava a analisar o pedido de desculpas de Maphatsoe e que um comunicado seria publicado brevemente.

União Africana rejeita encerramento de fronteiras dos países afectados pelo vírus do ébola

A presidente da Comissão da União Africana (UA), Nkosazana Dlamini-Zuma, afirmou, esta semana, que o encerramento das fronteiras e a suspensão dos voos para os países afectados pelo vírus do ébola na África Ocidental tem cada vez mais impacto sobre as populações locais do que a doença. A epidemia, a pior desde que a doença foi descoberta em 1976, matou cerca de 2.100 pessoas na Guiné Conacri, Serra Leoa, Libéria e Nigéria e espalhou-se também pelo Senegal. A OMS acredita que deverão decorrer entre seis e nove meses até se conter a doença e que ela poderá infectar cerca de 20.000 pessoas.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

A organização pan-africana advertiu igualmente na abertura duma sessão do seu Conselho Executivo, que agrupa os ministros dos Negócios Estrangeiros, que o impacto da doença sobre as populações de países como a Nigéria, onde vários casos foram registados, poderia mudar radicalmente, tendo importantes efeitos nas economias dos países vizinhos.

«Devemos ter atenção para não tomarmos medidas que terão mais impactos negativos a níveis social e económico do que sobre a doença», preveniu Dlamini-Zuma. A UA convocou uma reunião de emergência dos ministros dos Negócios Estrangeiros para discutir sobre as medidas necessárias para pôr termo às sanções económicas contra os países afectados pelo vírus do ébola, que matou até agora duas mil pessoas.

Segundo a UA, apesar de haver necessidade de se levar a cabo medidas para se limitar o impacto da doença sobre o comércio transfronteiriço e a segurança alimentar, devem ser desenvolvidos esforços para se pôr termo à propagação da doença.

Dlamini-Zuma disse que as comunidades afectadas pela propagação do vírus não têm condições para fazer comércio nem cultivar os campos, o que provocou um aumento dos preços dos bens alimentares de primeira necessidade.

«Devemos tomar medidas para permitir que a agricultura continue a ser praticada e apoiar os comerciantes, a maioria dos quais é constituída por mulheres», sublinhou a presidente da Comissão da UA. Esta reunião de emergência do Conselho Executivo discute sobre os meios para limitar o impacto das medidas tomadas pelos outros países para se evitar qualquer contaminação.

Segundo a vice-presidente do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), Geraldine Fraser-Moleketi, a instituição financeira assinou um acordo de financiamento de 60 milhões de dólares americanos com a Organização Mundial da Saúde (OMS) para disponibilizar fundos destinados à aquisição dos medicamentos necessários ao tratamento do ébola e melhorar as infra-estruturas de saúde na Serra Leoa, na Libéria e na Guiné Conacri.

O BAD está pronto também para desembolsar 150 milhões de dólares americanos a favor dos países afectados sob forma de apoio orçamental com vista a financiar as necessidades médicas nos hospitais da África Ocidental.

Surto do ébola desperta ira na Libéria

Entretanto, quando um paciente de ébola fugiu do centro



de tratamento em Monróvia e andou a cambalear em direcção ao mercado em busca de comida as pessoas presentes no local dispersaram e passaram a expressar raiva não contra o paciente, mas contra a Presidente da Libéria.

Segundo muitos cidadãos deste país empobrecido do oeste africano, o Governo da Presidente Ellen Johnson Sirleaf não fez o suficiente para protegê-los do vírus mortal. O ébola já matou mais de mil pessoas na Libéria desde o seu ressurgimento há seis meses.

Moradores aterrorizados disseram que o paciente foi o quinto nas últimas semanas a escapar dum hospital, que enfrenta a falta de pessoal. «Os pacientes estão com fome, a morrer de fome. Não têm comida ou água», disse uma mulher apavorada no meio da multidão. «O Governo deve fazer mais».

Vencedora do Prémio Nobel da Paz pela sua luta pelos direitos das mulheres, Johnson Sirleaf estava a alcançar um progresso gradual na reconstrução da Libéria após a guerra civil de 1989-2003, quando começou o surto de ébola.

Ébola alastra-se na Libéria e o país terá muito mais casos, segundo a OMS

A Libéria, país mais afectado pela epidemia do ébola do Oeste Africano, deverá registar milhares de novos casos uma vez que o vírus está a alastrar-se exponencialmente, disse a Organização Mundial da Saúde (OMS), na segunda-feira (8).

Naquele país, a doença já matou 1.089 pessoas - mais de metade de todas as mortes registadas desde Março. «A transmissão do vírus do ébola na Libéria já é intensa e o número de novos casos está a aumentar exponencialmente», disse a agência da ONU num comunicado.

«O número de novos casos está a aumentar muito mais rápido do que a capacidade de geri-los nos centros de tratamento específicos.» Catorze dos 15 condados da Libéria têm relatado casos confirmados.

Logo que um novo centro de tratamento contra o ébola é aberto, é imediatamente sobrecarregado com pacientes. «Em Monróvia, táxis repletos de famílias inteiras, dos quais alguns membros podem estar infectados com o vírus ébola, cruzam a cidade à procura de leitos para tratamento. Não há nenhum», disse.

No condado de Montserrado, que inclui a capital Monróvia e é o lar de mais de um milhão de pessoas, a equipa de investigação da OMS estimou que 1.000 leitos são urgentemente necessários para os doentes do ébola, disse o comunicado.

Mototáxis e táxis regulares tornaram-se «uma fonte quente» de transmissão do ébola. O Governo da Libéria anunciou, esta segunda-feira, que está a estender o toque de recolher nocturno em todo o país imposto no mês passado para se conter a disseminação da doença.

A Serra Leoa ordenou, semana passada, uma «reclusão» de quatro dias em todo o país, a partir 18 de Setembro, como parte de esforços mais severos para impedir a propagação do vírus do ébola.

Embora os governos e as organizações em todo o mundo estejam a fornecer dinheiro e suprimentos para a região, a OMS disse que os seus parceiros de ajuda devem aumentar os esforços em três a quatro vezes para combater a epidemia.

Mapeamento do ébola mostra mais regiões da África sob risco

Os cientistas que elaboraram o mapa mais recente dos lugares sob maior risco da epidemia do ébola dizem que as regiões onde é provável haver animais que abrigam o vírus são mais abrangentes do que se temia anteriormente, especialmente no oeste de África.

Entender melhor onde as pessoas têm contacto com animais infectados com o ébola – por exemplo, durante a caça ou ingestão de animais silvestres – e como impedi-las de contrair a doença é crucial para se evitar novos surtos, afirmaram os pesquisadores.

Acredita-se que o vírus do ébola, cuja taxa de mortalidade pode chegar a mais de 90 por cento, hospede-se em morcegos e outros animais selvagens, e que é transmitido aos humanos pelo contacto com carne, sangue ou outros fluidos infectados.

Estas passagens do vírus de animais para humanos são conhecidas como «eventos zoonóticos» e também foram a causa de grandes epidemias como o VIH e a gripe suína. O novo mapa, divulgado, esta semana, quando o saldo de mortes do maior surto do ébola da história no oeste africano chegou a quase 2.100, revelou que vastas áreas do centro de África, assim como a porção ocidental do continente, exibem características do que os cientistas chamaram de «zona zoonótica» para o ébola.

Nick Golding, pesquisador da Universidade Oxford que trabalhou na equipa internacional de mapeamento, disse que o grupo encontrou uma quantidade significativamente maior de regiões sob o risco de um surto do ébola do que se temia.

«Até agora não tinha havido uma grande quantidade de pesquisas, mas surgiu uma monografia na qual a área sob risco era muito menor», afirmou em entrevista por telefone. «Ela não previu, por exemplo, a região da Guiné Conacri onde a epidemia actual surgiu».

O estudo de Golding, publicado no periódico online eLife, não procurou mapear a contaminação em potencial de humanos para humanos, mas concentrou-se nos locais onde há risco de contágio através de animais.

Entretanto, os cientistas notaram que o surto actual deve-se quase que inteiramente à propagação de pessoa para pessoa. «Este trabalho foi um primeiro passo para se entender onde os surtos da doença podem ocorrer no futuro», afirmou Golding.

«Para nos prepararmos para epidemias futuras e lidarmos com a actual, temos que entender como a movimentação humana leva a doença a espalhar-se, uma vez que tenha contaminado a população humana».

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornalVerdade

FACTOS

A verdade em cada palavra.

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

Muquilina Soares: Uma lutadora que já conquistou o mundo

O @Verdade apresenta ao leitor, nesta edição, uma parte da história de vida da selecionadora nacional e campeã mundial de Karate, no estilo Kimura Shikokai, Muquilina Soares. Na cidade sul-africana de Sun City, no passado mês de Julho, a karateca moçambicana tornou-se a número um mundial nesta modalidade, no que diz respeito à prova de combate, também conhecida por kumite.

Texto: Duarte Siteo • Foto: Eliseu Patife

A delegação moçambicana que se fez aos “Mundiais” de karate disputados na cidade sul-africana de Sun City era composta por cerca de trinta e uma pessoas, entres dirigentes, atletas e treinadores, mas Muquilina foi a única do combinado nacional que conseguiu subir ao lugar mais alto do pódio.

A atleta nasceu há 32 anos na capital do país. Desde cedo teve uma paixão pelo karate, porque esta modalidade era tradicional na família. Confessa que teve uma puerícia linda e risonha, em que brincava até ao pôr-do-sol.

“Como toda a criança do mundo, tive uma bela infância, ajudava a minha mãe nos deveres de casa e sempre que eu não estivesse a estudar optava por ler um livro ou treinar com os meus irmãos”.

Ela entrou no mundo das artes marciais com seis anos de idade, influenciada pelos irmãos que já andavam há muito tempo na modalidade. Muquilina declara que nos primeiros dias era obrigada, porque não era aquilo que ela queria, mas com o tempo acabou por se apaixonar pelo karate, o que fez dela uma das mais destacadas karatecas nos escalões de formação.

Na adolescência foi obrigada a deixar o karate para apostar mais nos estudos e afiança que esta foi a fase mais delicada da sua carreira, pois o karate já fazia parte da sua vida, mas mesmo assim arranjava tempo nos fins-de-semana para treinar. Porém, nesta fase não competia. Decorridos quatro anos, Muquilina regressou à actividade e tudo fez para recuperar o tempo perdido.

No regresso, a karateca da Academia Carlos Dias, que se inspira no seu irmão e instrutor, Carlos Sousa Dias, tri – campeão mundial de karate e em Maria de Lurdes Mutola, que considera a melhor atleta moçambicana de todos os tempos, conseguiu a graduação de cinturão negro, tornando-se na primeira karateca do sexo feminino a conseguir este feito no país.

“Como forma de me controlarem para não me desviar para os maus caminhos, os meus irmãos obrigaram-me a treinar as artes marciais. Na adolescência, se eu não estivesse a estudar estava na academia a treinar e isso foi fundamental para a minha progressão como atleta. Agradeço aos meus companheiros por tudo que por mim fizeram, especialmente ao meu instrutor, Carlos Dias, que desde o primeiro dia me tem apoiado incondicionalmente”.

“A medalha do ouro é fruto do trabalho colectivo”

Conquistar uma medalha de ouro num campeonato mundial, seja em que modalidade for, não é para qualquer um. Muquilina Soares conseguiu essa façanha e mostrou-se feliz pela medalha conquistada. Apesar de ser um título individual, a selecionadora nacional afiança que a medalha por ela conquistada é fruto do trabalho colectivo.

“A delegação moçambicana era composta por 31 ele-



mentos, dois quais 26 atletas e os restantes dirigentes e treinadores. Fui a única a conseguir uma medalha de ouro, mas este feito, apesar de ser pessoal, é de todo o grupo que, ao longo da prova, me fez acreditar que era possível ganhar, e foi isso que aconteceu. Este título pertence a toda a delegação que esteve neste Campeonato do Mundo”

Quando questionada sobre se esperava ocupar a primeira posição na prova de combate, kumite, Muquilina Soares disse. “ Todo o atleta quando vai a um campeonato mundial tem a esperança de conquistar uma medalha. Eu tinha esperança na prova de exibição de técnicas de combate, kata, que foi a especialidade que treinei mais para esta competição, mas não fui feliz nas eliminatórias. Devido à ansiedade, acabei por cometer alguns erros e fui eliminada. E o kumite era a única esperança de sair do “Mundial” com uma medalha. Felizmente, graças ao apoio dos meus colegas, consegui obter a medalha de ouro. Dizer que não esperava ganhar a medalha de ouro, pois a esperança que tinha era de ocupar uma das posições do pódio”.

“Um sonho tornado realidade”

De acordo com Muquilina Soares, ser campeã do mundo não é tarefa fácil, mas preservada aos melhores, aqueles que trabalham arduamente para alcançarem objectivos pessoais assim como colectivos. Para a karateca da Academia Carlos Dias e selecionadora nacional, ganhar a medalha de ouro num “Mundial” foi a concretização de um sonho antigo.

“ Ser campeã do mundo era um sonho que eu perseguia desde a adolescência. Felizmente, neste “Mundial” consegui esta proeza. Transformei o sonho em realidade, porque nesta competição tinha dois papéis, a de kateca e a de seleccionadora. Tinha que dar o melhor de mim para servir de exemplo aos meus atletas. Fui a única do conjunto a conquistar o ouro, mas trocava esta medalha por um título colectivo”.

“Viajámos para o “Mundial” à nossa custa”

Em Moçambique existem modalidades que, apesar de continuarem “enteadas” dos nossos dirigentes desportivos, continuam a levantar a bandeira nacional bem alto nas grandes provas mundiais. O karate é uma dessas modalidades. A comitiva nacional que participou no “Mundial” realizado na cidade sul-africana de Sun City viajou a expensas próprias, ou seja, cada atleta custeou a sua passagem para aquele certame. Para esta prova o combinado nacional queria levar o maior número de atletas em relação a outras que se realizam fora do continente africano, mas por falta de patrocinadores esta aspiração tornou-se irrealizável.

“Neste “Mundial” tínhamos o objectivo de levar o maior número de atletas em relação ao que se realizou na Estados Unidos de América, porque se realizava num país da zona Austral, mas por falta de fundos esta ideia foi “sol de pouca de dura”. Tentámos pedir ajudar aos nossos parceiros, mas não conseguimos. Os encarregados de educação dos atletas seleccionados tiveram que custear a viagem para Sun City, e por via disso deixámos alguns atletas que não tinham meios para se deslocarem àquela cidade”.

O título mais marcante

Muquilina Soares é uma das mais consagradas karatecas de Moçambique, e conquistou mais de 100 medalhas divididas em provas nacionais e internacionais, mais considera que a mais marcante foi a de prata nos X Jogos Africanos realizados em Maputo, em 2011.

“Conquistei a medalha de ouro neste “Mundial”, mas para mim o título mais marcante foi a medalha de prata nos X Jogos Africanos realizados em Moçambique. É sonho de qualquer atleta conquistar uma medalha numa competição que se realiza no seu próprio país e, com o apoio do público e especialmente da sua família, por isso, apesar de não termos conseguido chegar ao primeiro lugar, que era o nosso objectivo, esta medalha foi muito marcante para mim”

“Moçambique é uma potência mundial de karate”

A campeã do mundo não tem dúvidas de que Moçambique já provou que é uma potência mundial na modalidade de karate, por ter karatecas que já conquistaram mais de três medalhas de ouro em campeonatos mundiais. “Apesar do pouco reconhecimento que a modalidade tem dentro de portas, continua a representar o país condignamente nas grandes provas mundiais; por isso, digo, somos uma potência mundial nesta modalidade”

Fora do tatami

Fora do tatami Muquilina Soares é uma mulher comum. É casada e mãe de dois filhos. É profissional de comunicação e imagem numa empresa sediada na capital do país. Nos tempos livres adora ler um livro e assistir à televisão, sobretudo cuidar dos seus dois filhos que considera o tesouro da sua vida. É apaixonada pelo jornalismo mas receia ingressar nesta profissão, por considerar que a mesma não garante uma vida condigna.

Desporto

Qualificação CAN 2015: duas jornadas e apenas dois pontos para Moçambique

Depois de uma estreia quase perfeita na Zâmbia, onde arrancaram um empate precioso, os “Mambas” perderam dois pontos em casa. Cabo Verde, que voltou a vencer, lidera isolado o grupo F e é o próximo adversário de Moçambique na qualificação para o Campeonato Africano das Nações (CAN) de 2015.

Texto & Foto: Redacção



Zambia 0 – O Moçambique

Desde os instantes iniciais, a selecção comandada por João Chissano, que entrou no clássico 4-3-3, mostrou que vinha para este jogo para, no mínimo, sair com um ponto, frente a uma Zâmbia que queria vencer para manter a tradição.

No primeiro quarto de hora o jogo estava equilibrado, sobretudo na zona do meio-campo, onde Momed Hagy e Simão Mathe conseguiam travar os venenosos contra-ataques dos “Chipolopolos”.

Os Mambas foram os primeiros a visitar a baliza contrária, decorria o minuto 3, quando Josimar, depois de uma excelente combinação com Sonito, rematou mas a bola saiu ao lado da baliza de Nweene.

Os zambianos não conseguiam penetrar na muralha defensiva montada por João Chissano, porque o quarteto defensivo do combinado nacional não facilitava, sobretudo Dário Khan e Mexer, que ganhavam todas as bolas no duelo com os avançados da equipa anfitriã.

Aos 12 minutos, Dominguez recupera a bola na zona intermediária, passa por dois contrários e serve Josimar que, à entrada da área, remata por cima da baliza de Nweene. No início do segundo quarto de hora do jogo, o conjunto moçambicano entregou a iniciativa de jogo aos “chipolopolos”, mas os donos da casa não conseguiam criar perigo junto à baliza defendida por Ricardo Campos.

O primeiro remate da Zâmbia à baliza moçambicana surgiu aos 40 minutos. Jacob Mulenga flecte da direita para o meio e remata forte para uma defesa segura do guarda-redes moçambicano.

Os zambianos estavam na mó de cima e, à passagem do minuto 44, Katongo, com um passe magistral, isola Mayuka que rematou para uma intervenção fantástica de Ricardo Campos. Na recarga, o guarda-redes moçambicano volta a negar o golo ao capitão dos anfitriões. Com o nulo, as duas equipas foram ao intervalo.

Ricardo Campos evita a 14ª derrota dos “Mambas” frente a Zâmbia

Diferentemente do que aconteceu na primeira etapa, os “Chipolopolos”, assim que soou o apito do árbitro, tomaram as rédeas de jogo, obrigando o combinado nacional a recuar para o SEU sector mais atrasado. Aos 47 minutos, Jacob Mulenga, do meio da rua, desferiu um portentoso remate para uma defesa segura de Ricardo Campos.

No lance seguinte, depois de uma perda de bola por parte de Simão Mathe, Mayuka, perto da linha da grande área, rematou mas o esférico passou por cima da barra transversal da baliza de Ricardo Campos.

Nesta etapa, a equipa de João Chissano optava pela contenção deixando Sonito a segurar a defensiva zambiana. Aos 75 minutos, Dominguez, na sequência de um livre a castigar uma carga de Sunzu sobre Sonito, rematou, tendo a bola passado ao lado da baliza de Nweene.

Na resposta dos Zambianos, depois de uma excelente combinação com Mayuka, Sinkala rematou forte para mais uma excelente defesa de Ricardo Campos. Nos últimos 10 minutos, os “Chipolopolos” lançaram-se ao ataque à procura do golo que lhes garantiria os três pontos. À passagem do minuto 88, na sequência de um livre à entrada da área, Mayuka rematou e a bola passou a escassos centímetros da baliza de Ricardo Campos.

Na resposta do combinado moçambicano, Dominguez, com um passe teleguiado, isola Hélder Pelembe, mas este remata forte para uma defesa a dois tempos de Nweene. Depois daí, os “Mambas” optaram por segurar o nulo até ao final do tempo regulamentar. Na outra partida referente ao mesmo grupo, Cabo Verde derrotou o Níger por 3 a 1 e isolou-se na liderança.



Moçambique 1 – 1 Niger

Numa partida que iniciou com um atraso de 15 minutos devido a um corte de energia por parte da Eletricidade de Moçambique, o que fez com que a primeira parte fosse disputada com recurso à luz fornecida por geradores, a selecção moçambicana desde cedo tomou as rédeas do jogo, face a uma formação do Níger que vinha a Maputo com o intuito de explorar o contra-ataque.

João Chissano fez uma alteração na equipa que entrou de início em Ndola, com a entrada de Reginaldo no lugar de Momed Hagy, voltando ao habitual sistema de 4-3-3. Os “Mambas” inauguraram o marcador à passagem do minuto três através de uma grande penalidade a castigar uma carga de Lancina sobre Dominguez, que se encarregou de cobrar com mestria para gáudio das mais de trinta mil pessoas que se fizeram ao Estádio Nacional de Zimpeto naquela noite.

Em vantagem, o combinado nacional ficou mais galvanizado, empurrando o seu rival para o seu sector mais recuado. O Níger fez o primeiro remate à baliza de Ricardo Campos aos 15 minutos. Depois de uma falha monumental de Mexer, a bola sobra para Maazou que fez um centro-remate, mas o esférico passou a poucos centímetros da baliza moçambicana.

Mesmo com o Níger a jogar com o vento a seu favor, Moçambique era a formação que dominava em termos de posse bola. À passagem do minuto 23, Josimar, com um passe milimétrico, serve Dominguez, que se encontrava dentro da grande área, mas este rematou fraco para uma defesa segura de Daouda.

Diz o adágio popular que “quem não marca arrisca-se a sofrer”. Aos 25 minutos, os forasteiros chegaram ao golo do empate. Na sequência de uma falha de marcação por parte de Zainadine Júnior, Maazou cruzou para a linha da pequena área. Ricardo Campos viu a bola a cruzar a sua zona e Mohamad Ali, sem marcação, encostou e restabeleceu a igualdade. Foi um balde de água fria para as hostes moçambicanas.

Mesmo com o golo dos nigerinos, os “Mambas” não baixaram os braços, continuando com o seu jogo ofensivo. À passagem do minuto 37, Miro, depois de um

centro de Dominguez, ganha a bola na quina da área e cruza para a marca da grande penalidade, mas Daouda, com palmada, tira a bola da cabeça de Sonito que estava preparado para visar a baliza.Com o 1 a 1 foi-se ao intervalo.

Ineficácia castiga os “Mambas”

Jogando diante do seu público, os “Mambas” voltaram para a etapa complementar na mó de cima e, à passagem do minuto 47, Sonito rodopeia sobre um defesa contrário e desferiu um portentoso remate, mas a bola saiu ao lado da baliza de Daouda.

Nesta etapa, o Níger limitou-se a defender para sair de Maputo com um ponto, o que acabou por espelitar o crescimento do combinado nacional. A equipa de João Chissano, apesar da avalanche ofensiva, era muito perdulária no último terço do terreno.

Aos 62 minutos, Sonito ganha uma sobra na quina da área e cruza para a marca da grande penalidade onde estava Simão, mas este não conseguiu acertar nas redes de Daouda. Volvidos seis minutos, gritou-se golo no Estádio Nacional de Zimpeto, mas o árbitro anulou-o alegando que o dianteiro moçambicano se encontrava em posição irregular.

À passagem do minuto 73, Kito flecte pela direita e cruza para a linha da pequena área, onde estava Reginaldo que cabeceia para uma defesa milagrosa de Daouda, que segurou, assim, o empate que se verificou até o final do tempo regulamentar.

Ainda no grupo F, a contar para a mesma ronda, Cabo Verde derrotou a Zâmbia por 2 a 0 e isolou-se na liderança, somando seis pontos, mais quatro que Moçambique, na segunda posição, enquanto a Zâmbia e o Níger seguem na terceira e quarta posição, respectivamente, com um ponto apenas.

As duas primeiras de cada grupo e a melhor terceira equipa (todos os grupos) qualificam-se para a fase final do CAN previsto para 17 Janeiro a 8 de Fevereiro de 2015 no Marrocos.

Resultados das duas primeiras jornada				
Grupo A				
Sudão	0	-	3	África do Sul
Nigéria	2	-	3	Congo
Congo	2	-	0	Sudão
África do Sul	0	-	0	Nigéria
Grupo B				
Etiópia	1	-	2	Argélia
Mali	2	-	0	Malawi
Malawi	3	-	2	Etiópia
Argélia	1	-	0	Mali
Grupo C				
Gabão	1	-	0	Angola
Burkina Faso	2	-	0	Lesotho
Angola	0	-	3	Burkina Faso
Lesotho	1	-	1	Gabão
Grupo D				
RD Congo	0	-	2	Camarões

Costa do Marfim	2	-	1	Serra Leoa
Camarões	4	-	1	Costa do Marfim
Serra Leoa	0	-	2	RD Congo
Grupo E				
Guiné Conacri	2	-	1	Togo
Gana	1	-	1	Uganda
Togo	2	-	3	Gana
Uganda	2	-	0	Guiné Conacri
Grupo F				
Zambia	0	-	0	Moçambique
Níger	1	-	3	Cabo Verde
Cabo Verde	2	-	1	Zambia
Moçambique	1	-	1	Niger
Grupo G				
Senegal	2	-	0	Egipto
Tunísia	2	-	1	Botswana
Egipto	0	-	1	Tunísia
Botswana	0	-	2	Senegal

Desporto

Moçambola:
Ferroviário de
Maputo vence o
Têxtil de Púnguè
e foge da zona de
despromoção

O Ferroviário de Maputo derrotou no domingo (7) a formação do Têxtil de Púnguè pela marca de 3 a 0, em partida da 20ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol, o Moçambola. Gabito, Graven e Luís apontaram os golos que levaram os locomotivas para cima da zona de despromoção. Na mesma ronda, o Ferroviário da Beira venceu o Maxaquene por 2 a 0.

Texto: Duarte Siteo • Foto: Eliseu Patife

No chamado duelo dos aflitos, o Ferroviário de Maputo foi a equipa que entrou melhor no jogo contra um Têxtil de Púnguè que não tinha argumentos para contrariar as investidas da equipa de Vítor Pontes. O treinador locomotiva operou uma substituição no onze que jogou na partida passada diante do Estrela Vermelha da Beira, escalando Belo para o lugar do Edmilson.

Os donos da casa, que dominavam em termos de posse de bola, fizeram o primeiro remate à baliza à passagem do minuto 3. Na sequência de um pontapé de canto cobrado por Timbe, a bola sobra para Gabito que, perto da linha da grande área, rematou e o esférico passou ao lado da baliza de Miguel.

Volvidos cinco minutos, Diogo, perto da linha divisória com um passe magistral serve Andro na grande área, que rematou e viu a bola ser devolvida pelo poste esquerdo da baliza de Miguel. Na recarga, com a baliza completamente escancarada, Graven acertou na barra transversal. Os locomotivas dominavam mas não conseguiam desfeitear a defensiva dos fabris da Manga.

Aos 17 minutos, Andro flecte pela esquerda e, perto da linha do fundo, cruza para a marca da grande penalidade onde estava Tchitcho que, no meio de dois defesas, cabeceou e o esférico passou por cima da baliza de Miguel.

O Têxtil de Púnguè fez o primeiro remate à baliza de Leonel, à passagem do minuto 21. Gabito e Chico atrapalham-se com a bola e esta sobra para João, que não conseguiu acertar a baliza de Leonel.

Andebol: Maxaquene trucidada Desportivo da Matola e consolida a liderança

O Malhangalene Andebol Clube derrotou no domingo (7) a formação do Costa do Sol pelo expressivo resultado de 34 a 18, em jogo da quarta jornada do Campeonato de Andebol da Cidade de Maputo em seniores masculinos. Para a mesma ronda, o Maxaquene bateu o Desportivo da Matola pela marca de 45 a 21.

Texto: Redacção

Depois de uma semana de paragem para dar lugar a mais eliminatória da Taça Maputo, o Campeonato de Andebol da capital do país regressou no passado fim – de-semana. Naquela que era a partida mais aguardada da quarta jornada, a formação do Malhangalene Andebol Clube venceu o Costa do Sol por 16 pontos de diferença, ou seja, 34 a 18.

Ainda na mesma ronda, o Maxaquene humilhou o conjunto do Desportivo da Matola por 45 a 21, diga-se, numa partida com sentido único, em que os tricolores tiveram um claro domínio. Por seu turno, a Faculdade de Educação Física da Universidade Pedagógica de Maputo derrotou o VDB

Sports com uma diferença de 25 pontos. 37 a 12 foi o resultado final, enquanto a formação da Escola Sansão Muthemba perdeu diante do Núcleo de Boane por 26 a 30. Concluída a quarta jornada, o Maxaquene lidera a prova com 10 pontos, mais um que o Malhangalene Andebol Clube na segunda posição, enquanto o Desportivo da Matola ocupa a última posição com quatro pontos.

Importa referir que na próxima ronda, a quinta, o Costa do Sol vai medir forças com o Desportivo da Matola, o Maxaquene jogara diante das Mahotas e o Malhangalene Andebol Clube irá defrontar o Núcleo de Boane.



No lance seguinte, Micas sobe pela esquerda e centra para a linha da pequena área. João, sem marcação, cabeceou e o guarda-redes locomotiva, com uma excelente intervenção, nega o primeiro golo aos forasteiros.

Aos 31 minutos, depois de uma excelente triangulação com Andro, Diogo cruza para a marca de grande penalidade, mas Andro, sem oposição, remata à figura de Miguel.

O primeiro golo da equipa de Vítor Pontes surgiu na cobrança do castigo máximo. Decorria o 35º minuto, quando, na sequência de um pontapé de canto, Tinho intercepta a bola com o braço e o árbitro, José Maria Rachide, assinala uma grande penalidade a favor dos locomotivas de Maputo. Gabito, desta vez, não falhou fazendo funcionar o marcador. Com o resultado de 1 a 0 as duas equipas foram para o intervalo.

Uma segunda parte com sentido único

Com sede de vitórias, os locomotivas voltaram a entrar na mó de cima na etapa complementar, face a uma equipa do Têxtil de Púnguè que neste período se limitou a defender para não sofrer mais golos.

À passagem do minuto 55, depois de uma excelente combinação com Diogo, Timbe, do meio da rua, desferiu um portentoso remate, mas a bola passou a poucos centímetros da barra transversal da baliza defendida por Miguel.

Os fabris da Manga não conseguiam criar jogadas ofensivas, optando pelo futebol directo, mas Chico e Gabito ganhavam todas as bolas no duelo com os avançados da equipa visitante.

Quadro de resultados				
Fer. Maputo	3	x	0	Têxtil
Desp. Nacala	2	x	2	Fer. Nampula
Fer. Beira	2	x	0	Maxaquene
C. Chibuto	1	x	0	Fer. Pemba
Fer. Quelimane	1	x	2	Desp. Maputo
L. Muçulmana	*	x	*	HC B
Costa do Sol	*	x	*	E. Vermelha
* Adiados para o dia 17 de Setembro				

Melhores marcadores	Golos
ISAC (Maxaquene)	10
MÁRIO (Fer. Beira) e JOJÓ (Des. Maputo)	8
COSME (Fer. Quelimane), e JAIR (Des. Maputo)	7
LIBERTY (Liga Muçulmana)	6
DÁRIO KHAN (Costa do Sol) e DONDO (Fer. Nampula)	5

Pos	EQUIPA	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
01	L. Muçulmana	19	11	6	1	30	10	20	42
02	Fer. Nampula	20	11	5	4	20	11	9	38
03	Fer. Beira	20	10	5	5	23	13	10	35
04	Desp. Maputo	20	19	5	6	29	21	8	32
05	C. Chibuto	20	8	6	6	24	18	6	30
06	Maxaquene	20	8	5	7	20	14	6	29
07	HC B	19	8	4	7	22	19	3	28
08	Costa do Sol	19	7	4	7	20	18	2	25
09	Desp. Nacala	20	6	7	8	16	24	-8	25
10	Fer. Quelimane	20	6	4	10	15	28	-13	22
11	Fer. Maputo	20	5	7	8	18	20	-2	21
12	Têxtil	20	4	5	11	8	24	-16	17
13	Fer. Pemba	20	4	5	9	13	24	-11	17
14	E. Vermelha	19	3	8	7	8	18	-10	17

Futebol feminino: Costa do Sol vence União Desportiva de Lichinga e isola-se na liderança

Em partida da terceira jornada da Liga Nacional de Futebol Feminino, LNFF, o Costa do Sol derrotou no domingo (7) a formação da União Desportiva de Lichinga por 2 a 0 e isolou-se na liderança do certame. Para a mesma ronda, o Desportivo de Maulé bateu o conjunto do Benfica de Laulane, por duas bolas a uma.

Texto: Redacção

O Costa do Sol prossegue com a senda de vitórias na presente edição da Liga Nacional de Futebol Feminino, por sinal a primeira no país. Depois de golear na ronda anterior o Desportivo de Maulé por 4 a 0, na terceira jornada as canarinhas venceram a União Desportiva de Lichinga. 2 a 0 foi o resultado final.

Na outra partida da jornada 3, o Benfica de Laulane, outro representante da cidade de Maputo, saiu derrotado do confronto diante do Desportivo de Maulé de Inhambane pela marca de 2 a 1. Por seu turno, o ABC de Quelimane venceu a formação da Academia Mili-

tar de Nampula pela mesma marca.

Já no sábado (6), na partida que abriu a terceira jornada, o Clube Desportivo de Coco Ricóo bateu o Desportivo da Matola por duas bolas a uma.

Volvidas três jornadas, o Costa do lidera a prova com sete pontos, mais um que o Clube Desportivo de Coco Ricóo na segunda posição, enquanto a União Desportiva de Lichinga se encontra no terceiro lugar com quatro pontos.

De lembrar que a Liga Nacional será disputado em duas voltas no clássico sistema de todos contra todos.

O segundo golo do Ferroviário de Maputo foi marcado aos 63 minutos. Depois de receber um passe de Luís, Diogo fez um centro-remate e Miguel, na tentativa de evitar o golo, coloca a bola na cabeça de Graven, que se limitou a encostar para o fundo das redes.

Dez minutos depois, Luís fixaria o resultado final em 3 a 0. Andro, com um passe milimétrico, coloca a bola nos pés de Diogo que, dentro da grande área, rematou para uma excelente defesa de Miguel, e na recarga o capitão locomotiva fez a bola beijar as redes fabris pela terceira vez.

Com este triunfo a equipa de Vítor Pontes continua na 11ª posição, com 21 pontos, mais quatro que o trio Estrela Vermelha da Beira, Ferroviário de Pemba e Têxtil de Púnguè, que ocupa a zona de despromoção.

Ferroviário da Beira soma e segue

Para a mesma ronda, o Ferroviário da Beira recebeu e venceu o Maxaquene, pela marca de 2 a 0. Os golos da formação de Lucas Barrarijo foram apontados na etapa complementar, por Maninho e Nelito.

Por seu turno, o Desportivo de Maputo viajou até Quelimane, onde venceu o Ferroviário local por 2 a 1. O Clube de Chibuto derrotou o Ferroviário de Pemba pela margem mínima, enquanto no dérbi nampulense, no encontro entre o Ferroviário de Nampula e o Desportivo de Nacala registou-se um empate a duas bolas.

Com o empate, os locomotivas da chamada capital da zona norte continuam na segunda posição, com 48 pontos, menos quatro que o líder, a Liga Muçulmana, que só vai entrar em cena no dia 17 do mês em curso, e menos dois que o Ferroviário da Beira que se encontra no terceiro lugar.

Desporto

Ciclistas insurgem-se contra a FMC em Nampula

Os ciclistas da cidade e província de Nampula estão agastados com a Federação Moçambicana de Ciclismo (FMC). Em causa estão três adiamentos consecutivos do Campeonato Nacional da modalidade referente à edição 2013 naquela circunscrição geográfica. Embora não haja datas previstas para a realização da competição, os praticantes continuam a preparar-se para o torneio.

Texto: Sítio Lutxeque • Foto: Leonardo Gasolina

Desde Dezembro de 2012, altura em que a província de Nampula foi indicada para acolher o Campeonato Nacional de Ciclismo, os praticantes começaram a trabalhar afincadamente com vista à sua participação naquele que seria o primeiro e maior evento desportivo da modalidade a ser realizado naquela parcela do país.

O evento começou a ser organizado em Janeiro de 2013, quando a FMC prometeu que o campeonato teria lugar nos finais de Agosto do mesmo ano. A criação do núcleo de ciclismo nos seis bairros, em igual número de postos administrativos municipais da cidade de Nampula, visando a descoberta de novos atletas, foi uma das acções mais relevantes.

A Associação Provincial de Ciclismo de Nampula (APCN) andava de porta em porta, à procura de patrocinios, de modo a adquirir mais meios circulantes para superar o défice existente. Paralelamente, a agremiação capacitou em Março do mesmo ano um número considerável de atletas e juizes nalguns distritos que se poderiam juntar à competição, nomeadamente Ilha de Moçambique, Monapo e Nacala-Porto.

Na altura, o desafio da APCN era entrar na prova em pé de igualdade com as outras equipas e ocupar os três lugares cimeiros. Movidos por um espírito ganhador, aquela agremiação desportiva seleccionou atletas com alguma experiência.

Parceiros concedem apoio à APCN

A Direcção Provincial da Juventude e Desportos (DPJD) na província de Nampula, um dos considerados parceiros directos das agremiações desportivas, foi a primeira a oferecer, em Março do ano passado, um total de 15 bicicletas à Associação Provincial do Ciclismo para preparar o Campeonato Nacional.

Além da atribuição de velocípedes, aquela instituição estatal terá desembolsado um valor não especificado para a realização de dois cursos para ciclistas que foram destacados para fazerem parte da competição.

A primeira capacitação aconteceu em Abril na cidade da Ilha de Moçambique, abrangendo 30 atletas, dos quais 15 de Nampula, anfi-

triã do certame, cinco provenientes da Ilha de Moçambique e 10 da vila municipal de Monapo, com a duração de três dias.

A segunda formação teria sido promovida na cidade de Nampula abrangendo, também, 30 atletas, dos quais 15 do Núcleo de Marrere, arredores da urbe. Ainda no rol de apoios, o governo provincial, através da DPJD, terá oferecido quantidades significativas de água mineral.

As alterações

A Federação Moçambicana de Ciclismo cancelou a realização da edição 2013 do Campeonato Nacional desta modalidade, prova que devia decorrer em Agosto do ano passado.

O certame, ora cancelado, iria envolver mais de 40 ciclistas oriundos das províncias de Maputo, Sofala, Zambézia e Manica, além da anfitriã, Nampula. A mesma seria disputada em duas fases, sendo a primeira prova de contra-relógio a título individual na Ilha de Moçambique e a segunda de estrada, agendada para a cidade de Nampula.

Na altura, o presidente da FMC, Danilo Correia, de modo informal, teria alegado que o cancelamento à última hora tinha a ver com a falta de fundos para custear as despesas concernentes ao transporte, ao alojamento e à alimentação dos ciclistas.

A FMC disse que não teve sucesso no pedido de financiamento formulado ao Fundo de Promoção Desportiva, organismo subordinado ao Ministério da Juventude e Desportos. Situações similares teriam acontecido em Outubro de 2013 e Junho do corrente ano, sendo que a última vez, depois da preparação da pista e negociações quanto aos locais de acomodação, a Federação Nacional de Ciclismo voltou a desculpar-se, através de um comunicado.

“Usam-nos para ter fundos”

Os ciclistas da considerada terceira maior cidade moçambicana entendem que os adiamentos sistemáticos do Campeonato Nacional de Ciclismo na província de Nampula não passam de uma manobra da agremiação máxima da modalidade do país tendentes a obter dinheiro do Governo para benefício próprio.

De acordo com Emilton Estevão, presidente da Associação Provincial de Ciclismo de Nampula, os dirigentes da FMC não têm tido atitudes transparentes, uma vez que não revelam os valores que são disponibilizados pelo Fundo de Promoção Desportiva (FPD).

“Temos informações de que, anualmente, o FPD tem desembolsado algum valor para as federações com vista à realização dos seus planos de actividade. Será que a nossa federação não é beneficiária? Acredito que não”, disse Estevão.



O responsável pelo ciclismo em Nampula disse acreditar que a FMC se aproveita da situação para, em nome dos ciclistas, usar o fundo em benefício de um punhado de pessoas.

FMC (continua) sem fundos

O presidente da Federação Moçambicana de Ciclismo, Danilo Correia, disse ao @Verdade que a sua agremiação continua sem fundos para a realização do campeonato nas cidades de Nampula e Ilha de Moçambique, na província de Nampula.

Segundo Correia, para a efectivação do certame na província de Nampula são necessários mais de 250 mil meticais. “O apoio que temos, neste momento, é apenas do Fundo de Promoção Desportiva e é insuficiente”, disse.

Aquele responsável afirmou que, neste momento, o seu organismo continua à procura de financiamento para a realização do Campeonato Nacional de Ciclismo. O nosso interlocutor referiu que, como resultado da falta de fundos, a sua organização viu-se obrigada a não enviar uma equipa moçambicana para o Campeonato Africano da modalidade, ora adiada para Janeiro do próximo ano.

Nampula corre o risco de não acolher o Campeonato Nacional

Devido ao elevado custo para tornar possível a realização do Campeonato Nacional de Ciclismo, a federação da modalidade estuda a possibilidade de a mesma ser efectuada na capital do país, cidade de Maputo.

Para o efeito, nesta semana, segundo deu a conhecer Danilo Correia, haverá um encontro para se debater o assunto. “As acusações de que não somos transparentes são infundadas. Se calhar porque as pessoas que assim falam não sabem os critérios e a quantia que as federações recebem”, afirmou a terminar.

O renascer do basquetebol na Maganja da Costa

A falta de infra-estruturas condignas e de apoio financeiro e moral por parte das autoridades governamentais e empresários locais tem estado a levar o basquetebol ao anonimato no distrito da Maganja da Costa, na província da Zambézia. Porém, nos últimos dias, um grupo de praticantes, composto na sua maioria por estudantes, uniu-se para resgatar a modalidade do marasmo em que se encontra.

Texto: Sebastião Paulino

A prática e a massificação do desporto têm sido, nos últimos tempos, a grande aposta do Governo. Mas, na realidade, algumas das modalidades são deixadas à deriva, ou seja, à responsabilidade dos amantes e praticantes que enfrentam enormes dificuldades relacionadas com material e infra-estruturas desportivas.

O basquetebol na Maganja da Costa não é excepção. Em Março do presente ano, um grupo de tirocinantes e amantes da “bola ao cesto” uniu-se com o objectivo de massificar a modalidade naquele ponto do país. Foi nesta perspectiva que em Julho eles criaram o Núcleo Distrital de Basquetebol.

Trata-se do primeiro empreendimento da modalidade fundado naquele distrito com o objectivo principal de resgatar o basquetebol e formar uma equipa que possa participar nas competições provinciais. Apesar das dificuldades inicialmente encontradas, tais como a falta de bolas e campos, o grupo conseguiu aos poucos superar os obstáculos.

Segundo Alferes Basílio, presidente do Núcleo Distrital de Basquetebol, a coragem e a força de vontade são os dois aspectos que contribuíram para a criação do organismo. “Estamos a movimentar o basquetebol porque gostamos da modalidade e não temos apoio de ninguém”, disse.

Presentemente, Maganja da Costa conta apenas com uma equipa masculina que está a preparar-se para participar no Campeonato Provincial de Basquetebol que se realizará na cidade de Que-

limane. De acordo com Basílio, para essa prova, a sua colectividade está a trabalhar com vista a representar condignamente o distrito. “Mesmo que não tenhamos apoio, vamos participar nesta competição”, afirmou.

Num outro desenvolvimento, o nosso entrevistado disse que a sua agremiação está a trabalhar de forma a criar uma equipa que possa participar nas competições provinciais, assim como nas provas nacionais.

Os alunos de diferentes escolas do distrito são os principais praticantes de basquetebol na Maganja da Costa e no período das férias escolares as actividades ficam paralisadas. Para inverter esta situação, aquela agremiação está a formar uma outra equipa composta por atletas naturais daquela parcela do país. A aposta dos associados é ter duas colectividades nos escalões de seniores e juniores em ambos os sexos.

“Queremos massificar o basquetebol”

De acordo com Alferes Basílio, apesar de o distrito possuir poucos amantes do basquetebol, há planos de resgatar a modalidade do marasmo em que está mergulhado. Uma das apostas da agremiação, não obstante haver problemas sérios de falta de infra-estrutura desportiva para a prática da modalidade de “bola-ao-cesto”, é organizar um torneio entre as escolas da vila municipal.

Numa primeira fase pretende-se movimentar seis

equipas de ambos os sexos. Para a concretização deste desafio, o núcleo está a trabalhar com os professores de educação física para a formação das colectividades que, em meados de Outubro, vão começar a competir. Caso tal se concretize, será o primeiro ano em que será movimentada uma prova da modalidade naquela parcela do país.

Falta de competições internas

A falta de equipas e a insuficiência de infra-estruturas desportivas para a prática de basquetebol ditam a não realização do campeonato distrital da modalidade na Maganja da Costa. “Não é possível organizar uma competição com uma e única equipa. Limitamo-nos apenas a treinar”, referiu

Além disso a agremiação debate-se com problemas sérios de falta de material. Basílio explicou que o núcleo possui apenas uma bola o que torna, de certa forma, difícil organizar um torneio. “Gostamos da modalidade, razão pela qual estamos a massificá-la usando os nossos próprios meios”, disse.

Não há infra-estruturas

O distrito da Maganja da Costa não difere de outros pontos do país que enfrentam o défice de infra-estruturas desportivas. Este problema verifica-se em todas as modalidades, principalmente aquelas que atraem mais público.

A equipa fundada recentemente realiza os seus treinos no campo da escola secundária daquele

distrito depois de os alunos terem tido sua aula de educação física.

Basílio considera que o problema de falta de campo para a prática da modalidade é um outro factor que contribui, de certa forma, para que o distrito não tenha uma equipa forte que possa competir, em pé de igualdade, com as de outros distritos.

Por outro lado, o nosso interlocutor atribui a culpa às autoridades governamentais pelo facto de não se preocuparem em construir campos para a prática de diversas modalidades. “Precisamos de um novo espaço para melhor massificarmos o desporto neste distrito”, disse.

O material que a agremiação utiliza foi custeado pelo respectivo presidente do núcleo. O nosso entrevistado referiu que o governo local não aposta no basquetebol. A equipa não possui equipamento, mas prevê que, até ao mês de Outubro, a situação possa ser outra.

Além da ausência de infra-estruturas, os dirigentes de basquetebol na Maganja da Costa debatem-se, igualmente, com a falta de apoio por parte dos empresários. O nosso entrevistado referiu que, por várias vezes, remeteu cartas de pedido de patrocínio ao governo distrital, mas não teve sucesso.

Apesar das dificuldades que o núcleo enfrenta no seu dia-a-dia, o presidente da agremiação promete continuar a trabalhar de modo a tornar Maganja da Costa uma referência na modalidade de basquetebol.

Desporto

Qualificação Euro 2016: Inglaterra e Espanha largam com vitória

Eliminadas na primeira fase do Campeonato do Mundo de Futebol Brasil 2014, a Inglaterra e a Espanha iniciaram de forma mais feliz as suas caminhadas rumo à próxima competição internacional. As duas selecções venceram os seus primeiros desafios nas eliminatórias para o Campeonato Europeu de 2016. Na mesma ronda, uma apática selecção de Portugal perdeu frente à humilde Albânia.

Texto: Redacção/Agência • Foto: LUSA

Enquanto o English Team bateu a Suíça por 2 a 0 fora de casa, na Basileia, La Roja fez a festa dos adeptos em Valência e goleou a Macedónia por 5 a 1.

Na Suíça, a Inglaterra começou melhor a partida e procurou mais o ataque, mas não conseguiu encontrar espaço na defesa suíça nos primeiros 45 minutos. O primeiro lance perigoso veio aos 28 minutos, com Welbeck, que avançou pela direita até a área e tentou passar para Sterling, mas a bola foi veloz demais, e o atacante não conseguiu concluir a jogada. Aos 33, a primeira oportunidade da Suíça: Shaqiri deu um belo toque por trás da defesa inglesa para Seferovic, que mandou uma bomba para a baliza. Hart fez uma óptima defesa.

Após o intervalo, a qualidade do jogo melhorou bastante, com boas oportunidades para ambos os lados. O golo inglês aconteceu aos 11 minutos. Depois de um roubo de bola no ataque, Rooney avançou, Sterling recebeu na esquerda e cruzou para Welbeck marcar. Aos 24, os anfitriões tiveram uma boa oportunidade para empatar. Drmic recebeu a bola,



driblou o guarda-redes e mandou uma bomba, mas Cahill salvou em cima da linha. Na sequência deste lance, Inler chutou de longe, e a bola bateu na rede por cima da baliza. O segundo golo inglês aconteceu no período dos acréscimos, de novo por Welbeck.

A Espanha teve mais facilidades, apesar das ausências de Iniesta e Diego Costa. A começar pelo golo de Sergio Ramos, num penálti anotado aos 14 minutos. O defensor cobrou a falta em arco, enganando o guarda-redes e abrindo o placar. Paco Alcácer aumentou dois minutos depois, deixando os donos da casa em situação bastante confortável. Ibraimi diminuiu aos 28, mas Busquets, no período de compensação da primeira etapa, fez o terceiro espanhol.

O melhor do jogo pela Roja foi David Silva, que armou a maioria das jogadas de ataque. Foi dele o quarto golo, assim como fez a assistência para Pedro anotar o quinto e último golo espanhol.

Sem Ronaldo, Portugal cai

O albanês Bekim Balaj decidiu o jogo, na cidade portuguesa de Aveiro, com um golaço em meia-volta no minuto 52,

uma vitória que abate os ânimos de uma selecção portuguesa ainda em horas baixas depois de haver caído na primeira ronda do “Mundial” do Brasil. No centro da área, o atacante balcânico, de 23 anos, enviou com mestria para a baliza um passe limpo e recto de Odise Roshii, desde o extremo direito.

O golo, marcado num dos dois disparos da selecção da Albânia em toda a partida, exerceu pressão sobre Portugal mas não foi suficiente para reactivar uma equipa que sentiu a falta da sua estrela Ronaldo, afastado por problemas físicos e o encarregado habitual de finalizar as jogadas frente à baliza.

Resultados					
Rússia	4	x	0	Liechtenstein	
Luxemburgo	1	x	1	Bielorrússia	
Espanha	5	x	1	Macedónia	
Ucrânia	0	x	1	Eslováquia	
Estónia	1	x	0	Eslovénia	
San Marino	0	x	2	Lituânia	
Suíça	0	x	2	Inglaterra	
Áustria	1	x	1	Suécia	
Montenegro	2	x	0	Moldávia	

Fórmula 1: Hamilton e Rosberg fazem dobradinha em Monza

O inglês Lewis Hamilton (Mercedes) venceu no domingo (07) o Grande Prémio da Itália em Fórmula 1, disputado em Monza, e o seu companheiro de equipa e principal rival na liderança do campeonato, o alemão Nico Rosberg, ficou em segundo.



Texto: Redacção/Agências

Apesar de ter largado na pole position, Hamilton não teve vida fácil, já que caiu para o quarto lugar ainda na largada. No entanto, o campeão mundial de 2008 recuperou, cruzou a linha de chegada em primeiro lugar e diminuiu a vantagem de Rosberg na liderança do “Mundial” de 29 para 22 pontos (238 a 216).

Os dois conseguiram voltar a alargar a vantagem em relação ao terceiro da temporada, o australiano Daniel Ricciardo, que foi apenas quinto no circuito de Monza e agora soma 166 pontos.

Filipe Massa foi terceiro, o seu primeiro pódio pela Williams. O brasileiro não se encontrava entre os três primeiros desde o GP da Espanha do ano passado, quando também foi terceiro.

Entretanto, ele ainda está na nona posição no “Mundial”, com 55 pontos, muito aquém do seu companheiro de equipa, o finlandês Valtteri Bottas, que neste domingo ficou em quarto e subiu justamente

para o quarto lugar do ano, com 122 pontos, mais um que o espanhol Fernando Alonso (Ferrari), que abandonou com um problema no sistema de recuperação de energia (ERS).

Com a mã largada de Hamilton, Rosberg pulou para primeiro, o dinamarquês James Magnussen para segundo e Massa para terceiro. Rapidamente, o brasileiro e o britânico deixaram o piloto da McLaren para trás.

Na nona volta, Rosberg cometeu um erro na primeira chicane e só não deixou a ponta porque Massa segurava Hamilton atrás. Após as paradas nas boxes, na 29ª volta, o alemão já tinha o companheiro de equipa no seu encalço e voltou a falhar no mesmo ponto. Desta vez, o campeão de 2008 não desperdiçou a oportunidade e assumiu a dianteira para mantê-la até o final.

Pouco atrás, Massa não teve grandes problemas para se manter em terceiro e voltou ao pódio, o que lhe rendeu aplausos da claqué italiana.

Ténis: Cilic arrasa Nishikori e conquista título do Aberto dos EUA

O croata Marin Cilic bateu o japonês Kei Nishikori por 6-3, 6-3, e 6-3 e venceu o Aberto dos Estados Unidos, esta segunda-feira (8), um ano depois de uma punição por doping o ter deixado fora do último Grand Slam de 2013.



Texto: Redacção/Agências

O croata, dono de um poderoso saque, superou um cansado Nishikori em uma hora e 54 minutos, garantindo o título e barrando a campanha do seu adversário, o décimo cabeça-de-chave do torneio, que queria tornar-se o primeiro asiático a vencer um Grand Slam masculino.

Com a vitória, o décimo quarto cabeça-de-chave torna-se o primeiro croata a vencer um torneio Grand Slam desde que o seu técnico Goran Ivanisevic comemorou a vitória em Wimbledon em 2001.



A final marcou a primeira vez num Grand Slam - desde o Aberto da Austrália de 2005 - que nenhum dos três grandes do desporto, Novak Djokovic, Rafael Nadal e Roger Federer, esteve presente na disputa do título.

Irmãos Bryan conquistam o penta

Os gémeos norte-americanos Bob e Mike Bryan tornaram-se a primeira dupla a vencer 100 títulos ao derrotar os espanhóis Marcel Granollers e Marc López por 6-3 e 6-4 na final do Aberto dos Estados Unidos, este domingo (8).

A dupla número 1 do mundo quebrou o serviço da 11ª cabeça de grupo uma vez em cada set conquistando o quinto título do US Open e o 16º de Grand Slam. “Estamos obviamente eufóricos”, disse Mike Bryan.

“Conseguir isto à frente desses adeptos é ainda mais especial, mas tivemos que jogar o nosso melhor para vencer o torneio”. O canhoto Bob Bryan serviu para uma vitória histórica.

A vitória deu aos irmãos de 36 anos o primeiro título de Grand Slam do ano, e a dupla agora venceu pelo menos um Grand Slam por 10 anos consecutivos. “Não vamos descansar sobre os nossos prémios”, disse Mike Bryan.

“Divertimo-nos muito a jogar juntos, vamos continuar a trabalhar e ainda não pensando em parar”.

“Queremos mostrar a beleza da cultura islâmica”

O primeiro e único grupo de canto coral islâmico moçambicano, Sautul Isslam Coral, actuou recentemente no espaço do Maputo Shopping Center a fim de promover o seu segundo álbum intitulado Paz e Solidariedade. Evento com o mesmo objectivo terá lugar no domingo, dia 14, no Salão da Mesquita Anuaril Isslam. Dado o facto de esta colectividade artística estar a atrair a atenção do público local e estrangeiro, @Verdade conversou com o seu líder, Ussman Rufino, para entender as ideias destes dez jovens que têm de transpor as barreiras dos muçulmanos conservadores para publicar a beleza dessa cultura e religião através das artes.



Texto: Inocêncio Albino - Foto: Sautul Isslam Coral

@Verdade: Fale-nos sobre a história da fundação do Sautul Isslam Coral.

Ussman Rufino: Sautul Isslam Coral significa a voz do 'Isslam'. Somos um grupo de jovens moçambicanos oriundos de diversos pontos do país (Nampula, Beira, Inhambane e Maputo) formado com o objectivo de fazer chegar ao público a poesia e o canto coral muçulmanos, entoados na língua portuguesa e árabe. No canto coral islâmico somos os pioneiros em Moçambique e os únicos neste momento a fazer poesia e canto coral em português e nas línguas locais – macua, xichangana e bitonga – a fim de fazer as pessoas perceberem o que é o Islamismo.

Nas nossas músicas, disseminamos mensagens sobre Deus, incluindo uma abordagem acerca da educação e da responsabilidade social como, por exemplo, a temática da paz, dos direitos e deveres dos pais, a guerra, os direitos das crianças bem como preces a favor do bem-estar em Moçambique.

Embora façamos uma mistura entre o coral e o Islamismo, não fugimos à regra daquilo que são os timbres musicais islâmicos – o que chamamos cassuídas. Ou seja, a poesia cantada que caracteriza muitos países árabes, cujos artistas são a nossa fonte de inspiração e os cânticos tradicionais que aprendemos na madraça.

@Verdade: O que é a madraça?

Ussman Rufino: É uma das principais escolas de formação dos nossos jovens, muitos dos quais têm um talento nato. Nas madraças também se cultivam bastante as habilidades artísticas e culturais – o canto e a poesia – na condição de uma actividade extracurricular. Nas madraças aprendem-se os cânticos tradicionais islâmicos dos quais nós decidimos sair e abraçar o mais alto nível de profissionalização.

@Verdade: Qual é a composição do grupo?

Ussman Rufino: No total somos 10, dos quais sete são rapazes (Sadik Dadá, Amad Abdul Amad, Ali Assuad, Muhammad Camal, Abdul Cadri, Ali António e Ussman Rufino) e três meninas, nomeadamente Sheinaze Idrise, Mariamo e Zeituna Amad. Este é o grupo de jovens que se juntou nos finais do ano 2012 com o objectivo de participar no encerramento de uma madraça. Depois vimos a necessidade de continuar a trabalhar mais, em resultado da calorosa recepção que tivemos.

Individualmente, alguns membros do grupo já se dedicavam ao canto. Por isso, a formação do grupo tinha, em certo sentido, o objectivo de ampliar o circuito da nossa

actuação e exibir às pessoas o coral islâmico. De todos os modos, o que fortificou a nossa unificação foi a nossa participação no concurso do canto coral Fest Coros, em 2012, em que ficámos classificados na terceira posição. Nessa época, formámo-nos, edificámo-nos e decidimos trabalhar. Encontrámos naquele certame uma escola em que aprendemos muito durante nove meses, desafiando grupos profissionais.

Também enfrentámos muitos desafios, porque nem todos os muçulmanos receberam de boa forma a nossa iniciativa – ver os miúdos a cantar em público e a concorrer com os não muçulmanos. Eles pensavam que nós estávamos a fugir das regras da religião. No entanto, antes de entrarmos no certame consultámos aos sheiks, que são os nossos conselheiros, e pela sua argumentação percebemos que podíamos continuar com o nosso trabalho a fim de mostrar ao não muçulmano como é o 'Isslam' e a beleza do nosso canto coral.

Nesse sentido, insistimos e fomos habituando as pessoas a conviver connosco. Conseguimos conquistar o terceiro lugar no Fest Coros, tendo sido o grupo revelação do ano, embora nós tenhamos considerado essa experiência vitoriosa. E foi muito importante porque nos proporcionou oportunidades de actuar para novos públicos e cerimónias. Em 2013, surge o sonho de gravarmos o nosso primeiro trabalho discográfico – o que fundamentou a interrupção da nossa participação no Fest Coros – a fim de nos concentrarmos nesse projecto. Portanto, tal álbum chamou-se Ramadam Mubarak que foi um tributo a todos os que nos apoiam, se bem que estávamos no mês do Ramadão.

Além do mais, desde sempre nos comprometemos com a responsabilidade social. Nesse sentido, em 2013, a par de outras organizações, criámos um evento a fim de angariar bens para apoiar as vítimas das cheias no país. Essa experiência revelou que também tínhamos um papel social relevante. No mesmo ano, em Julho, realizámos uma campanha a favor das crianças órfãs e vulneráveis. É por isso que (tendo em conta que o nosso país viveu um período de instabilidade) também estamos comprometidos com a manutenção da paz.

@Verdade: Significa que é a propósito dessa percepção que criaram o disco Paz e Solidariedade, recentemente lançado em Maputo?

Ussman Rufino: Sim, porque como o que nós sabemos fazer melhor é cantar, decidimos utilizar este recurso para suplicarmos pela paz. Nesse sentido, começámos a gravar novas músicas que compõem o novo disco com o título Paz e Solidariedade. Tivemos a participação de alguns sheiks que sempre nos apoiaram, bem como de artistas como Ali Faque e do Coral Spirit Voice.

Tivemos a sorte de firmar uma pareceria que nos garantiu que o disco Paz e Solidariedade fosse editado em Portugal, o que constituiu a realização de um sonho. Mas também abriu-se a necessidade de se promover esta obra, daí que se estão realizar estes concertos.

@Verdade: Como é que foi o feedback em relação ao concerto de sábado?

Ussman Rufino: É positivo até porque muitas pessoas, surpresas, revelaram-nos que nunca nos tinham visto. Agora estamos a fazer de tudo – explorando todos os meios – para consolidarmos essa amizade com o público. Oxalá que no próximo domingo, dia 14, o nosso evento de apresentação do disco Paz e Solidariedade tenha uma grande recepção pública.

@Verdade: Fale-nos dos constrangimentos que o grupo enfrentou ao longo desse tempo, na sua relação com os públicos.

Ussman Rufino: Realmente, temos uma experiência positiva, embora nem tudo tenha corrido bem até os dias actuais. Por isso, imediatamente, decidimos ser independentes e assim trabalhamos. De todos os modos, também precisamos de algumas parcerias. E o público recebe-nos com algum espanto porque somos novos. Um aspecto relevante é que já começámos a dar frutos positivos.

O evento do sábado foi uma experiência renovada, porque até a esta data só

aparecíamos em cerimónias fechadas como casamentos e os da comunidade muçulmana. É em resultado disso, porque são poucos os não muçulmanos que conhecem o grupo. Felizmente, há organizações do Estado que nos convidam para fazermos parte dos seus eventos como foi o caso da II Conferência das Religiões.

De forma constrangedora e negativa, acontece o nosso relacionamento com a parte mais extrema da comunidade muçulmana que, em Moçambique, ainda não convive naturalmente com a ideia de existir um grupo coral islâmico que faça concertos, participando em eventos televisivos. Os muçulmanos conservadores são críticos ao facto de estarmos a cantar para o público, ao mesmo tempo que estamos a introduzir nas nossas cassuídas os instrumentos musicais seculares – o piano, a guitarra – que, de acordo com a lei islâmica, não podem ser utilizados além da percussão.

Pensamos que, dia após dia, vamos fazer as pessoas entender o nosso objectivo – mostrar ao mundo uma parte bonita dos muçulmanos, até porque estava a faltar este componente artístico-cultural que anima as pessoas em diversas circunstâncias.

@Verdade: Qual é a vantagem de associarem a poesia, o teatro e o canto nas vossas actuações?

Ussman Rufino: É uma experiência que requer um grande desempenho do próprio grupo, o que é desvantajoso porque nós ainda não dominamos o teatro. Por isso, só elaboramos as peças para os actores de outros grupos interpretá-las. A poesia e o canto não nos constroem de forma nenhuma, porque já temos essa iniciação a partir da madraça.

@Verdade: Qual é que foi a tiragem do disco Paz e Solidariedade e como tem sido recebido?

Ussman Rufino: Fizemos mil exemplares, dos quais já vendemos metade. A outra metade será distribuída em Tete, Beira e Nampula onde, se tudo correr bem, iremos actuar. Uma boa surpresa é que por causa do impacto que o nosso trabalho está a ter recebemos um convite para realizarmos concertos em Angola, o que engorda as nossas expectativas.

@Verdade: Fale-me sobre as vossas expectativas e planos para o futuro.

Ussman Rufino: O nosso futuro já está a acontecer, porque nos sentimos a caminho da concretização de muitos dos nossos planos como, por exemplo, a posse de um estúdio melhorado. Para além de Angola já temos outro convite para actuar em Portugal. Era importante que realizássemos concertos em todo o nosso país, a fim de abrirem-se as portas dos PALOPs bem como da comunidade dos países árabes, onde se encontram os artistas em que também nos inspiramos.

As Imbatíveis

Já encontrámos mulheres com curativos no braço ou no pé, sem se ignorarem as mazelas que lhes povoam o coração. Elas podiam ter sido vítimas de uma bala, de qualquer arma branca, ou espancadas. No entanto – a dançar, a sorrir, a conviver –, no quotidiano, estas mulheres enfrentam os desafios da vida continuamente. Mulheres desta estirpe são As Imbatíveis, e, através da pintura, Silvério Siteo resolveu prestar-lhes o seu tributo, uma louvável gota no oceano. Há que se fazer mais...

Texto & Foto: **Inocêncio Albino**

Gente há que a falar de forma bonita e delicada – a pintura é uma delas –, quer fazer-nos perceber as atrocidades que assolam a nossa sociedade, acometendo algum segmento social ou todos. No entanto, também há pessoas que, por pura ignorância ou por algum propósito, ignoram o cerne da questão, abordando as artes plásticas (sobretudo na interpretação e disseminação da mensagem que contêm) como algo engraçado ou simplesmente decorativo.

Não se está a dizer, de nenhuma forma, aqui, que as obras de Silvério Siteo – cuja exposição o estimado leitor apreciou na última semana de Agosto – não aglutinam, em si, o lado engraçado e decorativo. Enfatiza-se, porém, que esse não é o aspecto essencial. Senão, para tal, desta vez, o artista não teria escolhido o mote As Imbatíveis.

O criador quis explorar os atributos femininos que, diariamente, constata na sociedade, como, por exemplo, o seu sorriso e a dança, a fim de enaltecer a força da mulher moçambicana.

É em resultado disso que, quando lhe solicitam a estabelecer alguma correlação entre a sua criação artística e o contexto social moçambicano – ainda bem que finalmente os beligerantes acordaram a paz – Siteo recorda-nos de que “já encontrámos mulheres com ligaduras no braço ou no pé (que, no dia anterior, haviam sofrido alguma atrocidade), no entanto, no dia seguinte, enfrentam os desafios da vida continuamente. Não desiste de lutar pela materialização dos seus sonhos e objectivos porque está febril ou ferida. Então, esta mulher é imbatível e é a ela que se homenageia nestas obras”.

Entretanto, ainda que esta mostra sirva, efectivamente, para exaltar a mulher – cada pessoa deve-se empenhar em enaltece-las de diversas formas possíveis, usando ferramentas muito peculiares. Dada a relevância do seu acto e da necessidade de se multiplicar esta mensagem, Silvério Siteo afirma “se me for permitido, espero que as obras sejam expostas noutros cantos do país onde, sem dúvida nenhuma, há pessoas interessadas em apreciá-las a fim de absorverem a mensagem aqui veiculada”.

Mas porque é que as mulheres são (ou podem ser consideradas) imbatíveis? A resposta é simples: “Ninguém consegue detê-las quando têm algo a realizar”. De qualquer modo, é preocupante notar que nas artes plásticas a presença da mulher “não é expressiva por causa do preconceito social que se atribui às artes desestimulando o seu envolvimento”.

No entanto, há que se reconhecer, “as mulheres que já estão envolvidas naquela forma de arte têm feito um trabalho belíssimo”. Logo, “a mulher exerce um forte papel nas artes plásticas moçambicanas na medida em que discute assuntos de grande relevância social incluindo os seus sentimentos. Então, ainda que numericamente reduzida, é fortíssima a presença da mulher nas artes no país”.

Reagindo em relação à mostra As Imbatíveis, certo apreciador de arte, cujo nome não apurámos, afirma que actualmente é muito difícil encontrar um pintor que saiba associar mulher, música e dança, incluindo os pequenos movimentos e desafios do dia-a-dia numa obra pictórica. É em resultado disso que faz uma crítica favorável: “Este artista moçambicano tem um traço bem firme, bem forte e muito bem feito – é por isso que eu acredito no seu talento”.



Arte

Partindo do princípio de que a arte é a força que nos permite contribuir para que a sociedade tenha um amanhã sempre melhor, Siteo tem a expectativa de que “as nossas mensagens sejam mais optimistas do que pessimistas”. Por exemplo, havendo pessoas que dizem que “educar a mulher é educar a sociedade, eu também acho que homenagear a mulher é homenagear a sociedade porque todos viemos da mulher”.

Tendo em conta que a maioria das suas obras aglutina cores vivas – amarelo, vermelho, laranja – a aparição do cinzento faz uma diferença que chama a atenção do apreciador. Questionámos o artista sobre a aplicação que faz em relação a esta coloração.

Segundo Siteo, o cinzento está associado à viola, ao som, para significar algu-

ma sonoridade que nasce a partir das cinzas. Da mesma forma podemos visualizar, em certo sentido, a mulher porque “sabemos que há vezes em que elas se debatem com dias difíceis. No entanto, dificilmente, deixam de sorrir porque possuem uma musicalidade que lhes caracteriza”.

Por outro lado, diz o artista que laranja é para si “uma cor que transmite uma energia positiva, a esperança, induzindo as pessoas à alegria e à felicidade. Quando falo da Marrabenta, refiro-me à música, tendo em conta que esta coloração – incluindo a vermelha e a amarela – tem uma vibração complementar à expressão das obras, despertando as pessoas”.

Na exposição As Imbatíveis, há uma dualidade de grupo de cores, por um lado, vivas – amarela, laranja e vermelha – e, por outro, apagadas – preta e cinzenta – o que nos faz pensar que a mostra está dividida em duas partes. Esta realidade é explicada com base no processo da depuração da forma que ocorre naturalmente.

É que, diz Silvério Siteo, “muitas vezes, a depuração consiste em dispensar todos os elementos supérfluos do desenho a fim de registar apenas o essencial, marcando a tela com um traço e, mesmo assim, conseguir reforçar a expressão que se torna simples e bonita. A cor cinzenta, que resulta, é neutra transmitindo a calma, além de combinar com os temas que se discutem na mostra”.

Minibiografia

Silvério Siteo é profissional de artes plásticas. Nasceu no distrito de Panda, em Inhambane, em 1967. O artista participou em exposições dentro e fora do país, tendo cursado Desenho na Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane, em 1985. Entre 2000 e 2001 foi distinguido com o galardão Pintor do Ano em Moçambique, no Prémio Personalidade.

Sobre a mostra As Imbatíveis, Siteo afirma que “nas minhas telas a mulher aparece associada à música e à Marrabenta, três armas indispensáveis para libertar um mundo onde o ódio e o pecado não têm lugar. Com o seu passo de dança são capazes de amolecer corações insensíveis e derreter o mais gelido dos glaciares”.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornalVerdade

FACTO

A verdade em cada palavra.

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.

A dança, o outro lado da moçambicanidade

Em cena, uma sequência de movimentos expansivos, gestos pequenos e subtis, quedas agressivas e imediatas ocupam o palco em combinações de solos, duos, trios e/ou quartetos. As crianças, os jovens e os velhos dançam. Os fãs gritam, aplaudem, emocionam-se acompanhando com ternura os compassos. É a dança. O outro lado da moçambicanidade.

Texto & Foto: Reinaldo Luís

Se, por um lado, no alinhamento das artes, a dança é considerada a segunda manifestação artística dentre as sete, por outro, nas comunidades mais longínquas, é vista como a primeira modalidade pois, como afirma Luís Chiledena, “ela demonstra a identidade de um povo, a partir dos seus hábitos e costumes, a sua história e os seus sonhos”. A dança, esse laço que une gerações, satisfaz diversas demandas de um povo.

Nas vésperas do recém-terminado VIII Festival Nacional da Cultura, vários grupos oriundos das zonas rurais Moçambique mostraram o seu potencial a esta manifestação artístico-cultural. Nesse sentido, o bailado, uma fonte de inspiração e união entre as nações, constituiu o cardápio principal do evento.

Um misto de chutos, berros, cambalhotas e de gingares – que se manifestam a partir da dança – são o motivo para a congregação de pessoas num lugar determinado. Os bailarinos revestem-se de peças apropriadas e apresentam-se como animais. Às vezes são serpentes, materializando actos delicados e astuciosos ao mesmo tempo que nos dão a ideia da fúria de leões e de patifes.

Os ‘milagres’ de Tafala

Entusiasmar, assustar, enamorar, mexer e dançar são os principais atributos manifestados pelos bailarinos do Grupo de Dança Tafala da província de Tete. Composto por jovens e adultos, no seu baile, esta colectividade simula as violações sexuais e as agressões físicas. A dança chama-se Katekwe e confunde-se com uma autêntica terapia.

O representante do Grupo de Dança Tafala, Luís Chiledena, pratica Katekwe desde a sua adolescência. Embora seja deficiente físico de nascença, ele é uma espécie de autoridade artístico-cultural: “Danço Katekwe há bastante tempo. Quando me vêem, pela primeira vez, a entrar no palco, as pessoas subestimam-me. Os que me conhecem já sabem. Não sou homem de decepções. Faço o que todos conseguem fazer com perfeição”.

De acordo com Chiledena, a dança é praticada nas zonas mais afastadas das cidades, incluindo em rituais fúnebres: “Tal como fazem alguns crentes que, aquando do desaparecimento físico de uma pessoa próxima, vão à casa, rezam e cantam, nós dançamos para consolar a família e despedirmo-nos do morto”.

Nesse contexto, “as crianças não podem fazer parte dos agrupamentos. Não há exclusão de sexo e nem de idade, mas é preciso que se tenha em conta a vulnerabilidade dos fedelhos. O bailado pratica-se mais nos cemitérios e é inconcebível que os petizes frequentem esses lugares”.

Para além de celebrarem a morte, segundo Luís, os bailarinos dançam em tributo à fermentação de determinadas bebidas tradicionais. Nas festas. Contudo, para celebrar os momentos ao ritmo de Katekwe é imprescindível que se seja um casal. Os passos agressivos e muito fortes representam o sexo, o prazer e o assédio.

“As canções de Katekwe falam sobre ‘Madavala’ e a morte. Por exemplo, no título ‘Xicotocoto’, falamos acerca de um feiticeiro que andava na calada da noite a matar os filhos dos outros”. O Grupo de Dança Tafala existe há bastante tempo na província de Tete, enfrentado alguma dificuldade no que diz respeito à expansão da sua dança para outras regiões.

As autoridades de Salulu

Contrariamente ao que se assiste na dança Katekwe, praticada em Tete, em que só os adultos lideram os palcos, no Salulu, um baile típico da província de Cabo-Delgado, as crianças assumem



o protagonismo. São petizes com idades compreendidas entre os sete e os 15 anos que, no balançar das ancas e de todos os músculos, essa capacidade incrível que os miúdos têm de acompanhar as cadências, movem o seu corpo e surpreendem quem quer que seja.

De acordo com Marcelino Laba, o representante do agrupamento, a particularidade de Salulu verifica-se a partir da inclusão de crianças, de alguns utensílios pouco usados em algumas danças e da autenticidade dos passos. “É uma dança que se pratica nas cerimónias tradicionais e nos tempos de lazer para alegrar as pessoas”.

No Salulu, para a execução dos passos, as crianças vestem-se de roupas coloridas, incluindo lenços, chocalhos e ferramentas de caça. As melodias versam sobre a unidade nacional, a beleza dos rios, da terra e são entoadas na língua macua.

Um baile de mulheres

Usando a gíria popular, as pessoas quando pretendem delinear as fronteiras afirmam que “cada macaco no seu galho”. Esse adágio, que nos sugere outras orientações na sociedade,



é igualmente usado na dança.

No Lutimbo, um bailado da província de Cabo-Delgado, mais do que que respeito exige-se que as pessoas reconheçam o seu lugar na sociedade, sem se intrometer? em assuntos alheios, sobretudo quando não lhes compete. É o mesmo que dizer “cuide da sua vida que eu cuidarei da minha”.

Segundo Marcelino Laba, Lutimbo é um baile feminino. Pratica-se quando as meninas voltam dos ritos de iniciação e no último dia da estada em lugares incertos. Então, baila-se quando as iniciadas se juntam.

“Quando as meninas voltam dos lugares incertos, onde aprenderam preceitos sobre a vida, organiza-se uma festa em que são recebidas pelos bailarinos. Na cerimónia, até se oferecem prendas. Consideram a transição de uma menina simples para a iniciada uma passagem de uma vida para a outra. O término de um aprendizado”.

Porém, tal como acontece no Katekwe, no Lutimbo a idade é rigorosamente controlada. Para se fazer parte de qualquer agrupamento que pratica a referida dança, exige-se que os petizes tenham entre 10 e 14 anos de idade.

De acordo com Laba, embora seja divulgada constantemente na província de Cabo-Delgado, a dança tem um segredo que os praticantes escondem: “Por isso não vou revelar, mas deve-se ao distanciamento a que as crianças são sujeitas quando partem para as comunidades mais longínquas e impedidas de fazer o que mais gostam. Então, quando regressam fazem tudo o que lhes apetece”.

Questionado sobre o contexto histórico do surgimento desse bailado na sua comunidade, Laba afirma que no mato tudo nasce por vontade da comunidade. Não há nenhuma história registada sobre o seu aparecimento.

Um outro aspecto marcante no Katekwe tem a ver com a inclusão de meninas. Segundo explica Marcelino, não é admissível que uma rapariga volte dos ritos de iniciação e seja recebida por homens.

E argumenta: “As meninas criam vivacidade. O homem não tem o hábito de mexer as ancas como as raparigas fazem. As miúdas estimulam e mostram a beleza. A mulher é o ser mais belo, principalmente quando dança”.

No que diz respeito à aceitação do Lutimbo na sociedade, Laba acredita que “é recebido, mas antigamente havia uma resistência, como se fosse um segredo que as pessoas preferiam esconder pelo resto da vida. Nessa altura, os praticantes não gostavam de dançar de qualquer maneira, senão nos ritos de iniciação”.

Portanto, “tudo parte da educação da criança, no geral, e da mulher, em particular. Porém, acho que esse secretismo se deve ao facto de se esconder igualmente a prática de ritos de iniciação”, diz Marcelino.

Mataram o Cão-Tinhoso e nós nascemos das suas cinzas

O relançamento da obra Nós Matámos o Cão-Tinhoso, de Luís Bernardo Honwana, ocorrido em Maputo, meio século depois da sua criação, é considerado um evento celebrativo. É que a criação continua a mexer com o imaginário de muitos leitores, instalando-se-lhes inúmeros problemas, não obstante o contexto – perturbador e de opressão do sistema colonial português – em que se gerou o livro, há 40 anos. Entre a grande expectativa que se tem em relação ao livro – a necessidade de se tornar, mais uma vez, a predileta no ‘must read list’ de qualquer moçambicano que se preze – e os motivos que fizeram com que ela marcasse gerações há uma grande pergunta: Que novas imagens a obra é capaz de criar no imaginário do leitor?

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Ao associar a necessidade de se reposicionar o livro Nós Matámos o Cão-Tinhoso, na lista dos mais lidos no país, o secretário-geral da Associação dos Escritores Moçambicanos, Ungulani Ba Ka Khosa, argumenta: “É uma obra pendular que marca a modernidade da literatura moçambicana, porque de há alguns anos para cá (por razões cujo controlo nos foge) ela desapareceu do circuito escolar, o que faz com que os alunos não tenham a sua referência”.

Além de importante é simbólico que isso ocorra, porque – como diz o autor de Ualalapi – se “eles mataram o Cão-Tinhoso, nós nascemos das suas cinzas. Ou seja, quando falamos da prosa, a literatura moçambicana tem como suporte os nossos ancestrais e aqueles a quem prestamos tributo são, sem dúvida nenhuma, Luís Bernardo Honwana, José Craveirinha e Malangatana nas artes plásticas”.

O que se pretende explicar, aqui, é que embora seja verdade que muito antes destes autores houve outros precursores como, por exemplo, João Dias, autor da obra Godido e Outros Contos, Luís Bernardo Honwana e a sua obra têm a particularidade de nos darem as balizas daquilo que, por ventura, veio a ser a nossa literatura.

Além dos mais, Nós Matámos o Cão-Tinhoso é uma obra constituída por diferentes histórias que fazem a focagem do quotidiano no microespaço – a família, o trabalho, os bairros – e isto acaba por ser uma fotografia de um tempo, o colonial, com todos os conflitos que o caracterizaram. Trata-se de um misto de realidades marcantes e comoventes para quem lê o livro, na medida em que despoleta consciências, mantendo-o actual.

A Perenidade

Em relação a este tema, que factores contribuíram para que Nós Matámos o Cão-Tinhoso se mantivesse actual? O professor de literatura, Aurélio Cuna, afirma que “a perenidade de uma obra literária é intrínseca à respectiva criação”.

O docente enfatiza que “costumamos dizer, sem grandes argumentos, que se uma obra literária se mantém perene é porque, de facto, ela possui atributos literários que asseguram a sua eternização. E aquela que se perde, no curso do tempo, algo teria acontecido no processo da sua criação ou, se calhar, na crítica”.

Talvez seja por essas razões que, no entender de Ungulani Ba Ka Khosa, a obra de Luís Bernardo constitui uma espécie de pedra angular da nossa literatura: “Independentemente das linhas que se seguem, na actualidade, na narrativa moçambicana, se olharmos para a



nossa ancestralidade percebemos que a criação de Luís Bernardo é marcante sob o ponto de vista do conhecimento da nossa história literária”.

Para se ler

Como sempre foi apanágio da história da Imprensa, primeiramente os textos dessa obra circularam nos jornais. Talvez, em 1964, esta obra não tenha sido de leitura obrigatória, mas o facto de ela ter sido publicada nesse ano – altura em que havia uma censura profunda – é significativo, porque o livro era ideologicamente questionável. O próprio autor refere, numa entrevista, que a publicação do livro foi motivada por interessados a partir de fora de Moçambique que tinham lido um dos seus contos. As pessoas, em referência, fizeram de tudo para que se publicasse Nós Matámos o Cão-Tinhoso.

“Depois da independência, em 1975, os seus contos promoveram-no ao estatuto de um livro de leitura obrigatória por fazer um recorte temporal da nossa história que era preciso que fosse transmitida aos jovens, sobretudo o espírito de nacionalismo”, refere o professor Cuna.

“Esta obra não morre e cada vez que se fala sobre ela, o interesse de absorvê-la cresce. Como pude perceber, o seu relançamento foi acompanhado de uma grande expectativa porque ela fala sobre nós”.

É por essa razão que a expectativa é grande em relação ao projecto da sua recolocação no topo das obras mais lidas no país. Como argumenta Aurélio Cuna, as razões são simples: “Esta obra não morre e, cada vez que se fala sobre ela, o interesse de absorvê-la cresce. Como pude perceber, o seu relançamento foi acompanhado de uma grande expectativa porque ela fala sobre nós. Diríamos até que se trata de um nós que vem de trás para a frente. Portanto, ela consegue antever um novo cenário político e social em Moçambique”.

Atentos ao futuro

Há, sem dúvida nenhuma, várias formas de interpretar – e criar imagens a partir dos contos que constituem – a obra Nós Matámos o Cão-Tinhoso. E este livro, rompendo com as ideologias viventes na época colonial, abriu campo para se pensar as relações humanas de forma diferente e até melhor.

Por exemplo, diz o professor Cuna, no conto As mão dos pretos, há uma passagem em que os personagens chegam à conclusão de que todos, independentemente da raça, “somos iguais. A diferença é que uns pensam de uma maneira enquanto outros de outra. Ora, antes de 1964, altura em que o sistema colonial português contribuiu para que as diferenças raciais enraizassem a segregação

sociais, era impensável falar sobre a igualdade entre as pessoas”.

Por exemplo, a escritora moçambicana Lília Momplé, que foi docente de língua portuguesa, encontrou nesta obra o material para ministrar aos seus alunos. Sobre a sua experiência reporta o seguinte: “Recordo-me de que pela primeira vez que o li, fui confrontada com um livro verdadeiramente moçambicano. Uma obra de ficção em que os personagens são africanos e moçambicanos e não sombras – como acontecia com muitos livros que eu absorvia de autores estrangeiros, em que o africano aparecia sempre como uma silhueta e não como o protagonista da história”.

Como se sabe, a sombra sempre faz com que os objectos tenham mais destaque. Contrariamente, com este livro, “pela primeira vez, aparecem personagens genuinamente moçambicanos, o que foi maravilhoso. Além do mais, sempre que fizéssemos a encenação dos contos de Nós Matámos o Cão-Tinhoso, os meus alunos ‘deliravam’ porque se reconheciam naqueles personagens. Nesse sentido, este é um livro que deve ser consumido continuamente”.

Imagens do passado

Uma das questões que nos colocamos tem a ver com o tipo de novas imagens que a leitura deste livro, actualmente, é capaz de gerar no imaginário do leitor. A resposta só pode surgir depois de várias leituras.

Diz o seu autor que “o carácter simbólico das histórias, que toda a gente pressente, leva a todo o tipo de hipóteses, e aí temos no Cão-Tinhoso uma espécie de texto cabalístico a reclamar esforços de decifração. Esta situação tem a ver com as características próprias do texto, decorrendo, naturalmente, do facto de o livro ter surgido num momento particular do nosso processo sociopolítico”.

Luís Bernardo Honwana admira-se com o facto de que a mesma curiosidade que têm as pessoas comuns, a suspeita de o Cão-Tinhoso ser mais do que aquilo que é dito no texto, “tiveram os meus interrogadores da PIDE. A diferença é que eles não queriam apenas que eu lhes dissesse o que é que significa o Cão-Tinhoso – queriam que eu confessasse”.

Nesse sentido, a enfatizar a singularidade da obra, Ungulani Ba Ka Khosa afirma que “quer queiramos quer não, quer gostemos do homem Luís, quer não, o seu livro é um marco, uma referência na literatura moçambicana”. Por sua vez, a autora de Suhura, Lília Momplé renova as suas expectativas: “Espero que este livro não desapareça como, muitas vezes, aqui acontece: as boas obras desaparecem a favor daquilo que não presta”.

A marcar o ponto

O novo Woody Allen tem pouco de novo – uma comédia agradável que parece feita em piloto automático.

Texto & Foto: Revista Ípsilon

A sensação de Woody Allen “marcar o ponto” anualmente com mais um filme não é coisa de hoje. Há mais de 30 anos que é assim, com o cineasta americano a fielmente lançar um filme por ano como se nada tivesse mudado desde os seus tempos áureos. Talvez por contraponto ao muito actual (e muito intrigante) filme imediatamente anterior, *Blue Jasmine* (2013), *Magia ao Luar* é uma obra assumidamente “antiga”: uma aproximação à comédia *screwball* dos anos 1930, com um ilusionista misantropo e empertigado convocado por um velho amigo a fim de “desmascarar” uma pretensa *medium* que está a fazer furor na Côte d’Azur.

Magia ao Luar recicla abertamente as coordenadas de dois dos seus filmes menores recentes — o meio do ilusionismo que servia de pano de fundo a *A Maldição do Escorpião de Jade* (2001) e a *Scoop* (2006) — com um olhinho posto no Pigmalão de George Bernard Shaw (quase jurávamos que Colin Firth baseou o seu ilusionista narcisista no professor Higgins tal como Rex Harrison o imortalizou na versão musical *My Fair Lady*). Não é um filme atípico do realizador, porque a

questão central que norteia o guião é o eterno diálogo entre fé e razão, crença e pragmatismo — e parte da graça vem do confronto, muito *screwball*, entre Sophie, a encantadora americana a que Emma Stone dá luminosa vida, e Stanley, o resmungão resolutamente materialista que Firth encarna como um *gentleman* inglês da velha escola.

Há, contudo, um “mas”: apesar da pontaria no elenco (Firth e Stone são um casal pouco óbvio mas estão impecáveis, e a veterana Eileen Atkins é extraordinária no único dos papéis secundários com um mínimo de peso), e apesar da fotografia luxuosa de Darius Khondji, *Magia ao Luar* está longe de ser um Allen *vintage*. Preguiçoso na encenação, previsível no argumento, surpreendentemente anónimo no modo como o ecrã panorâmico e os movimentos de câmara parecem estar lá mais para “encher o olho” do que porque a história o peça, este é mais um Allen em “piloto automático”. Suficientemente despretenso e agradável para se ver sem fastio; e isso só é um problema porque continuamos sempre a esperar de Woody Allen que não se limite a “marcar o ponto”.



Punk is dead

O novo disco de J Mascis arranca bem, mas a meio afoga-se nos anos 60. E de lá não quer ser libertado

Texto & Foto: Revista Ípsilon

O que foi o punk? Para as cabeças pensantes que, verdade seja dita, nunca apreciaram muito o dito sujeito, foi uma atitude que libertava a música de espalhos circunstanciais, que rejeitava as regras do momento. Enfim, o punk podia ser tudo e não era nada. Uma visão mais “musical” propunha outra noção: ao punk corresponderia um som ou, pelo menos, a dilatação arrogante e adolescente de um som. Ora foi esse som que, em momentos diferentes, entusiasmou gente como David Bowie, Richard Thompson, Neil Young ou Ian Curtis, e é também esse som que não se ouve numa boa parte do indie-rock americano actual. Tudo isto vem a propósito do novo disco de J Mascis, obra agradável e tépida que existe como se o punk (incluindo o dos Stooges) nunca tivesse existido.

É verdade que, quando a solo, Mascis teve sempre a tendência para abandonar a distorção e o barulho, colocando o seu falsete e a candura das cordas em primeiro plano, mas o sobressalto que o disco provoca não pode ser ignorado: e se as personagens principais do *underground* americano fossem, afinal, tímidos saudosos dos anos 60, ansiosos por mostrar ao mundo que a sua linhagem era outra. Qual? A dos *songwriters* que medraram entre Greenwich Village e Laurel

Canyon. Não é um cenário terrível, apenas razoavelmente lamentável — mas o tempo também pesa pelos corpos.

Sobre Tied to a Star escreva-se que J Mascis continua a desenhar melodias muito bonitas, que a sua voz ainda exprime a doçura e a preguiça que seduziram os My Bloody Valentine e Paul Smith. São atributos que se ouvem, transparentes, em *Me again* e *Every morning*, temas que reivindicarão espaço — merecido — num vinodouro *best of*. *Heal the star* é outra bela faixa, com as guitarras e o falsete a recontarem a trajetória que Mascis iniciou em 2000, e com Stumble chega a pérola pop do álbum: Mascis transforma-se em Barlow e volta a ser Mascis enquanto as guitarras acompanham, em coro, o jogo de máscaras. Mas a partir daqui o guitarrista dos Dinosaur Jr. perde-se nas ficções dos anos 60 e 70, entretido em arranjos mornos (*Trailing off*), solos decorativos e percussão que exala incenso (*Drifter*). Sem a energia que ainda afluía a primeira metade do disco, Tied to a Star é uma boa companhia a caminho da praia, mas não faz a viagem de regresso.



Beyoncé invade casamento de biquíni na Itália

A cantora passeava com Jay Z por Portofino, no norte do país, quando decidiu entrar numa igreja — sem saber que acontecia uma cerimónia no local.

Texto & Foto: Revista Veja

Noiva nenhuma gosta de ver penetras no seu casamento — a não ser que a invasora seja Beyoncé. A cantora, o marido Jay Z e a filha do casal, Blue Ivy, estão a passar férias na comuna de Portofino, no norte da Itália, após a maratona de trabalho da digressão conjunta On the Run.

Beyoncé e o rapper passeavam pelas ruas do local quando viram uma pequena igreja e decidiram conhecê-la. Ao perceber que ali acontecia um casamento, entraram, mesmo estando em trajes de banho: Beyoncé de biquíni e Jay Z de bermuda. As informações são do site da revista americana Elle.

A noiva não só deixou de lado o facto de ter sido ofuscada por Beyoncé no seu próprio casamento como aproveitou para, toda tiete, tirar uma foto com a cantora. Depois, o casal voltou ao seu iate, onde passou a tarde com a filha.



Até meio bilhão de pessoas em 119 países, núO CD, disponível até 13 de Outubro no iTunes, teve o maior lançamento da história.

Texto & Foto: Revista Veja

mero de usuários da loja virtual iTunes, pode ter assistido nesta terça-feira à chegada do novo ál-

De surpresa, os U2 lançam disco para meio bilhão de pessoas

bum do grupo U2, Songs of Innocence, lançado com pompa e circunstância durante a apresentação feita pela Apple dos seus novos aparelhos. Foi o maior lançamento de um disco na história.

A obra estará disponível aos usuários até 13 de Outubro no iTunes. Segundo o U2, é um mergulho nas suas influências mais remotas, como Ramones, Bob Dylan e The Clash, assim como nos seus anos iniciais em Dublin, Irlanda.

O lançamento surpreendeu os fãs que esperavam apenas uma canção inédita na festa (Overload, que eles tocaram com efeitos electrónicos

e em altíssimo volume), comandada pelo PCA da empresa, Tim Cook, em Cupertino, Califórnia. “Nós somos o sangue nas suas máquinas, oh, mestre Zen Tim Cook”, disse Bono, dos U2. As duas partes envolvidas, Apple e U2, fizeram suspense. Bono disse a Cook: “Você consideraria a hipótese de colocar Songs of Innocence à disposição, de graça, em 5 segundos?”. Cook respondeu: “Sim”.

A apresentação dos novos iPhone com telas maiores, chamados iPhone 6

e iPhone 6 Plus, foi acompanhada por legiões

de amantes da tecnologia. Os novos aparelhos inteligentes superaram os actuais iPhones de quatro polegadas.

A parceria com os U2 é antiga (e milionária, claro), e incluiu comerciais de televisão, a primeira edição do iPod e outras iniciativas. “A música corre profundamente no DNA da Apple. Corre no coração de nossos produtos. A Apple mudou o modo de as pessoas ouvirem música umas década atrás, e o iTunes tem sido o centro dessa experiência”, disse Cook.

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

A Antártida é a única parte do nosso planeta que não pertence a nenhum país. Coberta por noventa por cento de gelo, também representa sessenta por cento de toda a água doce do mundo.

A ilha mais pequena que tem o estatuto de país independente é Pitcairn, na Polinésia, com somente 4,53 Km2 de superfície.

A primeira cidade a alcançar uma população de um milhão de habitantes foi Roma, no ano 133 a.C.

Depois de Varsóvia, Chicago tem o maior número de polacos do mundo.

O nome completo de Los Angeles é "El Pueblo de Nuestra Señora la Reina de Los Angeles de la Porciúncula" e é geralmente abreviada em 3,63% do seu tamanho: "LA".

Não há lagos naturais no Estado de Ohio, pois todos foram feitos pelo homem.

PENSAMENTOS...

- O êxito tem muitos inimigos.
- Se mais valor queres ter, deves pouco aparecer.
- A mesma árvore dá frutos doces e amargos.
- Não há atalho sem trabalho.
- A barba não faz o filósofo.
- Não turves a água que vais beber.
- O mau ouve o mal, o bom ouve o bom.
- A quem quer bem, nada o detém.
- Dois bicudos não se beijam.
- Não fazer nada também cansa.

SAIBA QUE...

Onegro tem o cabelo muito encaracolado porque essa é uma característica das populações que, durante a evolução, habitavam regiões de clima quente. O cabelo muito crespo consegue manter uma camada de cerca de cinco centímetros de

ar entre a cabeça e o ambiente, protegendo a pessoa do calor. Como isso é hereditário, mesmo migrando para regiões menos quentes, ainda que por bastante tempo, os indivíduos de raça negra manterão este tipo de cabelo.

NESTA SOPA DE PALAVRAS DESCUBRA AS CAPITAIS DOS SEGUINTE PAÍSES:

Albânia · Azerbaijão · Baamas · Benin · Burkina Faso · Eritreia · Islândia

B	Z	C	B	E	F	H	A	S	T	I	R	A	N	A	Q	U	E	X	W	D	J	K	L	B	A	P	D	M	G
V	M	O	J	K	Y	T	D	A	G	E	O	A	B	P	R	E	C	I	S	A	F	G	Q	S	P	B	A	C	U
N	A	S	S	A	U	X	O	I	H	P	R	E	S	E	R	V	A	T	Y	R	B	R	O	K	O	V	D	K	P
R	U	G	Q	S	E	T	E	T	V	D	B	K	C	V	C	O	T	O	N	U	R	U	C	J	X	R	O	H	W
A	Z	U	A	G	A	D	U	G	U	W	A	U	T	A	R	Q	U	I	A	S	T	R	S	W	T	J	E	R	D
V	C	S	T	E	F	S	H	R	C	O	N	Q	U	I	S	T	A	D	A	J	D	E	Q	A	S	M	A	R	A
T	E	T	R	E	I	Q	U	I	A	V	I	Q	U	E	C	J	D	E	F	L	O	S	E	T	V	D	B	K	t

Cartoon



HORÓSCOPO - Previsão de 12.09 a 18.09

carneiro
21 de Março a 20 de Abril

Finanças: O aspeto financeiro poderá constituir um problema para os nativos deste signo. Pense que com uma boa gestão das suas finanças poderá ultrapassar esta semana sem preocupações de maior. A tendência é que a partir de quinta-feira a situação começará a melhorar.

Sentimental: Este aspeto durante toda a semana poderá ser uma tábua de salvação para outras questões menos agradáveis. Aproveite da melhor maneira todos os momentos que lhe possibilitem gozar a companhia do seu par.

touro
21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: As suas finanças atravessam um período um pouco complicado e é aconselhável que pondere muito bem todas as ações que envolvam despesas e investimentos. A sua tentação para despesas supérfluas deverá ser muito bem controlada.

Sentimental: Na sua relação sentimental tente evitar a rotina. Seja imaginativo e convide o seu par para sair, jantar fora, passear um pouco e acima de tudo conversar sobre os problemas que os poderá ter feito cair nesse ambiente rotineiro.

gémeos
21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Use de grande prudência em tudo o que se relacione com questões de dinheiro e operações financeiras. Não gaste mais do que o aconselhável e não aceite nenhuma proposta que envolva esta área.

Sentimental: O seu relacionamento sentimental poderá ser um motivo de equilíbrio e estabilidade durante toda a semana. Divida com o seu par os seus projetos e problemas. Basta um pouco de ternura e compreensão para ter todo o apoio e simpatia do seu par.

caranguejo
21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: Semana regular em termos financeiros. No entanto, pode ser confrontado com algumas despesas um pouco inesperadas. Seja prudente nas suas despesas e evite proceder a qualquer tipo de aplicação ou investimento.

Sentimental: A sua relação sentimental merece uma atenção muito especial. Seja mais carinhoso com o seu par. Não menospreze as opiniões do seu par e com um diálogo franco e aberto poderá inverter a tendência deste aspeto.

leão
22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: As suas finanças mantêm-se em baixa e terá fazer uma boa gestão para ultrapassar este aspeto sem que ele tenha influência negativa no seu sistema emocional.

Sentimental: A sua relação sentimental deverá ser encarada como uma das formas de recuperar a força anímica que tanta falta lhe faz. Aproxime-se do seu par, abra o seu coração, exponha as suas carências e frustrações. Vai valer a pena.

virgem
23 de Agosto a 22 de Setembro

Profissional: Tenha uma visão de futuro no que lhe vai surgindo e crie bases que consolidem os seus projetos. Mantenha-se atento aos colegas, alguém por inveja, poderá prejudicar os seus interesses.

Finanças: Uma ligeira tendência para melhorar os aspetos financeiros fará com que a sua disposição se altere. Uma boa altura para pequenos e médios investimentos. Se pretender e puder, esta é uma altura muito favorecida para iniciar uma conta poupança.

balança
23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Será uma semana muito positiva e tudo o que se relacionar com dinheiro não será motivo de preocupação. Os seus lucros caso trabalhe por conta própria poderão aumentar. Se trabalhar por conta de terceiros um aumento salarial poderá verificar-se.

Sentimental: Este aspeto requer alguma atenção e muita sensibilidade. Não crie problemas onde eles não existem e mantenha a sua confiança no seu par. Cenas de desconfiança e ciúme poderão estragar a sua semana.

escorpião
23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Caracterizadas por algumas dificuldades não irão contribuir em nada para uma mudança do seu humor. Tente raciocinar com lógica e concluirá que a sua má disposição em nada modificará este aspeto.

Sentimental: Seja paciente e raciocine pela positiva. Se for agradável com o seu par a ajuda não se fará esperar e tudo terá um aspeto mais simples e fácil de suportar. Os que não têm par assim deverão continuar uma vez que este aspeto não se encontra favorecido.

sagitário
22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: As suas finanças poderão ser motivo de algumas preocupações relacionadas com despesas que terá que fazer. Estas despesas, embora já estivesse a contar com elas poderão causar algumas dificuldades. Tente gerir este aspeto com a maior lucidez.

Sentimental: Um despertar para os encantos do seu par poderá tornar esta semana muito gratificante. Grande entendimento e uma forte atração contribuirão para que este período se torne num manancial de prazer e amor.

capricórnio
22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: O sector financeiro poderá ser confrontado com alguns problemas. Tente gerir muito bem este aspeto e não gaste mais do que o necessário.

Sentimental: Este aspeto poderá ser o seu ponto de equilíbrio. A sua relação será marcada pela compreensão pela parte do seu par e essa ajuda minimizará os outros aspetos menos favorecidos. Os que não têm par poderão conhecer alguém com muito interesse.

aquário
21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Tudo o que envolva dinheiro e assuntos relacionados com operações financeiras passa por um período preocupante e com algumas dificuldades em matéria de cumprir com os seus compromissos.

Sentimental: Não torne a sua relação como culpada de tudo o que lhe acontece. Tenha uma visão positiva da sua companhia e que o seu par poderá ser a pessoa mais indicada para o ajudar a ultrapassar estes momentos.

peixes
20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Não se pode considerar que atravessa um momento muito favorecido. Deverá gerir bem o seu capital e evitar as despesas desnecessárias.

Sentimental: É neste aspeto que encontrará a paz e a harmonia tão necessária. O entendimento com o seu par é quase perfeito e com um pouco de imaginação poderá tornar este aspeto francamente agradável e relaxante.



goste de nós no
acebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Segue no Twitter @DemocraciaMZ: Forças de Defesa e Segurança tentaram sem sucesso assaltar uma posição controlada pelo partido #Renamo nas imediações de Santudjira no centro #Moçambique



Ricardo Muchanga
Afrelimo eq fez,afrelimo eq faz,afrelimo eq mata. · 8/9 às 21:20



Felix Alexandre Raposo
Famba kunha wena guebuza uni madururu. · 8/9 às 23:17



Baptista Garai Chimoio
Tudo isso devido a nossa juventude k ainda n sabe definir o bm e o mal,,hje tamos assistir todos epsodios negativos k nossos partidos praticam,,xega dia de voto corremos depositar votos nos mesmos partidos, fungulani masso akulumwe · 8/9 às 22:36



Dornel Julião tai, ja começou, e agora!? vao mentir pra quem? purk kota DLAKAMA ja assinou. meus irmao no dia 15 d outobro façam boa escolha pensem nas voças familias por favor. · 8/9 às 22:21



Júlio Castigo
Castigo Nao sabem oki ta acontecer.me perguntam-me eu falo. · 8/9 às 21:45



Jorge Cuamba axo k sera preciso assinar novamente a AMNESTIA. Frelimo ek mata · 8/9 às 21:44



Donald Afonso Oliveira
Mas tao a procura de ke? Mas este governo tambem, ja assinou-se o acordo de cessar fogo e ainda continuam a brincar com fogo, e se fossem respondindos a tiros la uke diariam? · 8/9 às 21:41



Licinio Chambale DC
Cade' a tal referida paz em MOZ????? A FRELIMO e' k fez, a frelimo e' k viola leis..... Lol... · 8/9 às 21:31



Lizele Isaque Isaque
Onde que esta verdade ha paz ou nao · 8/9 às 21:21



Joakim Neves Neves
Nao ha paz, ainda ta xeio d mlitares em tdas matas d centro fortemente armados, alguns ate falam zulu e ingles... · Ontem às 6:57



Lizele Isaque Isaque
Serio isso ai · 16 h



Lina Zimbico
Zimbico A tal lei aprovada foi para quê? Parece que as leis só foram feitas para enfeitar o papel e nao para ser cumpridas. Para fazer campanha ha regras mas um cidadao começou ha muito tempo a se exhibir, dizem q nao se faz campanha na igreja mas na practica a coisa é outra. Que país é este? · 10 h



Ruben Paulo Tomossene
Nao basta so xtarmo a comentar isto mais akilo, é a hora d refletir e fazermox a escolha certa no dia 15 d outubro · 12 h



Silvio Trindade
Trindade A frelimo quer guerra para gueba continuar a maltratar o povo. · 12 h



Fungai Tique
PAPA DLHAKAMA nao podia sair na parte incerta antes de 15 de outubro istu e uma falha. · 13 h



Fausto Sithole
A FRELIMO NAO GOSTA DE PAZ EM MOÇB TEMOS K VOTAR OUTROS PARTIDOS · 18 h



Almeida Fabiao Munguambe
FADM é diferente de FRELIMO.... Frelimo é partido outra coisa nao sei. · 18 h



Eliseu Mateus Tamele
A frelimo E o que ela E e nao vai mudra... nos mocambicanos que estamos sempre a reclamar podemos mudar este senario E no dia 15 de Outubro que temos de votar diferente o nosso voto conta · 18 h



Eliseu Mateus Tamele
Isso E uma forma da frelimo domostrar que nunca esteve a favor da paz · 18 h



Gimo Dos Mazembe Frank
Nada de fazer campanhas aki facebook exa ai a renmo teria falado por ixo pa aind e falsidade apenx kerem rebaixar os outros ou fazer campanha... · 19 h



Helder Mavila
Mas esse povo k ja anda a faser barrulho bando de escovinhas nao percebem k a frelimo vai nos faser mal · 20 h



Lucas Silverio Zabuca
Malucu d frelimo vanda-los querem comesar denovo...? · 20 h



Samuel Massingue
Epah.. Eu pensei qui ja tinha terminado essa guerra.. se essa imformac@o for verdade a frelimo deve ser punida pelo povo nas urnas no dia 15 outubro. · 21 h



Philips Charamba
Mas esses das força querem receber muita mola nem? Quem trabalha recebe. Vamos ver onde vai chegar a frelimo é que fez a frelimo é q começa. Purah · 21 h



Valter Chiziane
EU sempre disse nao da para confiar na frelimo. o cota DHLAKAMA xta em perigo em aqui em maputo. · 22 h



Cristovao Manjate
Pocha esser filhos da patria amada gostam problemas. kerem incitar a violencia outra vez? · 23 h



Felisberto Filomeno
Mas qual é o problema? Afinal esses fadm querem o quê? Há bem pouco tempo ja foi assinado o acordo de cessar

fogo e ja em menos de 3dias rompem o memorando? · 23 h



Jorge Martyns
Ixo e logico kada kual brinca dakilo k tm.. Ox tm carrox fazem ralim e ox k tm arma dixparam · Ontem às 7:09



Gerald Herminio Jaime Jaime
filho d mae,dese comandant em chef,ds forcas d difesa e seguranc. q hoj fag isto,amanha fag aquilo... · Ontem às 7:07



Rozaque Faria Mulungo Chicuava
Dizem q a paz à paz em moçambique enquanto cheira por ai o fumo de arma d fogo posha pa, afinal q acordo assinaram guebuza com dhlakama? Sabem, aqueles q teme na frelimo segnifica o mesmo temer na morte. · Ontem às 6:32



Pido Domongos Napido Xicos
· Ontem às 6:30



Djama V. Rijama
Afinal esse seriado do filme: Santudjira-Mortal-Kombat ainda nao acabou ?????? · Ontem às 6:24



Manuel Ofeçe Tomé
Que brincadeira de mao gosto, uma vez na vida ter vergonha na cara oque vcs andam a fazer. · Ontem às 6:22



Jordao Augusto Suqueia Pj
Estao a espera de observadores internacionais · Ontem às 6:18



Abrão Paulo Munguambe
Confiança · Ontem às 6:17



Abrão Paulo Munguambe
Eshiii ta mal isto · Ontem às 6:17



Sitima Julio Nampuapua Dkm
Pora este moz ja exta mxm n merda agora kerem ok??? · Ontem às 6:13



Albino Arlindo Artur
Artur quando muitos comentavam, neste mural d JV nao acreditavam e atek julgavao aos outros agora ai stava a verdade. agora voce k decide a km votar e voce ira confirmar, é ja no proximo mes. · Ontem às 5:01



Ramilson Abias Bonachelo
Merda d gente isso nao é paz... Renamo o povo xta cm convosco · Ontem às 4:46



Aurelio Macamo
Mas uma provocacao do gueburro. Esse gajo é um louco pah... · Ontem às 4:40



Jose Neves
Esses gajos da, sao loucos pa · Ontem às 4:35



Gilson Remane da G-pro
Filhos da... voces vao ter k xplicar, como é k um país k nao produz vai se sustentar! · Ontem às 4:23



Percina Severiano
Paz · Ontem às 1:39



Arlindo Mahumane
Sanguesuga morde em ambas partes .she eu tao ja tao ja kerem recomesar · Ontem às 0:21



goste de nós no
acebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Segue no Twitter @DemocraciaMZ: “Espero que com o acordo que hoje assinamos se possa pôr fim ao Estado de partido único” Afonso Dhlakama #Moçambique — com Lucas Silverio Zabuca e Candido Cossa.



Tony De António Mahumane
Gostei em messo do discurso do Afonso Dhlakama · 5/9 às 12:54



Morguene Cama
Isso e" que se chama democracia, um país para todos, que ninguém viva mais que ninguém, que possamos comer a lembrar dos que vivem em arredores. · 6/9 às 18:12



Lack Mataya
Moçambicanos hj dia 5 de Setembro



Cláudio Cipriano Utelo
O dia de hoj devia se marcar como feriado Nacional tmbém · 5/9 às 15:59



Candido Cunbane
Um discurso diferente de todos os tempo, gostei. · 5/9 às 13:07



Chedinho Baltazar Chedinho
Viemos por este meio pra paz · 5/9 às 13:06



Isaac Ellen Joaquim
k bom · 5/9 às 12:53



Naldo Augusto Jacinto
Paz é o serio da vida mozambicano. · 8/9 às 8:35



Serjio Maluzane
Mzmbiq pr tdx, k bm · 6/9 às 22:17



Xavier Calavete Uassuque
Compatriotas,quem pode mostrar me um politico sério? Eu mostrarei uma prostituta virgem. Todos eles são farinha do mesmo saco, so a dietença da preparação. Foram 20 anos de uma paz sombra de repente tido virou a cabeça para baixo. Não ha nem um sequer sério,um deste se não conseguir com os objetivos,veremos de novo uma crise. Chamam dr tensão política, hostilidades, seja la o que for é nos estávamos em guerra, eu tenho amigos e familiares,que sofreram com esta,guerra ,que se chamou de tendao política, hostilidades militares sei la... · 6/9 às 18:02



Oliveira Martins
Ele e serio da quilo k prometeu pela paz. · 6/9 às 11:33

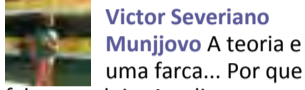


Sergio Manecas Muangule
viva a paz, o meu pais estava a precisar disto... · 6/9 às 8:24

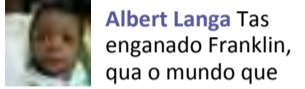


Paulo Nhamucho
Bem vindo mamo dhlaka eu ainda acredito no seu ponteçial pra

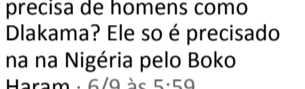
contrariar esses camaradas k se dizem donos d moz e da paz.... Sem voçe papai axitambomba lexi... Well come · 6/9 às 6:50



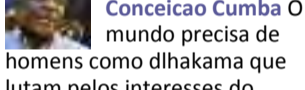
Victor Severiano Munjovo
A teoria e uma farca... Por que falar nao doi... A aplicacao e a accao veridica, por que a palavra dos politicos mocambicanos nao tem poder menos severidade. Tudo na aplicacao vai trazer o verdadeiro sentido desse acordo... Espero para verrr... Viva a meia Pazzzzz... · 6/9 às 6:07



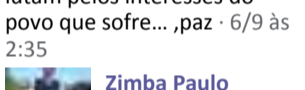
Albert Langa
Tas enganado Franklin, qua o mundo que precisa de homens como Dlakama? Ele so é precisado na na Nigéria pelo Boko Haram · 6/9 às 5:59



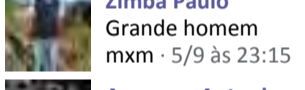
Franklin Da Conceicao Cumba O
mundo precisa de homens como dlhakama que lutam pelos interesses do povo que sofre... ,paz · 6/9 às 2:35



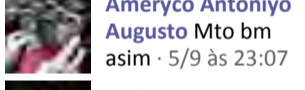
Zimba Paulo
Grande homem mxm · 5/9 às 23:15



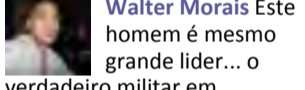
Ameryco Antoniyo Augusto
Mto bm asim · 5/9 às 23:07



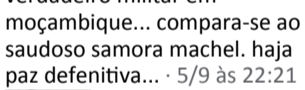
Walter Moraes
Este homem é mesmo grande lider... o verdadeiro militar em moçambique... compara-se ao saudoso samora machel. haja paz defenitiva... · 5/9 às 22:21



Benilde Mateus
Mateus É tdu que agente queria. · 5/9 às 21:22



Jacob Massenga Simango
PAZ please!o · 5/9 às 21:18



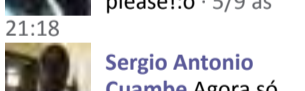
Sergio Antonio Cuambe
Agora só falta saber que recompensa terão os familiares dos que perderam vidas em Muchungé e de quem será a responsabilidade. A vida ã se paga é bem sabido mas reconhecer e amortecer oc corações dos moçambicanos assassinados sem culpas. · 5/9 às 20:14



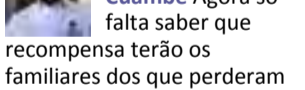
Manuel Ofeçe Tomé
Gostei. · 5/9 às 18:54



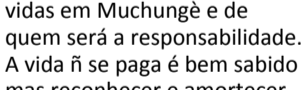
Fatima Hagy Abrao
Viva a Pazzzzz · 5/9 às 18:09



Felix Alexandre Raposo
Bem aja meu pai Dhlakama.o visionario corajoso. · 5/9 às 18:02



Humberto Cossa
Nunca vou acreditar neste grande assassino macaco quer dizer o gajo ta serio? · 5/9 às 16:57



Geremias Manuel
o problema é um dia vais acordar · 5/9 às 18:32



Nelio Ricardo Ndava
Mui grato pela sua colaboração a paz foi nosso desejo · 5/9 às 16:23



Jusseline Jacob Camotaa
K assim seja Lack Mataya · 5/9 às 16:12



Edgarda Lourenco Paunde
Paz paz paz · 5/9 às 15:43



Adérito Manjate
isso e muito bom · 5/9 às 15:37



Dionísio Chissano Nzuvanizzy Txeza
· 5/9 às 15:27



Mahala Pedro Muchanga
Ja tinham que desimar vidas humanas primeiro para o tal gesto? · 5/9 às 15:17



Gilda Jorge Camilo
Grxax a deus o pvo agrdx · 5/9 às 14:47



Ranger Mariano Rainde
Pai da democracia em Moz · 5/9 às 14:44



Ricastle Paulo Victorino Ricastle
Grande palavras do mestre, me covenceu mexmu · 5/9 às 14:44



Tigass Net
grande buda o cota DJAK, peace moz · 5/9 às 14:40



Elcy Da Costa Thekingelcy
Hehehehehe gostei o gajo vão lhe dar Bilhões pra deixar Mano Nhusy n site. Hallal · 5/9 às 14:34



Luísa Pereira
Pereira Parabéns a todos. Viva Moçambique... · 5/9 às 14:31



Félix Eusébio Deixa
Finalmente!!!! que bom! mais sentimos as perdas humanas. · 5/9 às 14:31



Fernando Chitoquisso
Eu fasso parte dos que gostam disto. forxa a economia mocambicana so tem a ganhar · 5/9 às 14:28



Isaías Nyamunda
Parabéns · 5/9 às 14:24



Edson Junior A
A esperanca ganha victoria xperamos k seja mesmo o fim, ds brincadeiras. dsses dois... · 5/9 às 14:24



Gloria Armando Gloria
O deus é o senhor, bem vindo a paz · 5/9 às 14:21



Andréo Zunguze
Finalmente aconteceu · 5/9 às 14:10



Lourenco Isaías Changua
O importante é a paz, o resto.... · 5/9 às 14:08



Abdul Mudanisse
foii bonito ver issu acontecerr · 5/9 às 14:03



Cassamo Aboobacar
Há 22 anos atrás tambem sentimos assim. Mas com andar de tempo alguns dão volta ao acordado. Espero k daki a 20 anos nao se volte a pegar em armas · 5/9 às 13:59

VERDADE

todos os dias

A verdade em cada palavra.

www.verdade.co.mz

facebook.com/JornalVerdade

twitter.com/verdademz